

PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS:
VARIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO NÃO-LINEAR**

Dermerval da Hora Oliveira

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Doutor em Letras

Orientadora: Profª Leci B. Barbisan, Ph.D.

Co-orientadora: Profª Leda Bisol, Ph.D.

Porto Alegre, outubro de 1990.

SINOPSE

Estudo das variáveis lingüísticas e extralingüísticas que favorecem ou inibem a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no dialeto falado na comunidade de Alagoainhas (BA), sob a perspectiva variacionista. Análise das atitudes lingüísticas dos falantes frente ao fenômeno lingüístico estudado. Estudo e representação da palatalização e despalatalização à da fonologia não-linear.

AGRADECIMENTOS

Agradecço:

- à Profa. Leda Bisol, pela cumplicidade na análise fonológica que aqui desenvolvo, e pela orientação cuidadosa do trabalho como um todo;
- à Profa. Leci Barbisan , pela orientação durante a realização do Curso, e também pelas observações feitas em relação a este trabalho;
- ao Prof. Fernando Tarallo, a quem devo os ensinamentos referentes à utilização do modelo da análise variaçãoista;
- ao Prof. Celso Luiz Lopes Rodrigues do Instituto de Informática da PUC-RS, pela orientação na fase do tratamento computacional dos dados;
- à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que me proporcionou a saída para aquisição de conhecimentos;

- à CAPES, pela bolsa concedida;
- à Laura Quednau, pela leitura cuidadosa da redação final deste trabalho;
- aos inúmeros amigos que, apesar de distantes, sempre estiveram comigo;
- aos amigos gaúchos que abrandaram as minhas saudades nordestinas;
- aos colegas da UFRGS e da PUC com os quais tive oportunidade de discutir as idéias desenvolvidas aqui;
- a todos os informantes e também aqueles que tornaram bastante agradáveis os dias que passei coletando os dados em Alagoianhas.

SUMARIO

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS	x
LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS	xiv
INTRODUÇÃO	1
1 A PESQUISA LINGÜÍSTICA	6
1.1 Introdução	6
1.2 Objeto de estudo	7
1.3 Definição operacional das variáveis	8
1.3.1 Variável dependente	8
1.3.1.1 Palatalização	8
1.3.2 Variáveis independentes	8
1.3.2.1 Lingüísticas	8
1.3.2.1.1 Contexto fonológico seguinte	9
1.3.2.1.2 Contexto fonológico precedente	10
1.3.2.1.3 Sonoridade	11
1.3.2.1.4 Tonicidade	11
1.3.2.1.5 Posição	12
1.3.2.1.6 Contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora	13
1.3.2.2 Extralingüísticas	13
1.3.2.2.1 Classe social	13

1.3.2.2.2 Sexo	15
1.3.2.2.3 Faixa etária	15
1.3.2.2.4 Estilo	16
1.4 Metodologia	17
1.4.1 População e amostragem	17
1.4.2 Seleção dos informantes	23
1.4.3 Instrumentos de pesquisa	25
1.5 Método de análise	27
Notas	32
2 A MUDANÇA LINGÜÍSTICA E A TEORIA DA VARIAÇÃO	33
2.1 Sobre à mudança lingüística	33
2.2 A teoria da variação	50
Notas	55
3 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS	57
3.1 Introdução	57
3.2 Classe social	58
3.2.1 Conceituação	58
3.2.2 Classe social e mudança lingüística em progresso ..	65
3.2.3 Análise e discussão dos resultados	71
3.3 Estilo	76
3.3.1 Análise e discussão dos resultados	82
3.4 Faixa etária	87
3.4.1 Análise e discussão dos resultados	92
3.5 Sexo	96
3.5.1 Análise e discussão dos resultados	102
3.6 Cruzamento dos dados	103

3.7 Conclusão	116
Notas	119
4. VARIAVEIS LINGÜISTICAS	121
4.1 Introdução	121
4.2 Contexto fonológico	123
4.2.1 Contexto fonológico seguinte	123
4.2.2 Contexto fonológico precedente	128
4.3 Tonicidade	131
4.4 Contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora	133
4.5 Posição	135
4.6 Sonoridade	138
4.7 Variáveis lingüísticas versus faixa etária	138
4.8 Variáveis lingüísticas versus classe social	144
4.9 Contextos lingüísticos favoráveis à palatalização ..	148
4.10 Contextos lingüísticos favoráveis à despalatalização	155
4.11 Conclusão	164
Notas	166
5 ATITUDE LINGÜISTICA	167
5.1 Introdução	167
5.2 Sobre atitude lingüística	168
5.3 Definindo atitude	171
5.4 Como medir atitude	172
5.5 Atitude em relação à língua	175
5.6 Atitude lingüística: pesquisas	177

5.7 Natureza da pesquisa	183
5.8 Análise e discussão dos resultados	186
5.9 Conclusão	204
Notas	207
6 ANALISE FONOLOGICA	209
6.1 Introdução	209
6.2 A visão auto-segmental	210
6.3 Geometria dos traços	224
6.4 Análise da palatalização	237
6.4.1 Visão linear	238
6.4.2 Uma abordagem não-linear	242
6.4.2.1 A proposta de Mester & Itô	243
6.4.2.2 A palatalização da oclusiva dental em Português.	249
6.5 Relação entre a palatalização e a despalatalização .	256
6.6 Conclusão	258
Notas	259
7 CONCLUSÃO	264
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	268
ANEXOS	279

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

Quadro 1.4.1.1	- Caracterização dos informantes da faixa etária 1 (15-25).....	19
Quadro 1.4.1.2	Caracterização dos informantes da faixa etária 2 (26-36).....	20
Quadro 1.4.1.3	Caracterização dos informantes da faixa etária 3 (37-47).....	21
Quadro 1.4.1.4	Caracterização dos informantes da faixa etária 4 (48 em diante).....	22
Quadro 1.4.1.5	Distribuição dos informantes por faixa etária, classe social e sexo..	23
Tabela 3.2.2.1	Classe social.....	72
Tabela 3.2.2.2	Classe social (resultados amalgamados).....	73
Figura 3.2.2.3	Distribuição da palatalização por classe social A (Classe Alta), M (Classe Média), B (Classe Baixa) ..	75
Tabela 3.3.1.4	Estilo.....	83
Tabela 3.3.1.5	Estilo (resultados amalgamados)....	84
Figura 3.3.1.6	Distribuição da palatalização por estilo: LP (Lista de Palavras), LF (Leitura de Frases), IF (Inquérito Fonético), QA (Questões Abertas)....	86
Tabela 3.4.1.7	Faixa Etária.....	93
Tabela 3.4.1.8	Faixa Etária (resultados amalgamados).....	94

Figura 3.4.1.9	Distribuição da palatalização por Faixa Etária: 1 (15-25), 2 (26-36) 3 (37-47), 4 (48 em diante).....	95
Tabela 3.5.1.10	Sexo.....	102
Tabela 3.6.11	Cruzamento de classe social e faixa etária.....	104
Figura 3.6.12	Distribuição da palatalização por classe social e faixa etária : A (classe social alta), M (classe social média), B (classe social baixa); 1(15-25), 2(26-36), 3(37-47), 4(48 em diante).....	106
Tabela 3.6.13	Cruzamento de classe social e sexo... .	107
Figura 3.6.14	Distribuição da palatalização por classe social e sexo: H (homem), M (mulher); A(classe social alta), M (classe social média),B(classe social baixa).....	108
Tabela 3.6.15	Cruzamento de classe social e estilo.....	109
Figura 3.6.16	Distribuição da palatalização por classe social e estilo: A (classe social alta), M (classe social média), B (classe social baixa); IF (inquérito fonético), QA (questões abertas), LF(leitura de frases),LP (lista de palavras).....	111
Tabela 3.6.17	Cruzamento de sexo e faixa etária....	112
Tabela 3.6.18	Cruzamento dos estilos informais e faixa etária	114
Tabela 3.6.19	Cruzamento dos estilos formais e faixa etária.....	115
Tabela 3.6.20	Cruzamento de sexo e estilo.....	116
Tabela 4.2.1.1	Contexto fonológico seguinte.....	125
Tabela 4.2.1.2	Contexto fonológico seguinte (resultados amalgamados).....	127
Tabela 4.2.2.3	Contexto fonológico precedente.....	129
Tabela 4.2.2.4	Contexto fonológico precedente(resultados amalgamados).....	130

Tabela 4.3.5	Tonicidade.....	132
Tabela 4.3.6	Tonicidade(resultados amalgamados)....	133
Tabela 4.4.7	Contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora.....	134
Tabela 4.5.8	Posição.....	137
Tabela 4.6.9	Sonoridade.....	138
Tabela 4.7.10	Contextos favoráveis versus faixa etária.....	140
Tabela 4.7.11	Contextos inibidores versus faixa etária.....	142
Tabela 4.8.12	Contextos favoráveis versus classe social.....	145
Tabela 4.8.13	Contextos inibidores versus classe social.....	147
Tabela 5.8.1	Distribuição dos informantes quanto aos padrões de fala.....	186
Tabela 5.8.2	Distribuição dos padrões de fala por sexo, classe social e faixa etária (I).....	187
Tabela 5.8.3	Distribuição dos padrões de fala por sexo, classe social e faixa etária (II).....	187
Tabela 5.8.4	Distribuição dos padrões de fala por Sexo.....	190
Tabela 5.8.5	Distribuição dos informantes quanto à sua forma de falar e a interação comunicativa.....	194
Tabela 5.8.6	Discriminação quanto a querer falar diferente.....	196
Tabela 5.8.7	Discriminação por sexo quanto a querer falar diferente.....	197
Tabela 5.8.8	Discriminação por sexo, classe social e faixa etária, quanto a querer falar diferente (I).....	198
Tabela 5.8.9	Discriminação por sexo, classe social e faixa etária, quanto a querer falar diferente (II).....	198

Tabela 5.8.10	Distribuição dos informantes quanto à relação entre forma de falar e ascensão social.....	200
Tabela 5.8.11	Discriminação dos informantes por sexo, quanto à forma de falar e ascensão social.....	201
Tabela 5.8.12	Discriminação dos informantes por sexo, classe social e faixa etária, quanto à forma de falar e à ascensão social (I).....	202
Tabela 5.8.13	Discriminação dos informantes por sexo, classe social e faixa etária, quanto à forma de falar e à ascensão social (II).....	202

LISTA DE ABREVIATURAS

Apl.	Aplicação da regra, ou número total de ocorrências da regra de palatalização
Total	Número total de ocorrências em que se esperaria a aplicação da regra
Prob.	Probabilidade da aplicação da regra
%	Freqüência de aplicação da regra
v	Vogal
c	Consoante
Pret.	Pretônica
Post.	Postônica
Prec.	Precedente
Seg.	Seguinte
Inf.	Informante
cor	Coronal
ant	Anterior
lab	Labial
nas	Nasal
cons	Consonantal
sil	Silábico

INTRODUÇÃO

A pesquisa a ser apresentada versa sobre a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/. Este fenômeno lingüístico, enquanto variável, será analisado, por um lado, sob a perspectiva laboviana da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, e, enquanto fenômeno fonético-fonológico, sob a perspectiva da fonologia não-linear, compreendendo a Fonologia Auto-segmental e a Geometria dos Traços.

Nesta pesquisa, podem ser delineados três blocos de objetivos.

No primeiro bloco, situam-se os objetivos diretamente relacionados aos estudos variacionistas, cujo interesse maior é apresentar a descrição e explicação de um conjunto de variáveis lingüísticas e extralingüísticas que norteiam, de forma sistemática, a variação do fenômeno. Essa análise estatística oferece evidências, com relativa precisão, de que existe um sistema norteando esta variação, e de que é possível estabelecer em que circunstâncias lingüísticas ocorrem as formas palatalizada e

despalatalizada, e de que tipos de falantes as empregam. Com base nessa análise também será possível verificar se a palatalização reflete um estágio de variação sociolinguística estável ou um processo de mudança em progresso, e ainda se ela constitui uma marca de prestígio ou é uma forma estigmatizada na comunidade em que se realiza. A esse respeito, são levantadas as hipóteses: (a) a palatalização é um processo de variação ameaçado em sua estabilidade pela despalatalização, a nova forma que, aos poucos, vai assumindo seu papel na comunidade; (b) a palatalização é a forma de prestígio, enquanto a despalatalização é a forma estigmatizada.

Em um segundo bloco, ligado à análise linguística dos falantes em relação à sua própria fala e à de outros, o objetivo é a análise atitudinal, e a hipótese que se levanta é que tanto a palatalização como a despalatalização constituem processos inconscientes.

No terceiro bloco, o objetivo básico é, a partir da análise fonológica, representar a regra de palatalização em termos não-lineares, sob a perspectiva da Fonologia Autosegmental e da Geometria dos Traços. Pretende-se, dessa maneira, apresentar contribuições tanto descritivas quanto explicativas com base em dados de um dialeto específico.

A fim de desenvolver as idéias que norteiam este trabalho, o texto está estruturado assim:

→ No capítulo I, apresentam-se as informações relativas à pesquisa lingüística, tais como: o objeto de estudo; a definição operacional das variáveis dependente e independentes; a metodologia, isto é, o perfil dos informantes e a forma de obtenção dos dados; e o suporte quantitativo utilizado.

Após uma retrospectiva acerca dos pontos de vista sobre a mudança lingüística, no capítulo II, são apresentados, em linhas gerais, os pressupostos teóricos variacionistas.

No capítulo III, consideram-se as variáveis extralingüísticas, discutindo-se, entre outras, a questão relativa à mudança em progresso. Neste capítulo, será feita, para cada uma das variáveis, uma revisão da literatura existente, de forma sucinta, seguida da análise e discussão dos resultados, vistos, de inicio, isoladamente, e, posteriormente, cruzados. Considerando a necessidade de estabelecer este cruzamento entre os dados, serão analisadas também aquelas variáveis que não foram selecionadas pelo programa IVARB como significativas para o fenômeno estudado, procedimento este, nada comum nos estudos variacionistas.

No capítulo IV, inicialmente, são descritas as variáveis lingüísticas utilizadas neste trabalho, tanto as que foram selecionadas pelo IVARB como as que não foram. Em seguida, após o cruzamento dos contextos favorecedores e inibidores com as variáveis extralingüísticas faixa etária e

classe social, são discutidos os contextos linguísticos que se revelaram mais favoráveis à aplicação da regra de palatalização e os mais favoráveis à despalatalização.

Com base no conjunto de questões dirigidas aos informantes, em um dos procedimentos utilizados na coleta de dados - questões abertas - no capítulo V, apresenta-se uma análise voltada para os aspectos atitudinais, envolvendo a relação falante-ouvinte.

No capítulo VI, apresenta-se a análise fonológica. Inicialmente, far-se-á uma revisão dos pressupostos teóricos ligados à Fonologia Auto-segmental e à Geometria dos Traços, que possibilitará a representação da regra de palatalização em termos não-lineares. Nesta mesma linha teórica, após estabelecer-se a relação entre a palatalização e a despalatalização, representar-se-á também esta última.

Seguem-se, após o capítulo VI, a Conclusão, as Referências Bibliográficas e os Anexos.

Convém ressaltar que as Notas serão apresentadas logo após o final de cada capítulo.

Cabe salientar que a revisão bibliográfica não ocupa um capítulo específico. Optou-se por fazer referência à literatura sobre este ou aquele assunto nos momentos oportunos, com o objetivo de fazer com que cada parte pudesse ser apreciada como um texto fechado e, portanto, entendida sem que se fizesse necessário recorrer a outras.

Não se tem a intenção de apresentar soluções definitivas para as questões levantadas. O que interessa, principalmente, é o processo analítico que leva a um conhecimento mais aprofundado dos fatos.

1 - A PESQUISA LINGÜÍSTICA

1.1 Introdução

Antes de abordar os passos que constituíram a pesquisa lingüística, alguns esclarecimentos fazem-se necessários.

O material lingüístico a ser analisado constitui uma amostra de 35 horas da fala de 70 informantes da comunidade de Alagoinhas (Bahia), todas gravadas em fita TDK.

O material foi coletado pelo próprio autor, no período de agosto a outubro de 1988, e transcrita ortograficamente e foneticamente de janeiro a março de 1989, sendo posteriormente codificado para digitação, e armazenado em quatro disquetes Verbatim, cada um deles correspondendo a uma das quatro faixas etárias representadas no corpus.

Este capítulo tem como finalidade apresentar o objeto de estudo e as etapas que foram seguidas nesta pesquisa.

1.2 Objeto de estudo

A língua como instrumento social estará sempre sujeita à mudança por influência de fatores tanto de ordem lingüística como de ordem extralingüística.

Sabe-se que a Língua Portuguesa no Brasil apresenta muitos aspectos ainda por serem estudados, embora grande contribuição já tenha sido dada no campo da análise lingüística, iniciada por J. Mattoso Câmara Júnior.

Com respeito aos falares locais, existe um legado também importante. Vejam-se, por exemplo, os estudos de Mário Marroquim no Nordeste; Amadeu Amaral em São Paulo; e Antenor Nascentes no Rio de Janeiro, entre outros.

Inúmeras questões voltadas para a variação linguística têm sido levantadas e novas abordagens têm surgido à luz das teorias mais recentes. Vale lembrar, neste sentido, entre outros, os trabalhos realizados pelo Projeto Censo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a perspectiva laboviana. E nesta linha que se coloca este trabalho.

Em se tratando do estudo proposto, a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, existe apenas um trabalho à luz da teoria variacionista (Bisol, 1986), cuja análise fonológica se pauta no modelo linear, e tem como corpus o dialeto galcho. Em nível de Nordeste, tem-se conhecimento do trabalho de Jacyra Andrade Mota Sobre o traco palatalidade em Ribeirópolis, que não utiliza, porém, o arcabouço teórico

variacionista.

A pesquisa que se desenvolve, além de utilizar os pressupostos variacionistas, oferece uma análise atitudinal e, independentemente dessas duas análises, apresenta uma nova abordagem, do ponto de vista fonológico, para o fenômeno linguístico em pauta.

1.3 Definição operacional das variáveis

Nesta seção, será definida operacionalmente cada uma das variáveis que foram utilizadas na pesquisa.

1.3.1 Variável dependente

1.3.1.1 Palatalização

A palatalização envolve a configuração do corpo da língua alto do tipo [i], representado na análise do traço [coronal] da vogal que vai provocar a mudança do traço [+anterior] da consoante para [-anterior].

Por exemplo: (pote) [pɔ̯tɪ], (bode) [bɔ̯dɪ],
(tiro) [tirʊ], (digo) [dɪgʊ].

1.3.2 Variáveis independentes

1.3.2.1 Linguísticas

Admitindo-se que o contexto em que estão

inseridas as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ tem influência na sua mudança de articulação, foram consideradas as seguintes variáveis:

1.3.2.1.1 Contexto fonológico seguinte

A partir de observações feitas (Bisol, 1981, 1986; Votre, 1978; Silva, 1989), pareceu importante verificar a influência deste contexto sobre a palatalização. E fez-se da seguinte forma:

- a) dental/alveolar: /t, d, l, n, r/
(maldita, multidão, ventilador, cortina, tiro);
- b) sibilante coronal: /s, z/
(feitiço, desde, antes);
- c) velar: /k, g/
(plástico, mastigar);
- d) labiodental: /f, v/
(edifício, divórcio);
- e) labial: /p, b, m/
(multiplicar, futebol, time);
- f) palatal: /j, ʒ, ʎ/
(lagartixa, tijolo, gatilho);
- g) vogal alta: / u, i /
(índio, de irmão);
- h) vogal baixa: /a/
(hóstia, dia);

i) outras vogais: /ɔ̄, ɛ̄, ē̄/

(arte horrivel, dente estragado, desobediente);

j) silêncio ou vazio:

(poste..., rede...).

1.3.2.1.2 Contexto fonológico precedente

Quanto a este tipo de contexto, considerou-se o seguinte:

a) sibilante coronal: /s, z/

(leste, desde);

b) faringal: /h/

(perde, norte);

c) nasal: /VN/

(bonde, mentira);

d) vogal baixa: /a/

(atirar, cidade);

e) vogal média aberta: /ɛ̄, ɔ̄/

(médico, serrote);

f) vogal média fechada: /e, o/

(rede, pôde);

g) vogal alta: /i, u/

(dividir, pudim);

h) semivogal: [y], [w]

(noite, balde [bawdil]);

i) silêncio ou vazio:

(...time, ...dia).

1.3.2.1.3 Sonoridade

A fim de verificar se a palatalização é influenciada pela sonoridade das consoantes oclusivas dentais envolvidas no fenômeno linguístico, /t/ e /d/, ambas as consoantes foram controladas, independentemente da posição em que ocorrem:

a) surda: /t/

(tia, cortina, pente);

b) sonora: /d/

(dia, mordida, rede).

1.3.2.1.4 Tonicidade

Considerando que a posição na sílaba pode influenciar na utilização ou não da regra de palatalização, foram observadas as seguintes posições:

a) pretônica inicial:

(tigela, direito);

b) pretônica não-inicial:

(indicador, atirar);

c) tônica:

(pensativa, mordida);

d) postônica não-final:

(plástico, médico);

e) postônica final:

(rede, serrrote);

f) clítico:

(de noite, te vi).

A presença do clítico neste grupo justifica-se pela sua pauta acentual de pretônica (cf. Câmara Jr., 1982, p. 63).

→ 1.3.2.1.5 Posição

Ao lado da posição na sílaba, foram controlados outras posições na frase e outros processos provocados pela juntura. Esta variável compreende, pois, os seguintes fatores:

a) início de palavra dentro da frase (IPDF):

(... faz o nortista tirar...);

b) final de palavra dentro da frase (FPDF):

(... dia sete que...);

c) início de palavra em início de frase (IPIF):

(Disseram que ele...);

d) final de palavra em final de frase (FPFF):

(... e perde a identidade.);

e) ditongação oral:

(... onde o jardineiro...);

f) ditongação nasal:

(... na hora de um incêndio);

g) degeminación:

(... nada dinteressante.).

Cabe ressaltar que estes contextos foram observados, principalmente, nos estilos leitura de frases e questões abertas.

1.3.2.1.6 Contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora

Esta variável foi examinada para verificar se as regras a que a vogal /i/, condicionadora do processo, possa estar sujeita, como nasalização ou apagamento, desempenharem algum papel na assimilação em pauta. Foram considerados os seguintes condicionadores:

- a) vogal alta oral: /i/
(morde, norte, mentira, mordida);
- b) vogal alta nasal: /iN/
(time, gordinho);
- c) glide seguinte elidido:
(Indio [Ydu], india [Yda]);
- d) glide precedente elidido:
(leite [leti], oito [oti]).

1.3.2.2 Extralingüísticas

1.3.2.2.1 Classe social

Sob a hipótese de que a classe social desempenha um importante papel no comportamento lingüístico de cada sujeito, os informantes foram selecionados com base em três

critérios: renda, grau de escolaridade e local de residência. E as classes sociais receberam as seguintes denominações: alta (A), média (M) e baixa (B).

Foi considerado informante da classe social A, aquele sujeito possuidor do segundo grau concluído, com renda superior a quatro salários mínimos e residente em zona privilegiada.

Como informante da classe social M, considerou-se aquele sujeito com apenas o primeiro grau concluído, com uma renda entre dois e três salários mínimos e residente em zona menos privilegiada.

Foi selecionado como informante da classe social B, o sujeito não-analfabeto, mas sem o primeiro grau concluído, com renda inferior a dois salários mínimos e residente em zona considerada não-privilegiada.

A fim de estabelecer cada uma das zonas residenciais como privilegiada, menos privilegiada e não-privilegiada, foram ouvidos os setores competentes da Prefeitura Municipal de Alagoinhas, que indicaram bairros e ruas pertencentes a cada uma das zonas estabelecidas.

Convém salientar que a utilização dos critérios para a inclusão dos informantes em cada uma das três classes sociais teve, como ponto de partida, a orientação dos trabalhos de Labov datados de 1966. Maiores esclarecimentos acerca desse assunto serão encontrados no capítulo III deste

trabalho, na seção referente à classe social.

Através do controle desta variável, pode-se também identificar qual das formas envolvidas no fenômeno lingüístico estudado é dotada de marca de prestígio, e qual delas é a forma estigmatizada. Será definida como dotada de marca de prestígio a forma utilizada pela classe A, portanto, de maior poder aquisitivo e de grau de escolaridade mais elevado; como estigmatizada, será considerada a forma empregada pela classe social B, aquela de menor poder aquisitivo e de grau de escolaridade menos elevado.

1.3.2.2.2 Sexo

Considerando que a variável sexo tem sido relevante em pesquisas sociolinguísticas (Labov, 1972; Milroy, 1980; Romaine, 1980, etc.), aqui a amostragem foi dividida em informantes do sexo masculino (H) e informantes do sexo feminino (M).

1.3.2.2.3 Faixa etária

Foram consideradas quatro faixas etárias:

- a) faixa etária 1 (15 a 25 anos);
- b) faixa etária 2 (26 a 36 anos);
- c) faixa etária 3 (37 a 47 anos);
- d) faixa etária 4 (48 anos em diante).

A utilização desta variável teve como objetivo verificar se o fenômeno lingüístico estudado constitui um processo de variação estável ou de mudança lingüística em progresso.

1.3.2.2.4 Estilo

Com o objetivo de verificar a influência desta variável no processo em estudo, foram controlados quatro estilos, a serem explicitados na seção 1.4.3:

- a) lista de palavras (LP);
- b) leitura de frases (LF);
- c) inquérito fonético (IF);
- d) questões abertas (QA).

Os dois primeiros estilos, LP e LF (lista de palavras e leitura de frases, respectivamente), foram considerados como estilos formais, por exigirem maior atenção dos informantes; os outros dois, por exigirem respostas mais espontâneas por parte dos informantes, foram considerados como estilos informais.

Partindo do pressuposto de que nos estilos mais formais é que são utilizadas as formas de prestígio e que nos informais prevalecem as formas estigmatizadas, procurou-se verificar se os informantes selecionados confirmariam tais assertivas...

1.4 Metodologia

1.4.1 População e amostragem.

A cidade de Alagoinhas¹, comunidade em que se realizou esta pesquisa, situa-se na Microrregião Agreste de Alagoinhas do Estado da Bahia, no município do mesmo nome.

Com uma população de 79.382 habitantes, segundo o censo demográfico de 1980, é a principal cidade de seu município. Sua população, na maioria composta de jovens, possui um baixo nível de qualificação, vivendo de atividades voltadas para o setor da indústria e subemprego. A camada da população economicamente ativa trabalha nas empresas estatais ou no Pólo Petroquímico de Camaçari.

Constitui um centro regional importante do interior baiano, que deve seu desenvolvimento inicial às funções derivadas da condição de entroncamento rodoviário e sede de oficina da antiga Estrada de Ferro Leste Brasileiro.

A sua área de atuação, no presente, devido ao seu desenvolvimento, atinge cerca de 15 municípios circunvizinhos, principalmente no que diz respeito ao comércio, à saúde e à educação.

Na área de educação, conta com uma Faculdade, que tem seus cursos voltados para a formação de professores de primeiro e segundo graus, abrangendo Letras, Ciências e História. Além da Faculdade, existem alguns estabelecimentos

de ensino público de primeiro e segundo graus, e também alguns de ensino privado.

Por estar situada a uma distância de apenas 108 Km de Salvador, capital do Estado, Alagoinhas absorve desta toda mão-de-obra que lhe é necessária em campos de atuação mais especializados.

Na realização desta pesquisa, foram selecionados e entrevistados setenta e dois (72) informantes, dos quais foram aproveitados, por questões relativas às gravações, setenta (70). Esses informantes foram selecionados a partir de um total de um mil e duzentos (1.200) que responderam aos questionários inicialmente aplicados.

A seguir serão apresentados os informantes de acordo com o armazenamento dos dados para o tratamento estatístico, ou seja, a partir da faixa etária. Assim, o Quadro 1.4.1.1 apresenta os informantes da faixa etária 1 (15 a 25 anos); o Quadro 1.4.1.2, os informantes da faixa etária 2 (26 a 36 anos); o Quadro 1.4.1.3, os informantes da faixa etária 3 (37 a 47 anos); e o Quadro 1.4.1.4, os informantes da faixa etária 4 (48 anos em diante).

Quadro 1.4.1.1**CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES DA FAIXA ETÁRIA 1(15 a 25)**

Identificação	Classe Social	Idade	Sexo
J. M. A. P.	A	20	H
J. S. S	A	16	H
O. M. C. J.	A	15	H
J. E. B. S.	M	22	H
J. H. D.	M	22	H
M. A. S. M.	M	19	H
G. S. C.	B	18	H
J. M. S.	B	17	H
M. E. R. S.	B	16	H
V. B. S.	A	22	M
A. S. S.	A	21	M
S. R. S. C.	A	15	M
M. C. L.	M	21	M
S. S. P.	M	18	M
B. C. S.	M	20	M
C. M. S. C.	B	20	M
R. A. S.	B	16	M
J. S. G.	B	15	M

Quadro 1.4.1.2

CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES DA FAIXA ETÁRIA 2 (26 a 36)

Identificação	Classe Social	Idade	Sexo
R.A.O.	A	26	H
E.S.S.	A	27	H
D.A.S.	A	26	H
E.A.S.	M	29	H
E.G.C.	M	36	H
J.A.S.C.	M	33	H
J.G.S.	B	27	H
E.O.N.	B	27	H
G.S.	B	30	H
M.L.R.	A	28	M
E.M.	A	29	M
M.G.S.M.D.	A	33	M
C.R.S.	M	30	M
M.J.T.S.	M	34	M
I.C.R.	M	26	M
C.S.	B	30	M
J.D.S.	B	33	M
E.M.N.S.	B	31	M

Quadro 1.4.1.3**CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES DA FAIXA ETÁRIA 3 (37 A 47)**

Identificação	Classe Social	Idade	Sexo
J . R . R .	A	41	H
I . V . F . M .	A	38	H
M . Q . L .	A	44	H
F . A .	M	37	H
J . C . M .	M	41	H
J . F . B .	B	36	H
A . S .	B	47	H
J . M . P .	B	44	H
J . M . P . C .	A	40	M
M . P . M .	A	42	M
M . J . B . M .	A	42	M
B . C . L .	M	42	M
T . S . C .	M	43	M
C . M . A .	M	42	M
L . M .	B	38	M
C . S . S .	B	37	M
A . M . J .	B	41	M

Quadro 1.4.1.4

CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES DA FAIXA ETÁRIA 4 (+ de 40)

Identificação	Classe Social	Idade	Sexo
E.P.S.	A	72	H
E.F.N.	A	67	H
H.J.L.S.	A	48	H
P.B.G.	M	70	H
A.C.M.	M	49	H
M.F.B.	B	53	H
J.C.C.	B	57	H
J.C.B.	B	70	H
M.N.O.C.	A	53	M
M.J.S.S.	A	54	M
M.S.P.	A	40	M
D.E.B.	M	50	M
M.P.S.M.	M	48	M
L.C.I.	M	48	M
M.J.	B	60	M
M.C.S.S.	B	58	M
B.S.F.	B	54	M

O Quadro 1.4.1.5 resume a amostragem apresentada nos Quadros 1.4.1.1, 1.4.1.2, 1.4.1.3 e 1.4.1.4.

Quadro 1.4.1.5

**DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES POR SEXO, FAIXA ETÁRIA
E CLASSE SOCIAL**

Faixa Etária	Homem			Mulher					
	Classe Social			Classe Social			Total		
	A	M	B	A	M	B	A	M	B
15 - 25	3	3	3	3	3	3	6	6	6
26 - 36	3	3	3	3	3	3	6	6	6
37 - 47	3	2	3	3	3	3	6	5	6
+ de 48	3	2	3	3	3	3	6	5	6
Total	12	10	12	12	12	12	24	22	24

Com base nesta amostragem, foi analisado um total de 23.591 contextos, dos quais 14.713 favoreceram a aplicação da regra de palatalização, perfazendo um percentual de 62%.

1.4.2 Seleção dos informantes

A fim de selecionar os informantes, que constituíram a amostragem da população, foi utilizada a

técnica de amostra aleatória por área, pelo fato de não se conhecer a totalidade dos componentes da população (cf. Marconi & Lakatos, 1986, p. 38-41). Inicialmente, foram sorteados aleatoriamente os bairros e ruas localizados nas três zonas em que se dividiu a cidade (privilegiada, menos privilegiada e não-privilegiada) onde seria aplicado o primeiro questionário (Anexo 1).

Após a seleção dos bairros e ruas, e aplicação do questionário (Anexo 1), com vistas a selecionar os informantes que deveriam participar da pesquisa, passou-se à seleção daqueles que preencheram os requisitos necessários, dos quais foram escolhidos, aleatoriamente, setenta e dois (72). E, desta vez, a amostragem foi aleatória simples, já que se tinha conhecimento da nominata de todos os possíveis informantes.

Na escolha dos sujeitos, foram observados os seguintes requisitos:

- a) ser natural de Alagoinhas;
- b) ter sempre residido em Alagoinhas;
- c) ser alfabetizado.

Inicialmente, pensou-se em estabelecer também como requisito ter pais naturais de Alagoinhas, porém os questionários aplicados na fase inicial da pesquisa revelaram que poucos seriam os informantes que ai se enquadrariam.

1.4.3 Instrumentos de pesquisa

Antes da utilização dos instrumentos de pesquisa propriamente ditos, foi aplicado, como se afirmou na seção anterior, um questionário em todos os bairros e ruas selecionados. Esse questionário possibilitou o primeiro contato com os futuros informantes, uma vez que ele foi aplicado pessoalmente e teve seu retorno imediato. Tal tipo de procedimento contribuiu muito para amenizar o, tão bem colocado por Labov (1972, p. 209), *paradoxo do observador*.

Esse questionário, além de servir para estabelecer esse contato inicial, foi utilizado para selecionar o informante ideal, aquele que deveria preencher os requisitos necessários, já mencionados anteriormente.

As cada informante selecionado foram aplicados quatro instrumentos na ordem apresentada abaixo. Cada um deles voltou-se para um tipo de estilo. Assim foram constituídos:

a) lista de palavras

Este instrumento consistiu no agrupamento de noventa e seis (96) palavras, apresentando em cada uma delas a variável a ser analisada, e em diferentes posições (Anexo 2). Essa lista foi apresentada a cada informante para que a lesse em voz alta.

b) leitura de frases

Reunindo as palavras utilizadas no instrumento

anterior (lista de palavras), foram montadas dezesseis (16) frases (Anexo 3). E aqui também foi solicitado ao informante que as lesse em voz alta.

c) inquérito fonético

Consistiu na apresentação de gravuras previamente selecionadas e coladas em fichas de cartolina, para que o informante as identificasse verbalmente. Aqui também, a maioria das palavras foi retirada da lista apresentada no primeiro instrumento (lista de palavras), porém em número menor, já que foi impossível representar visualmente algumas palavras. Para as que apresentaram esse tipo de dificuldade, foram formuladas questões que objetivavam apenas uma resposta.

d) questões abertas

Após a aplicação dos instrumentos mencionados, foram dirigidas, a cada informante, questões sobre assuntos diversos que não exigiam respostas preestabelecidas (Anexo 4). As questões propostas no inicio foram as mesmas para todos os informantes, porém foram sendo ajustadas à realidade de cada um, à medida que as entrevistas iam sendo realizadas, o que permitiu a obtenção de um estilo de fala o mais informal possível.

Cada instrumento foi testado anteriormente. Esse pré-teste constituiu o projeto piloto e teve como informantes sujeitos da comunidade de Alagoinhas, doze (12) ao todo, que preencheram os mesmos requisitos exigidos para

os informantes definitivos.

1.5 Método de análise

Para analisar os dados que constituíram o corpus desta pesquisa, após sua transcrição ortográfica e fonética, e também sua codificação, foram utilizados quatro programas computacionais, descritos por Sankoff (1986, p. 15-29), desenvolvidos na University of Pennsylvania em outubro de 1984 para utilização em IBM-PC. Os programas foram:

- 1 - CHECKTOK;
- 2 - READTOK;
- 3 - MAKECELL;
- 4 - IVARB.

O programa CHECKTOK, que exige como *input* o arquivo de dados criado pelo usuário, desempenha três funções:

a) compara os conteúdos das sequências codificadas no arquivo de dados através das listas especificadas de fatores legais para cada grupo de fatores, e mostra os fatores ilegais;

b) substitui cada ocorrência do caractere ausente " ." pelo valor *default*² especificado para cada grupo;

c) preenche as sequências codificadas, ou com o caractere "não se aplica" (" ") ou com o valor *default* para cada grupo.

Caso nenhum erro seja encontrado no arquivo de dados, o CHECKTOK cria um novo arquivo de dados, que será utilizado como *input* para o READTOK.

O programa READTOK lê as sequências codificadas de um ou mais arquivos de dados e escreve estas sequências codificadas em um arquivo de *token*³ a ser utilizado pelo MAKECELL.

O programa MAKECELL cria o arquivo de células a ser usado como *input* para o IVARB. O MAKECELL exige as seguintes informações do usuário:

- a) nome do arquivo de *token*, o criado pelo READTOK;
- b) nome do arquivo de células a ser criado;
- c) um cabeçalho a ser escrito no arquivo de células (opcional);
- d) nome do arquivo de condições;
- e) nome do arquivo de definição de fatores (opcional);
- f) valor de aplicação, que corresponde ao fator estabelecido no arquivo de especificação de fatores, e diz respeito à variável dependente: zero para não-aplicação da regra, e um para aplicação.

O MAKECELL recodifica os *tokens* no arquivo de *token* de acordo com as especificações no arquivo de condições e no arquivo de definição de fatores (opcional); ele também constrói o arquivo de células a ser utilizado

como *input* para o IVARB.

O MAKECELL apresenta como resultado, além do total de tokens, o número de aplicação da regra e o percentual para cada fator analisado.

O IVARB é o programa de regra variável. Para ser rodado, ele exige que o IBM-PC tenha um co-processador 8087, sem o qual é impossível dar continuidade ao programa. O IVARB é a versão binomial. Ele exige as seguintes informações do usuário:

- a) nome do arquivo de células criado pelo MAKECELL;
- b) nome do arquivo *output*;
- c) multiplicador de não-aplicações (opcional);
- d) indicação de nível um (1) ou *step up and down*⁴.

O IVARB é uma versão para PC do VARBRUL criado por Sankoff na implementação do modelo matemático, inicialmente desenvolvido por Labov e, posteriormente, aperfeiçoado por Sankoff & Cedergren (1974) e, mais recentemente, por Rousseau e Sankoff (1978).

Como o VARBRUL, o IVARB, além de calcular as probabilidades dos fatores de cada variável, apresenta uma seleção estatística das diversas variáveis analisadas, que ocorrem inicialmente em função de um valor estatístico chamado nível de significância, que pode ser igual ou menor do que 0,05, por questões de confiabilidade estatística dos

resultados. O que gera este nível de significância é um parâmetro estatístico denominado *log likelihood* (ou o cálculo da verossimilhança máxima) que mede a diferença entre as freqüências esperadas e as observadas, e, assim, a que nível de significância os valores estatísticos projetados se adequam aos observados.

Caso o nível de significância seja igual, o programa seleciona o conjunto cujo valor de *log likelihood* se aproxime mais de zero, tendo em vista que se não houver diferença entre as freqüências esperadas e as freqüências observadas, o *log likelihood* será exatamente zero, considerado o ideal, porque indica uma certeza estatística de que os valores gerados pelo modelo correspondem aos valores observados.

Este programa também trabalha com níveis diversos, de análises, realizando comparações entre os valores probabilísticos atribuídos aos valores individuais. Um desses processos é *step up*, em que a comparação vai de Zero a N; o outro é o *step down*, que ocorre de forma inversa, ou seja, vai de N a um (1), para verificar se as variáveis não selecionadas são também eliminadas.

Esses níveis de análise permitem a verificação precisa da interferência entre as variáveis, resultante da codificação superposta. Se não há sobreposição ou enviesamentos entre as variáveis, as probabilidades do primeiro nível permanecem as mesmas, ou similares, até o

último nível de análise, e as interferências não são constatadas. Esse tipo de situação lingüística seria o ideal, do ponto de vista matemático, porém ele não corresponde à realidade dos fatos. Caso os fatos, lingüisticamente, ocorressem assim, seria desnecessária a sofisticação matemática na análise dos dados, sendo suficiente apenas o cálculo percentual.

Havendo sobreposição entre as variáveis, o IVARB atribui pesos probabilísticos em função da importância estatística de cada uma delas, baseando-se em uma distribuição equilibrada dos dados entre os diversos fatores.

O IVARB, além de apresentar um tratamento estatístico mais elaborado, permite que se veja com clareza a questão das codificações superpostas, levando a um melhor entendimento da distribuição dos dados e, assim, possibilitando análises lingüísticas mais apuradas.

Na utilização deste modelo, ao serem calculadas as probabilidades, os resultados indicam que a ocorrência acima de .50 favorece a aplicação da regra; .50 é neutra e abaixo de .50 inibe. Além disso, a probabilidade de aplicação da regra resulta da tomada de cada fator isoladamente, de forma que o efeito de um traço depende apenas de sua presença, sem considerar outros fatores contextuais, porém é a partir da combinação de traços que são geradas as regras probabilísticas para os contextos (cf. Cedergren & Sankoff,

1974, p. 338-9).

Após apresentar o método, cabe ressaltar que na análise realizada com a utilização dos programas mencionados, quando a diferença entre os fatores alcançou um resultado probabilístico inferior a .05, procedeu-se à amalgamação em uma segunda rodada, permitindo, dessa forma, resultados mais significativos. Além disso, aqueles fatores, no grupo de uma determinada variável, que atingiram o percentual de 100%, ao ser rodado o MAKECELL, foram eliminados. Isto porque o IVARB não opera com este tipo de resultado, que é acusado como *knockout*.

Feita esta apresentação, deve-se agora passar ao capítulo II, onde se pretende traçar, em linhas gerais, uma retrospectiva acerca da mudança lingüística, que, por sua vez, culmina com o advento da Teoria da Variacão.

NOTAS

1 Todas as informações referentes a Alagoinhas, mencionadas nesta seção, foram obtidas através da publicação do IBGE (1981).

2 Preferiu-se manter a forma inglesa por ser a mais utilizada.

3 Idem nota n. 2.

4 Idem nota n. 2.

2 - A MUDANÇA LINGÜÍSTICA E A TEORIA DA VARIAÇÃO

2.1 Sobre a mudança lingüística¹

A concepção da língua como um organismo vivo que se desenvolve e se transforma, ao contrário de algo fixo e criado para sempre, está, de certa forma, ligada à questão dos anomalistas e analogistas na Grécia antiga; a Rogério Bacon na Idade Média; a Descartes e a Herder no século XVIII; e, entre outros, a Humboldt.

Segundo Humboldt (1971, p. 46), a língua representa um domínio de atividade em que um povo se exprime como tal, nele participando inteiramente. Para ele, as inovações lingüísticas espalham-se em virtude da igualdade espiritual de todos os falantes que participam desse processo, tanto o mais genial como o mais mediocre dos indivíduos.

A língua, na opinião de Humboldt (1971, p. 48), não é obra acabada, mas uma atividade ininterrupta, mesmo quando fixada através da escrita.

Na evolução das línguas, Humboldt (1971, p. 49)

vê duas fases: uma, em que o impulso criador de sons da língua ainda se encontra em desenvolvimento e em atividade viva; outra, em que, depois de manifestar-se como forma exterior, surgem pausas aparentes, seguindo-se uma evidente diminuição daquele impulso físico criador. E nesse período de enfraquecimento que podem aparecer novos princípios vitais e novas transformações da língua.

Segundo o autor, na constituição da forma exterior da língua, participam dois elementos: um, puramente orgânico e físico, dependendo da facilidade ou dificuldade da pronúncia, e, por isso, da semelhança natural dos sons; outro, espiritual, que impede os órgãos de cederem à sua inércia.

Ate Humboldt, era colocada a seguinte questão: o que é a língua? E a ele que se deve o fato de a lingüística procurar compreender e explicar a língua do ponto de vista genético, substituindo a pergunta colocada por outra: como a língua se transforma?

Do conflito entre as concepções de que a língua seria um produto físico e de que a língua seria um produto espiritual, como expressou Humboldt, nasceu uma nova escola que procurou conciliar as duas tendências. Trata-se da escola dos neogramáticos.

Essa nova escola compunha-se de vários historiadores-lingüistas, entre eles, H. Osthoff, K.

Brugmann, A. Leskien e H. Paul, que procuraram demonstrar a ação e o princípio da regularidade da mudança lingüística.

Em 1876, defendendo as idéias da nova escola, Osthoff e Brugmann escrevem um manifesto, em que são colocadas inúmeras críticas às práticas da lingüística histórica então vigentes, salientando erros de concepção dentro do modelo da reconstrução comparada. E esses erros, segundo os neogramáticos, estariam localizados no fato de a lingüística comparada ter-se fixado única e exclusivamente no aspecto físico da fala humana, desconsiderando a operação de fatores psicológicos que agem em inúmeras mudanças e inovações fonológicas, e casos de analogias nos sistemas (Tarallo, 1990, p. 44-5).

Dentre os princípios mais importantes da escola neogramática, encontram-se estes dois:

Primeiro, qualquer mudança fonológica, por ocorrer mecanicamente, acontece de acordo com leis que não admitem exceção. Isto é: a direção da mudança fonológica é sempre a mesma para todos os membros de uma comunidade lingüística com exceção dos casos de ruptura dialetal; e todas as palavras nas quais o som sujeito à mudança aparece na mesma relação são afetadas pela mudança sem exceção.

Segundo, dado que a associação de formas, isto é, a criação de novas formas lingüísticas por analogia, desempenha um papel muito importante na vida das línguas mais recentes, esse tipo de inovação lingüística deve ser reconhecido sem hesitação para períodos mais antigos igualmente, e ainda para o mais antigo de todos. Esse princípio não somente deve ser reconhecido, como também deve ser utilizado da mesma maneira como é empregado para a explicação de fenômenos lingüísticos de

periodos mais recentes. E não nos deveria parecer peculiar se formações analógicas nos confrontarem nos períodos mais antigos e no mais antigo de uma língua na mesma média ou mesmo mais fortemente do que nos períodos mais recentes. (Osthoff & Brugmann apud Tarallo, 1990, p. 46-7)

Esses dois princípios, amplamente divulgados e utilizados por muito tempo, receberam, porém, muitas críticas: o primeiro, por não admitir exceções às mudanças, levando o problema da regularidade às últimas consequências; o segundo, por usar a analogia de forma abusiva, utilizando-a para explicar as exceções às mudanças.

Atentando para a possibilidade de serem criticados, os autores, no próprio manifesto, defendiam-se dizendo que toda e qualquer crítica seria bem-vinda, desde que se respeitassem e se considerassem os motivos que levaram os neogramáticos a optar por um e não outro tipo de análise.

Ao lado de Osthoff e Brugmann, outro importante nome entre os neogramáticos é o de Hermann Paul. Para ele, em todos os campos de vida da língua é possível uma evolução, suavemente graduada, que se torna aparente nas modificações sofridas pela linguagem individual e também no comportamento recíproco das linguagens individuais. Em relação ao material lingüístico de sua comunidade, o indivíduo pode ter uma relação tanto ativa como passiva, ou seja, emprega tudo o que ouve e comprehende, ou deixa de fazê-lo. Considerando que, do material lingüístico utilizado,

uns preferem uma coisa, outros preferem outra, tem-se então a diversidade, mesmo entre as linguagens individuais, mas semelhantes, e, assim, a possibilidade de uma modificação gradual do uso.

Por mais importante que seja para a evolução da língua a influência exercida pelos falantes, uns sobre outros, maior é, segundo Paul (1966, p. 68), a ação das relações sociais. Estas são, na verdade, as únicas que ajudam a compreender as mais profundas causas da evolução lingüística, uma vez que ela está ligada à evolução da sociedade.

Ainda conforme Paul (1966, p. 68), as modificações da língua realizam-se no indivíduo, em parte através da sua atividade espontânea, e em parte através da influência que recebe de outros indivíduos. O uso só será modificado quando ambas as coisas coincidirem.

Em relação aos neogramáticos, pode-se verificar que foram eles os primeiros a observarem a regularidade na mudança dos sons, voltando-se para o estudo das mudanças lingüísticas.

REGRAIS DOS PRINCÍPIOS MAIS IMPORTANTES PARA OS NEOREGRAMÁTICOS Para eles, a regra, a norma de vida da língua, é de natureza mecânica - a lei fonética; e a força psíquica, a analogia, é a exceção. Através da analogia, tudo aquilo que não entra no âmbito da explicação fonética é entendido. E assim, já em tempos bem remotos, constata-se a

idéia do que hoje se chama de variação.

Para Paul, a função da língua era organizar grupos de idéias, um processo que se desenvolve de forma peculiar no caso de cada indivíduo. Esta idéia de Paul foi estudada e absorvida por Sweet (1900, p. 34), que adverte que todos os princípios gerais de mudança estão subordinados à principal função da linguagem: a expressão das idéias.

Dessa forma, a língua é definida sem qualquer referência ao contexto social, como a expressão do pensamento por meio dos sons da fala (Sweet, 1900, p. 1).

Pensando
Uma das idéias defendidas pelos neogramáticos referente à atividade do falante ligada ao uso lingüístico, mais tarde, foi retomada e trabalhada por outra escola: a estruturalista, que teve em Ferdinand de Saussure um dos seus principais representantes.

Em seu conhecido Curso de Linguística Geral, organizado por seus alunos, Saussure (1973, p. 16) afirma que a linguagem tem um lado individual e um lado social, que não podem ser concebidos isoladamente. Ao lado individual corresponde a fala (*parole*), e ao lado social corresponde a língua (*langue*).

Para ele, a língua², por não constituir uma função do falante, é o produto que o indivíduo registra passivamente; a fala, por outro lado, é um ato de vontade e inteligência, onde se distinguem as combinações através das

quais o falante utiliza o código da língua para exprimir seu pensamento; e também o mecanismo psicofísico que permite a exteriorização dessas combinações.

Ao distinguir langue/parole, Saussure (1973, p. 22) estabelece que a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; e que existe apenas em virtude de um tipo de contrato entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento. A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos que ouve.

Na interpretação de Encrevé (1977, p. 5-6), a língua, para Saussure, não é a língua do falante, mas a da massa falante, e em nenhum momento existe fora do fato social. Além disso, Encrevé acrescenta que, segundo Saussure, a língua está inteiramente do lado da audição; por conseguinte, a língua de um indivíduo, contrariamente ao julgamento comum, não é a língua que ele fala, mas a que ele ouve.

Na concepção de Labov (1972, p. 186), o aspecto insólito da divisão estabelecida por Saussure entre língua e fala está em que a primeira, social por definição, nunca poderia ser pesquisada nas suas manifestações reais, pois, assim, se estaria diante da fala. Por outro lado, a fala, postulada como individual, poderia ser surpreendida apenas

no contexto social. A isto, Labov dá o nome de paradoxo saussuriano.

Ao lado da dicotomia langue-parole, Saussure (1973, p. 105-6) também desenvolveu uma outra que diz respeito à divisão dos estudos lingüísticos em sincrônicos e diacrônicos. E no nível sincrônico que se concebe a língua como um sistema completamente estático, homogêneo e regular. Já no nível diacrônico, ela é concebida como algo que evolui; a preocupação é com os termos que se substituem uns aos outros no tempo, não com as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua.

O período de transição que deve ser pressuposto para o período entre dois sistemas regulares diferentes foi considerado por Saussure como uma fase irregular e de importância secundária do ponto de vista da pesquisa lingüística.

O revolucionário efeito do pensamento de Saussure não é subestimado, caso se observe que na questão da individualidade da língua existe bastante influência da doutrina neogramática. Para Saussure, a sistematicidade da língua depende da existência, no indivíduo, de uma faculdade de associação e uma de coordenação. As relações entre os elementos de uma língua estão localizadas na consciência do falante. A fim de garantir a realidade psicológica do objeto de investigação sincrônica, Saussure exige que um objeto assim seja homogêneo.

A visão saussuriana, segundo a qual o sistema sincrônico de uma língua é estático e homogêneo foi adotada sem alteração substancial pelo estruturalismo americano.

↓

Um dos seus representantes, Bloomfield (1964, p. 420), assegura que é impossível observar o processo de mudança linguística. Em sua opinião, também é impossível a realização de um estudo detalhado dos mecanismos que influenciam tal mudança. Em relação à mudança fonética, Bloomfield (1964, p. 420) considera-a como uma mudança no hábito de realizar o movimento que produz os sons, um fenômeno mecânico, impossível de ser captado na sua dinâmica.

Bloomfield coloca a responsabilidade total de explicar a mudança no mecanismo de imitar os hábitos de fala dos companheiros. Para ele, a direção que orienta a imitação é determinada pelo prestígio do modelo.

A posição de Bloomfield predominou por várias décadas e foi repetida literalmente por Hockett (1971, p. 423), para quem a mudança fonética é descrita como uma modificação gradual dos hábitos de articulação e audição, constante, mas tão lenta que a um indivíduo isolado seria impossível adverti-lo de que poderia estar transmitindo a outros uma pronúncia diferente da adquirida em tempos passados. Esse caráter gradual, por sua vez, só é possível ser detectado através das suas consequências.

Hockett (1971, p. 423) afirma que, apesar do elevado número de fatores que contribui indiretamente para a mudança fonética, apenas um tem verdadeira importância: a tendência a falar descuidadamente, sem mais esforço que o necessário para se fazer entender. Em tais condições, a pronúncia de um determinado fonema, em um determinado contexto, tende a dar continuidade ou antecipar os movimentos articulatórios que intervêm na pronúncia dos fonemas adjacentes.

Ainda para Hockett (1971, p. 423), a mudança fonética, em si mesma, é constante e lenta, mas a re-estruturação fonológica deve ser, em certo sentido, súbita.

Uma visão menos extrema foi considerada pela chamada Escola de Praga. No círculo de Praga, as atitudes não foram tão rígidas como as de Saussure, nem foram tão formais quanto as de Bloomfield. Mathesius, um dos membros do círculo, mostrou a importância da variação linguística. Embora Mathesius, como Saussure, tenha lidado com o nível sincrônico da língua, sua atitude em relação à variação foi completamente diferente: em sua opinião, o pesquisador não deveria fazer generalizações simplificadas, mas, antes,clarear as tendências, regulamentando a variação na língua abaixo do nível idioletal.

Nos estudos sincrônicos da Escola de Praga foi mantida a ênfase nas funções cognitivas ou representacionais da linguagem. Outras funções foram reconhecidas: seguindo

Buhler e Lazicius, Troubetzkoy proporia três divisões de fonologia: a expressiva, a apelativa e a representacional ou fonologia propriamente dita. Para Labov (1972, p. 262), o nítido efeito desta divisão era livrar o lingüista de qualquer preocupação com os fatores sociais e as funções não-cognitivas.

Pela sua maneira de lidar com a mudança lingüística, Martinet (1964, p. 52) parece ser um descendente direto desta tradição, ao declarar que o lingüista tem competência para estudar apenas os resultados do impacto externo.

O advento do gerativismo não parece ter desenvolvido a posição da pesquisa em relação à variação. Os gerativistas aceitaram uma forma de língua homogênea e estática como a base para sua descrição.

Segundo Chomsky (1975, p. 84), um dos principais representantes gerativistas, a teoria lingüística deve preocupar-se principalmente com um falante-ouvinte ideal, em uma comunidade lingüística completamente homogênea, que conhece sua língua perfeitamente e não é afetado por condições irrelevantes de gramaticalidade como limitações de memória, distrações, mudanças de atenção e interesse, e erros de aplicação de seu conhecimento da língua no desempenho real.

As repercussões desse ponto de vista foram mais

sérias para os gerativistas do que para os estruturalistas. Enquanto o objetivo dos estruturalistas foi descrever apenas certa forma de uma língua, o dos gerativistas foi mais ambicioso: eles queriam descrever todas as associações relevantes que existiam na língua. Assim, a variação, que, pelo menos parcialmente, se deve ao caráter criativo da língua, se não totalmente inacessível à pesquisa, fica colocada à margem.

Chomsky apresentou o que se poderia considerar, aparentemente, uma nova formulação da dicotomia saussureana *langue/parole*, em que foram alterados apenas os rótulos: a oposição entre competência e desempenho, ou entre o conhecimento disponível em cada informante, de um lado; e, de outro, a seleção e execução das regras que configuram este conhecimento. Enquanto no modelo de Saussure interessa o que o indivíduo ouve, na formulação chomskiana apenas interessa a intuição do falante.

Para Encrevé (1977, p. 6-7), a língua chomskiana é por definição idioletal, encontrando-se apenas do lado do falante.

Para refutar a pretendida neutralidade acerca da distinção audição-locução da competência única que coloca a gramática gerativa, é necessário, primeiramente, assinalar que se o locutor e o ouvinte são considerados como simétricos e estritamente identicos, é necessariamente o segundo que é suprimido - isto é o que se deduz diretamente do fato de que uma comunidade completamente homogênea só pode comportar um sujeito (a imaginar ainda que ele não seja dividido...); e, segundo,

constatar que o lingüista chomskiano, se ele se choca com a objecção de um outro locutor no tocante à aceitabilidade de uma frase que sua gramática gera, argumenta sempre que ele descreve "seu dialeto", que não pode designar outra coisa que o dialeto que ele fala, e não, na evidência, o que ele ouve...; onde está a neutralidade da competência única? Para Chomsky, o falante ideal é surdo.

Como já foi mencionado anteriormente, desde o século XIX, com a divulgação dos princípios defendidos pelos neogramáticos, muitas críticas foram feitas, e muitos opositores surgiram. Entre eles, encontra-se H. Schuchardt.

Segundo Schuchardt, apud Iordan (1962, p. 104), a língua regula-se apenas por leis sociológicas, mais exatamente pelos efeitos que estas têm sobre os indivíduos falantes. Em todas as línguas há, em princípio, um estilo individual que se espalha com o tempo e se generaliza por imitação. As inovações lingüísticas são, portanto, produto de um sujeito falante, e dele dependentes; não só as circunstâncias da vida exterior, mas também as particularidades psicofisiológicas do indivíduo, como o temperamento, a cultura, a idade e o sexo, exercem a sua influência.

Seguindo uma recomendação dos neogramáticos para a observação dos estágios mais recentes dos dialetos "vivos", deixando de lado os estágios mais antigos do sistema, a protolíngua, nos trabalhos de Rousset (1891, p. 349), encontra-se uma afirmação de suma importância: a fala humana não é uniforme mesmo no seio de uma única família, em que os

membros distinguem-se no seu modo de falar, conforme o sexo, a idade, e a ocupação. E o trabalho de Rousselot o primeiro golpe, do ponto de vista prático, contra a escola neogramática.

Também Gauchat (1905) verificara a falta de unidade lingüística entre os membros de uma família e prova, igualmente, que o modo de falar dos habitantes de uma aldeia varia bastante de indivíduo para indivíduo, dependendo da idade, sexo, posição social, profissão, etc.

Quando nos estudos lingüísticos se fala em escola sociológica, surge o nome de Meillet, visto que foi ele um dos primeiros a aplicar o princípio de que a língua é um fato social, e a isso atribuir grande importância. Sabe-se que Meillet foi influenciado por Emile Durkheim, o sociólogo, para quem a mudança social resulta mais dos fatos sociais do que dos fatos psicológicos. Seguindo esta linha de pensamento, Meillet mostrou que na mudança semântica, embora o processo possa ser psicológico, a causa é social.

Segundo Meillet (1948, p. 230), as leis fonéticas e a analogia podem explicar os fenômenos de uma determinada língua, mas nunca os da língua em geral. As leis desta não são nem fisiológicas nem psicológicas, mas lingüísticas, isto é, sociais (isto porque a lingüística foi considerada por ele uma ciência social). Para descobri-las é necessário considerar que a língua é um sistema de meios de expressão e um fato social. Da primeira característica resulta que as

alterações lingüísticas individuais se concretizam e se impõem quando existe correspondência entre ela e o sistema. Da segunda, pode deduzir-se que toda a alteração da estrutura social provoca inevitavelmente alterações lingüísticas.

Um dos principais discípulos de Meillet, e que vai dar continuidade a uma de suas ideias básicas, a língua como fato social, é Vendryes. Para ele, a língua vem a ser um dos vínculos mais fortes que unem as sociedades, e seu desenvolvimento deve-se à existência de um agrupamento geral (Vendryes, 1943, p. 19).

Outro autor que coloca grande ênfase no papel da língua na interação social é Jespersen (1947, p. 21), segundo o qual, no mundo da linguagem existem importantes estágios: ação, costume, hábito. A língua de uma nação é o conjunto de hábitos pelos quais os seus membros costumam comunicar-se uns com os outros.

Embora Jespersen estivesse bastante envolvido em sua teoria nocional da gramática, pode-se encontrar em seus escritos uma preocupação com as funções expressivas e diretivas da linguagem que propiciam discussões sobre a mudança lingüística (Labov, 1972, p. 263).

Um dos últimos remanescentes da noção defendida por Meillet de que devemos buscar no curso flutuante dos eventos sociais uma explicação para a mudança lingüística é

Discípulos de Meillet



Sturtevant (1947, p. 2), para quem uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários através dos quais os membros de um grupo social cooperam e interagem.

Pode-se depreender do que foi apresentado até aqui que, embora quase por unanimidade seja admitida a ideia de que a língua mude, há, contudo, divergências quando se procura verificar as causas que provocam essa mudança.



Enquanto autores como Humboldt, Paul, Mathesius, Bloomfield, Hockett, Martinet, Chomsky e outros atribuem-na a fatores psicológicos, estruturais e funcionais; outros, como Schuchardt, Rousset, Gauchat, Meillet, Vendryes, Jespersen e Saussure, atribuem-na a fatores sociais.

IMPORTANTE!

A questão que se pode levantar acerca do que se apresentou não diz respeito apenas à importância dos fatores sociais, mas, antes, se os fatores sociais, de fato, estão envolvidos na maioria dos processos sistemáticos da mudança lingüística, seja ela gramatical ou fonético-fonológica.

Embora nomes influentes no século XX, como os de Saussure, Meillet e Jespersen, defendam a influência de fatores sociais na mudança lingüística, esta não é a visão predominante na segunda metade do século. A maioria dos lingüistas concorda com Chomsky em tomar como objeto de descrição lingüística o falante-ouvinte ideal em uma comunidade lingüística completamente homogênea, atribuindo à mudança um papel secundário.

Esperando que os julgamentos intuitivos fossem uniformes e claros, com raríssimos casos de flutuação, uma vez que o informante é um falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade homogênea, os gerativistas deixaram claro que as regras lingüísticas excluem normas sociais explícitas.

O modelo gerativo, segundo Labov (1972, p. 188), colocou à margem o estudo das manifestações reais da fala com base nas seguintes considerações: a fala está cheia de manifestações não-gramaticais que os falantes corrigem no estilo mais controlado; as variações detectadas na fala de um indivíduo e na comunidade de fala resultam de mistura dialetal, ou de variação livre no interior do sistema; a fala real é difícil de gravar e ouvir; a frequência de ocorrência das formas sintáticas é muito baixa, tornando-se impossível um corpus representativo.

Os problemas teóricos da postura gerativa, afirma Labov (1972, p. 203), dizem respeito à forma das regras lingüísticas e suas restrições; à combinação e ordenamento das regras em sistemas; à determinação das formas subjacentes sobre as quais as regras operam; à coexistência dos sistemas e à mudança das regras e sistemas com o tempo.

Não negando a validade do postulado teórico gerativo, uma nova visão acerca da língua procura enfatizar alguns dos aspectos negligenciados pelos gerativistas e outros predecessores.

2.2 A Teoria da Variação

Opondo-se à ausência do componente social no modelo gerativo, surgiram os variacionistas, que introduziram um modelo teórico-metodológico denominado *Teoria da Variação*. Esse modelo, com Labov, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Tal modelo de análise lingüística, por operar com números e tratar estatisticamente os dados, é também rotulado por alguns de *Sociolinguística Quantitativa* (Tarallo 1985, p. 6-8).

Em seu aparecimento como um paradigma para o estudo da língua, a teoria da variação, na concepção de Sankoff (1988, p. 140), tem evoluído através do confronto com outras formas de visão da língua. Em relação a outras escolas da lingüística, ela tem tomado, explicitamente, posição contra a ideologia normativa não-científica e a ideologia prescritiva, e ela tem também competido de forma mais útil com algumas tradições psicolinguísticas rigorosas do ponto de vista metodológico. Com outros ramos hifenizados da lingüística, ela tem tomado posição em relação à lingüística gerativa, mas ao mesmo tempo tem defendido os critérios e métodos desta dos ataques da sociolinguística antiformalista.

O ponto de vista variacionista pode ser determinado por um interesse científico na consideração das

estruturas gramaticais no discurso - seja ele a conversação natural espontânea, a narrativa formal ou argumentação, ou ainda os vários gêneros escritos - e também por uma preocupação com a polivalência e a aparente instabilidade no discurso das relações lingüísticas entre forma e função (Sankoff, 1988, p. 141).

Ao enfatizar o discurso, o autor refere-se ao exercício do falante (ou do escritor) quanto às suas capacidades lingüísticas na produção de um grande número de sentenças, que se apresentam sob formas variadas, mesmo quando se refere à mesma coisa.

Ao considerar cientificamente uma amostra inteira de fala, ou corpus, os variacionistas procuram descobrir padrões de uso, ou regularidades, que dizem respeito mais à frequência relativa de ocorrência de estruturas, do que simplesmente à existência ou gramaticalidade dessas estruturas.

O principal objeto de descrição dos variacionistas é a fala dos indivíduos como membros de uma comunidade lingüística, ou seja, informantes especificamente escolhidos através de métodos etnográficos ou sociológicos para representar a comunidade a que pertencem. Dessa forma, um importante aspecto de qualquer estudo nesta direção envolve a entrada na comunidade lingüística, onde a observação do uso da língua em seu contexto sócio-cultural seja possível. Um objetivo específico desse procedimento é garantir o

acesso ao vernáculo, à fala o mais espontânea possível, reservada a situações menos formais.

Os métodos de pesquisa de campo nesta linha, geralmente, se pautam nos trabalhos de Labov (1966) que resultam de modificações das técnicas utilizadas anteriormente pelos dialectologistas (cf. Labov, 1984, p. 28-53).

A experiência universal de pesquisa baseada em corpus, afirma Sankoff (1988, p. 151), é que a estrutura da comunicação na comunidade lingüística e a estrutura da variação e mudança são realizadas através de escolhas recorrentes, sendo feitas pelos falantes em vários níveis interacionais e gramaticais.

Considerando que em quase todo o corpus de produção de dados há elementos lingüísticos que não obedecem às restrições normais, o analista deve ser capaz de distinguir a heterogeneidade sistemática da não-sistemática. A motivação para a análise do vernáculo é fornecer uma base para que se estabeleça a natureza do sistema, através do qual se possa avaliar o que é caracterizado em relação a ele como desvio.

O mecanismo de escolha acarreta que dadas funções lingüísticas possam ser realizadas sob formas diferentes. Assim,

(...) o marcador de plural do Espanhol -s pode

ser produzido como [s], [h] ou [θ]; a negação do Francês como ne...pas ou Ø...pas; a 3^a p. sg. da cípula do Inglês Vernacular do Negro como is, -s ou Ø, e nenhuma destas escolhas envolve diferenças no significado referencial. (Poplack, 1990, p.3)

Para considerar a variante a ser selecionada em determinada situação, o variacionista deve determinar por que, onde, e quando ela foi usada e também por quem. Do exame do discurso natural coletado em qualquer comunidade lingüística, torna-se aparente que as respostas a estas perguntas são as próprias variáveis. Os métodos desenvolvidos para lidar com esta variabilidade surgiram do reconhecimento de que ela é inerente, ou seja, as flutuações existentes na comunidade não podem ser classificadas quer como empréstimos, quer como mudança de código, já que demonstram uma estrutura sensível ao ambiente lingüístico que a circunda, o que não é observável nos outros tipos de flutuações.

Para descobrir as diferenças sistemáticas entre os falantes, o variacionista adota técnicas quantitativas, normalmente associadas a fatores extralingüísticos como idade, sexo, posição social, etnia, etc. Cada falante alternará entre todas as escolhas, mas, no padrão geral, haverá uma regularidade das variantes entre os indivíduos do grupo.

Ao lado das influências extralingüísticas, os traços puramente internos do contexto lingüístico também desempenharão papel importante para determinar a escolha

da variante.

Através dos estudos quantitativos do uso da língua na comunidade lingüística, foram demonstrados padrões regulares de coocorrência entre as variáveis lingüísticas e os traços de dimensões tanto lingüísticas como extralingüísticas. Para descrever este fenômeno, Labov (1969, p. 715-62) introduziu a regra variável, cujo método de análise foi apresentado no capítulo I (Seção 1.5), que substitui as regras opcionais, a fim de considerar os padrões regulares de covariação entre a frequência de execução da regra e os elementos contextuais.

O objetivo da proposta de Labov (1969), que para ele não chega a ser uma teoria lingüística, mas um mecanismo heurístico, é estender o conceito de regra gramatical ao de regra variável, onde a frequência relativa prevista de operação de uma regra é parte integrante de sua descrição estrutural. Uma vez aceita e incorporada na descrição, a variabilidade pode ser vista, não só em função da presença ou ausência de elementos lingüísticos, como também de extralingüísticos, todos dentro da mesma estrutura notacional e teórica.

Para Labov (1969), o que se pretende com a introdução da regra variável é atender a um nível de adequação superior a tudo que permite o uso do conceito de variação livre, uma vez que toda variação é condicionada por traços lingüísticos ou sociais ou ambos.

O uso da análise da regra variável capacita o analista a extrair as regularidades e tendências dos dados, e, através dela, determinar como a seleção de uma estrutura lingüística é influenciada pelas configurações específicas dos fatores que caracterizam o contexto em que ela ocorre. Essa metodologia tem resolvido muitas das dificuldades analíticas associadas aos julgamentos intuitivos usados em outros paradigmas. Dessa forma, um modelo em que a língua seja vista como uma estrutura heterogênea ordenada elimina a busca dos falantes ideais e torna as comunidades lingüísticas acessíveis àqueles que se interessam pelo estudo da língua.

Uma vez apresentada em linhas gerais a Teoria da Variação, isto porque muitos de seus aspectos serão tratados no capítulo seguinte, cabe ressaltar que, embora seguindo a orientação variacionista ao empregar seus procedimentos no modelo de análise da regra variável (capítulo I, Seção 1.5), neste trabalho não se representarão as regras, a serem propostas, sob essa mesma orientação. Isto ficará a cargo do estudo feito à luz dos pressupostos da fonologia não-linear, cuja apresentação ocorrerá no capítulo VI.

Notas

¹ Até o advento do variacionismo, o termo mudança era usado indistintamente para indicar tanto o processo de mudança como o de variação. A partir dos variacionistas, toda mudança implica variação, mas nem toda variação implica mudança. Essa distinção, pois, norteará este trabalho.

2 Deve-se ressaltar que foram feitas outras leituras acerca da dicotomia saussureana *langue-parole*

3 "Pour réfuter la prétendue neutralité à l'égard de la distinction audition-locution de la compétence unique que pose la grammaire générative, il suffit, premièrement, de relever que si le locuteur et l'auditeur sont considérés comme symétriques et strictement identiques, c'est nécessairement le second qui est supprimé - ce qui d'ailleurs se déduit directement du fait qu'une communauté complètement homogène ne peut comporter qu'un seul sujet (à supposer encore qu'il ne soit pas divisé...); et, deuxièmement, de constater que le linguiste chomskyen, s'il se heurte à l'objection d'un autre locuteur touchant l'acceptabilité d'une phrase que sa grammaire engendre, argue toujours qu'il décrit "son dialecte" ce qui ne peut désigner autre chose que la dialecte qu'il parle, et non, à l'évidence, ceux qu'il entend...; où est la neutralité de la compétence unique? Chez Chomsky le sujet parlant idéal est sourd". (Encrevé, 1977, p. 6-7)

4 "... the Spanish plural marker -s may be produced as [s], [h] or [ø]; French negation as ne...pas or Ø...pas; vernacular Black English 3rd p.sg. copula as is, -s or Ø, and none of these choices involve differences in referential meaning". (Poplack, 1990, p. 3)

3 - VARIÁVEIS EXTRALINGUISTICAS

3.1 Introdução

Neste capítulo, procurar-se-á buscar evidências empíricas que permitam estabelecer uma relação entre uma regra do sistema do português (a palatalização da oclusiva dental) e dados quantitativos, a fim de descobrir o que leva esta regra a ser de uso variável na comunidade de Alagoinhas.

Aqui serão analisadas as seguintes variáveis, já definidas no capítulo I:

- 1) classe social: alta (A), média (M) e baixa (B);
- 2) estilo: lista de palavras, leitura de frases, inquérito fonético e questões abertas;
- 3) faixa etária: (1) 15 a 25 anos, (2) 26 a 36 anos, (3) 37 a 47 anos e (4) 48 anos em diante;
- 4) sexo: masculino (H) e feminino (M).

Inicialmente, para cada uma das variáveis que constituem os elementos básicos deste trabalho (classe social, estilo, faixa etária e sexo), será apresentada uma sintética revisão da literatura pertinente, segundo a linha

variacionista e outras concepções.

Com base nos resultados probabilísticos, a análise dos dados ocorrerá em dois momentos: no primeiro, será considerada a variável isoladamente; e, no segundo, serão efetuados cruzamentos entre as variáveis estudadas.

No final, serão apresentadas algumas conclusões acerca das expectativas quanto ao processo de mudança lingüística em progresso e variação estável, que ficarão como conjecturas, principalmente em se tratando do primeiro, sobre o qual, segundo Labov (1981, p. 177), qualquer afirmação é naturalmente uma inferência, pois é muito difícil observar a mudança diretamente, embora não seja impossível, como se pretendeu no passado.

3.2 Classe Social

3.2.1 Conceituação

A importância do estudo da classe social para a lingüística tem sua origem na natureza fundamentalmente social da língua, visto que a língua existe para que as pessoas se comuniquem, não para atividades individuais. Assim, a língua é um produto social e instrumento social. Se a classe é uma das principais dimensões de organização da sociedade, então esse fato pode refletir-se na evolução e utilização da língua.

Os pesquisadores que lidam com problemas voltados para a descrição do uso da língua, para a explicação da mudança lingüística e para a construção da teoria lingüística, encontram, na opinião de Guy (1988, p. 39), um forte obstáculo quando da definição de classe social.

Um dos maiores pensadores sobre o assunto social foi, certamente, Karl Marx.

Na visão marxista, a dinâmica básica da história humana é o conflito entre as classes. As classes são grupos de pessoas que compartilham interesses econômicos comuns, isto é, elas são definidas por seu papel comum no sistema econômico e por sua relação com os meios de produção. Em uma economia capitalista, a principal divisão de classe se coloca entre aqueles que produzem o próprio capital (os capitalistas) e aqueles que não o produzem (os operários). Os capitalistas podem viver de ganhos de seu capital, enquanto os operários podem ser sustentados apenas pelo próprio trabalho. O conflito entre as duas classes surge da exploração pelos capitalistas do trabalho dos operários.

Além da divisão de classe entre patrões e operários na linha marxista, outras distinções existem e são de grande importância para que se interpretem as diferenciações em sociolinguística. Assim, embora a base do sistema de classes seja econômica, ela tem ramificações diretas na superestrutura social não-econômica, incluindo, por exemplo, a religião e o status. Esses e outros aspectos,

geralmente, vão refletir o gosto e a ideologia das classes dominantes. Para Guy (1988, p. 40), é aí que entra a questão da língua. Enquanto determinado fonema, palavra ou estrutura sintática não apresenta, de forma explícita, nenhuma relação intrínseca com a classe ou organização econômica, a avaliação das diferenças lingüísticas entre as pessoas vai depender das diferenças de poder, prestígio e classe.

A visão marxista de classe oferece explicações para os problemas ligados às motivações sociais da mudança lingüística, à existência continuada de formas não-padrão e também para a unidade ou não-unidade das comunidades lingüísticas. A ênfase dada aos interesses e aos conflitos de classes oferece explicações bastante coerentes para o fenômeno lingüístico ligado à divisão social. Por outro lado, o que se vem observando é que a maioria dos estudos pelos quais são pautadas as análises sociolinguísticas não leva em conta características importantes dessa dimensão social.

Na maioria dos estudos lingüísticos voltados para classe social, afirma Rickford (1986, p. 215), há três tendências manifestas:

- 1 - ignoram-na, ou diminuem sua importância;
- 2 - consideram-na em termos informais;
- 3 - estudam-na substancialmente com a ajuda das escalas de índices múltiplos.

A primeira e a segunda abordagens estão associadas aos dialectologistas regionais dos últimos anos, e a terceira é a mais comum entre os sociolíngüistas.

Na perspectiva de unidade social e status, a classe é vista como uma escala relativamente continua, em que os indivíduos são classificados de acordo com características pessoais ordenadas, tais como nível de educação, salário, ocupação, etc., que coletivamente implicam certo grau de respeito social. Visto que uma hierarquia abrange todos os status da sociedade, esse ponto de vista enfatiza a unidade social, implicando que todos os grupos compartilhem avaliações sociais comuns em termos de prestígio, normas comportamentais, objetivos e aspirações. Assim, os conflitos de classe são diminuídos, e a competição individual é salientada.

Este tipo de abordagem é comum na sociologia ocidental, e tem influenciado bastante os estudos sociolíngüísticos. Do ponto de vista metodológico, ela facilita o desenvolvimento dos objetivos voltados para as medidas quantificáveis de classe social e permite uma classificação escalar. Foi com o estudo de Labov (1966) *Social Stratification of English in New York City* que se introduziu na lingüística essa metodologia.

Neste seu trabalho, Labov toma por base a classificação desenvolvida por Michael (apud Guy 1988, p. 42) para uma pesquisa sociológica chamada *Mobilization for*

Youth.

A classe sócio-económica dos informantes é quantificada por Labov, na escala de Michael, por meio de um índice de dez pontos, que combina três características objetivas - ocupação, educação e renda da família - em uma escala linear individual. Cada indivíduo estudado foi classificado em uma das quatro classes - baixa, operária, média-baixa e média-alta - em cada uma das três dimensões citadas.

A maioria dos estudos sociolinguísticos das duas últimas décadas contam com algum tipo de índice escalar como o de Labov para sua definição operacional de classe social. O próprio Labov tem continuado a usar este tipo de abordagem em seus estudos na Philadelphia. Trudgill (1974) usa uma escala mais detalhada na Noruega: um compósito de 30 pontos de seis escalas separadas. A escala usada em Sydney por Horvath (1986) e Guy et al. (1986) é mais simples, envolvendo apenas uma escala de três pontos, definidos exclusivamente em termos de ocupação.

Os estudos citados lidam com comunidades linguísticas em países industriais avançados, caracterizados por economias capitalistas similares e sistemas de classes relativamente homogêneos, em que os indivíduos estão dispostos em uma classe urbana de operários, ou em uma classe média de profissionais ou em uma classe alta capitalista.

As estruturas econômica e social nos países do considerado terceiro mundo, entretanto, mostram algumas diferenças.

No Brasil, por exemplo, o conceito de classe social reúne três concepções básicas, na visão de Sour (1987, p. 146-57). A primeira delas torna equivalente categoria ocupacional e classe social, que, para o autor citado, dissimula algo essencial: o fato de que as classes sociais só podem ser definidas uma em relação à outra. Ao se falar em ocupações, desaparecem os interesses que se opõem, e aparecem apenas as profissões complementares no vasto leque da divisão social do trabalho. Aqui, dá-se privilégio, de forma falsa, à cooperação social, e oculta-se a contradição social. Esta acepção foi consagrada pelos estatutos dos funcionários públicos brasileiros, porque, neles, classe é todo conjunto de cargos com a mesma denominação, como a classe dos escriturários, dos professores, dos assessores técnicos, e assim por diante.

A segunda acepção define as classes sociais como estratos ou camadas. E aí, fala-se em classes baixa, média e alta. Tal estratificação decorre de uma escala de rendimentos, ou das classes A, B, C, D e E, que resultam da combinação entre a escolaridade do chefe da família e a posse de alguns itens que mostram a capacidade potencial de compra da unidade familiar.

A terceira acepção remete às posições na ocupação.

Ao serem identificadas as relações de trabalho, consegue-se estabelecer os dois pólos das relações de produção e são visualizadas as duas classes sociais que se conjugam e se enfrentam. Elas se distinguem fundamentalmente pela base econômica dos vários processos de produção. Vale ressaltar que, desse ponto de vista, as classes sociais são agentes coletivos fraturados pelo antagonismo entre os donos dos meios de produção, que se apropriam do trabalho excedente dos fornecedores de força de trabalho, e os carentes desses mesmos meios de produção.

Uma das diferenças encontradas entre as estruturas econômica e social dos países do terceiro mundo e dos países capitalistas, na visão de Guy (1988, p. 45), está ligada ao fato de os primeiros terem um setor industrial comparativamente minúsculo e um setor agrícola proporcionalmente maior. Isto significa que há uma grande classe de camponeses sem terra e uma classe trabalhadora industrial relativamente pequena. Isto também significa que só recentemente é que muitos dos países do terceiro mundo começaram a passar por um processo de urbanização. Até então, grande parte da população estava localizada na zona rural.

Do ponto de vista lingüístico, esses fatos têm várias implicações. Em primeiro lugar, a maioria da população é constituída por falantes não-padrão; segundo, o processo de urbanização reúne pessoas com falares

diversificados, criando um *caldeirão lingüístico* sem paralelo no mundo industrial; terceiro, os extremos de classe - ricos e pobres - mostram uma extensão da variação lingüística muito maior do que a encontrada nos países industriais homogêneos.

Tais fatos desafiam algumas noções fundamentais da sociolinguística. Um dos desafios está relacionado à definição de comunidade lingüística, que Labov (1972, p. 120-1) coloca em termos de normas lingüísticas compartilhadas. Nas grandes cidades dos países do terceiro mundo, de população oriunda de outras localidades, com formas diversificadas de falar, parece pouco provável que elas constituam uma comunidade lingüística no mesmo sentido laboviano. Um dos principais desafios, contudo, diz respeito às teorias de mudança lingüística.

3.2.2 Classe social e mudança lingüística em progresso

Inicialmente, deve-se lembrar que nem sempre de todos os fenômenos lingüísticos variáveis resulta mudança lingüística em progresso. Muitos deles constituem apenas variação estável, em que, como afirma Labov (1972; 1980; 1981), se verifica uma relação diretamente proporcional entre classe social e uso de formas de prestígio.

De forma geral, porém, a mudança social parece dar origem à mudança lingüística, mas os detalhes da sua interação histórica entre língua e sociedade só com as novas

metodologias de pesquisa sociolinguística começam a ser esclarecidos.

Em relação a isso, uma questão se levanta: em que grupos sociais se originam as mudanças?

Essa questão pressupõe que as inovações não sejam adotadas de forma uniforme e simultânea na sociedade. Alguns grupos são inovadores, enquanto outros ficam para trás.

Embora muitas inovações sejam atribuídas à influência de classes de prestígio, pesquisadores têm revelado que, no mundo atual, a classe trabalhadora vem desenvolvendo papel importante na transmissão de uma variável linguística.

Porém no trabalho da sociolinguística atual um fato relevante surge: nem só caso foi encontrado de inovação "untargeted" originada na classe social mais alta! Os poucos casos identificados na literatura de mudanças em progresso começando no topo, todos envolvem o empréstimo de alguma forma de prestígio externa, isto é, mudança "targeted"... Os agentes desta mudança são as classes altas. O importante a observar é que esta inovação não traz nada de novo para a língua, só envolve redistribuição dialetal das variantes. As mudanças "untargeted", por outro lado, desenvolvidas internamente e não por empréstimo, trazem algo completamente novo, e tendem a originar-se entre a classe trabalhadora. (Guy, 1988, p.57)

Os estudos atuais de mudança em progresso recorrem às dinâmicas das classes sociais como a força condutora dessas inovações. As duas teorias principais que têm sido propostas são a de Labov, desenvolvida em vários de seus

trabalhos (1966; 1972; 1980; 1981), que se baseia na inovação ativa, e a de Kroch (1978), baseada na resistência à mudança.

No processo de mudança lingüística em progresso, afirma Labov (1972, p. 123), o mecanismo da interação social aparenta ter um papel de destaque. Nesse mecanismo, três estágios podem ser considerados: a origem da mudança, quando um número restrito de pessoas inicia a mudança; a propagação da mudança, quando o uso variante é adotado por um número maior de pessoas, mantendo a diferenciação com a forma anterior; e a realização da mudança, quando, eliminadas as variáveis que se opunham, a variável introduzida adquire regularidade.

Na propagação da mudança, dois tipos sociais exercem pressão sobre as formas lingüísticas: pressões de cima e pressões de baixo. As pressões de cima representam o processo de correção social, aplicado às formas individuais. Aqui, o papel do grupo de status de segundo escalão é o foco da atenção. As pressões de baixo operam sobre o sistema lingüístico como um todo, em resposta às motivações sociais que são, de certa forma, obscuras e têm uma forte significação para a evolução geral da língua.

Esse segundo tipo de inovação constitui o padrão curvilíneo, em que a inovação atinge o ponto mais forte nos grupos interiores - a classe operária e a classe média-baixa - e diminui nos extremos. Na visão de Labov (1972, p. 123),

esses grupos interiores são os inovadores, e eles têm uma motivação social para tal, que é a solidariedade ao grupo ou a identidade local. As mudanças têm uma função positiva de auto-identificação contrastiva: enquanto elas estão presentes nos membros do grupo, estão ausentes naqueles que não pertencem ao grupo.

A justificativa para caracterizar esses grupos como inovadores, e não outros, está no fato de nesses grupos o sentimento de solidariedade local ser mais forte. A classe baixa, constituída de desempregados e daqueles sem local de moradia, tem pouca ou nenhuma ligação com os que vivem na mesma comunidade, e os da classe alta não dependem da localidade ou grupo para a sua identidade, e, por sua vez, movimentam-se bastante de um lugar para outro.

Oliveira (1982, p. 88), discutindo algumas dessas colocações de Labov, afirma que pode não ocorrer padrão curvilineo para todos os informantes e mesmo assim haver mudança em progresso, caso se constate uma distribuição social acentuada para os jovens e não acentuada para os velhos. Portanto, as mudanças não se iniciam, necessariamente, nos grupos sociais intermediários; podem, também, ter inicio nos grupos periféricos, dependendo da configuração da sociedade cuja língua se analisa.

Kroch (1978, p. 17-36) sugere que a mudança é a condição natural da língua, mas que alguns grupos a evitam ou a suprimem.

Sua teoria pode ser expressa sob a forma de duas hipóteses: a primeira, o dialeto de prestígio da elite em uma comunidade estratificada difere do dialeto da classe operária e de outras. O primeiro resiste aos processos normais de condicionamento que normalmente são sofridos pelo segundo. Essa tendência se mantém tanto para os processos dinâmicos de mudança linguística como para os processos diacronicamente estáveis de variação inherente. A segunda, a causa da diferenciação estratificada em uma comunidade linguística, não pode ser procurada em fatores puramente linguísticos, mas na ideologia. Os grupos sociais dominantes tendem a marcar-se simbolicamente como distintos dos grupos que eles dominam e a interpretar seus símbolos distintivos como evidência de qualidades morais e intelectuais superiores.

Para Kroch (1978, p. 17), a mudança linguística estaria correlacionada à posição na hierarquia de classe, começando na classe mais baixa e sendo adotada apenas mais tarde, ou nunca, pelas classes mais altas.

Ambas as teorias, na opinião de Guy (1988, p. 58), têm ligação com o pensamento marxista. A de Labov está em conexão com o conceito marxista de ideologia de classe: a ideologia cooperativa e solidária da classe operária versus a ideologia competitiva e individualista das outras classes. A teoria de Kroch também tem uma interpretação marxista. O conservadorismo dos grupos dominantes surge da necessidade

de defender sua posição favorável contra as demandas democráticas, e, à medida que seus padrões conservadores para o uso da língua são aceitos, seu status social e poder aumentam.

A diferença básica entre as duas teorias citadas está na sua concepção sobre o que poderia acontecer no final mais baixo na hierarquia de classes. Na visão de Labov, a classe baixa retarda-se na mudança, mas, na de Kroch, essa classe investe pouco no *status quo* e pode inovar livremente, até mesmo mais do que a classe operária.

Essas alegações, segundo Guy (1988, p. 59), são testáveis empiricamente. Enquanto Kroch, através de seus estudos, apresenta um padrão linear na mudança, Labov apresenta um padrão curvilíneo.

As duas teorias, aparentemente em contradição, estão voltadas para aspectos diferentes da inovação. Caso se observe o foco de ambas, vai-se encontrar a solução para essa aparente contradição. As duas teorias estão voltadas para aspectos diferentes da inovação: Labov procura verificar o que motiva as pessoas a mudarem, e Kroch se volta para o que as motiva a resistirem à inovação. Assim, elas não são contraditórias, mas, sim, complementares.

Uma síntese das duas teorias mostra que os conflitos no significado sócio-simbólico das inovações linguísticas são vistos como uma consequência dos interesses

conflitantes das diferentes classe sociais. A classe operária é a origem básica das inovações *untargeted*, e para ela as novas formas adquirirão um valor simbólico positivo como marcadores da solidariedade do grupo. Os grupos de status alto, contudo, não pertencendo à classe operária, procuram defender sua posição social, resistindo e procurando denegrir tais inovações (Guy, 1988, p. 59-60).

3.2.3 Análise e discussão dos resultados

A análise da variável classe social, a ser realizada pelo autor deste trabalho, pressupõe a classificação das classes sociais em alta (A), média (M) e baixa (B), delimitadas a partir da adaptação do critério escalar utilizado por Labov (1966).

A partir dos resultados probabilísticos, segundo os quais a variável classe social é a mais significativa dentre as variáveis extralingüísticas, dos três grupos considerados, os que mais favorecem a aplicação da regra, isto é, a palatalização da oclusiva dental, são o A e o M, com resultados embora próximos do ponto neutro (.50), enquanto o grupo B é o que mais a restringe, com resultado abaixo do ponto neutro, como mostra a Tabela 3.2.2.1.

Conforme se verifica a partir da Tabela 3.2.2.1, a aplicação da regra de palatalização é mais frequente entre as classes sociais mais altas; aquelas que, além de possuir maior poder aquisitivo, também possuem grau de escolaridade

mais elevado. Deduz-se, pois, que os grupos A e M são os detentores da forma de prestígio, ou seja, a palatalização; enquanto o grupo B, da forma estigmatizada, a despalatalização. Isto porque tanto o poder aquisitivo como o grau de instrução foram considerados na delimitação da classe social do informante.

Tabela 3.2.2.1

CLASSE SOCIAL

	Apl./Total	%	Prob.
Classe Alta	5731/8431	68	.56
Classe Média	5104/7617	67	.55
Classe Baixa	3876/7537	51	.39

input .63 log likelihood = -15173.930

Considerando-se a pouca diferença entre os resultados probabilísticos das classes A e M, a sua amalgamação, conforme a Tabela 3.2.2.2, deixa explícita a distinção entre estes e a classe baixa. De um lado, as classes sociais mais altas, favorecendo a aplicação da regra (.59); de outro lado, a classe baixa, restringindo-a (.41).

Tabela 3.2.2.2

CLASSE SOCIAL (RESULTADOS AMALGAMADOS)

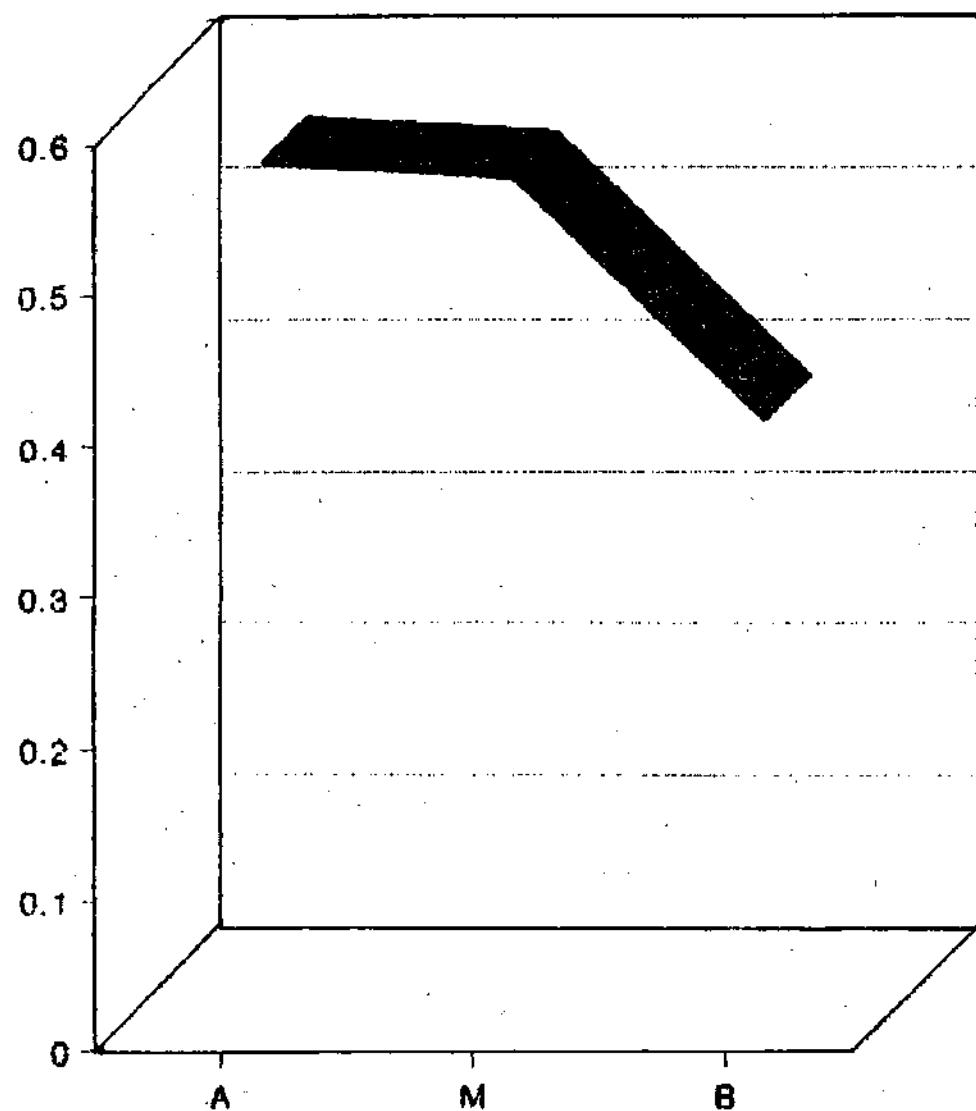
	Apl./Total	%	Prob.
Classes A e M	10835/16048	68	.59
Classe B	3876/7537	51	.41
input .77	log likelihood = -13635.260		

Ainda em relação a essa variável, observa-se, como já foi mencionado anteriormente, que ela pode indicar ou uma mudança lingüística em progresso, ou uma variação estável. Se mudança em progresso, o seu resultado possibilita a representação gráfica de um padrão curvilineo, na concepção de Labov (1972), ou um padrão linear, para Kroch (1978). No primeiro, a inovação ocorre com mais frequência nos grupos centrais da escala social; no último, ocorre no sistema como um todo, começando, porém, na classe mais baixa.

Observando-se a Fig. 3.2.2.3, resultante dos dados mencionados na Tabela 1, constata-se que o fenômeno lingüístico aqui estudado, a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, não reflete uma mudança em progresso, visto que não se tem um padrão curvilineo, nem, tampouco, um padrão linear.

Ao contrário, o que se pode observar é uma repre-

sentença típica de um processo de variação estável, em que a variante estigmatizada (a despalatalização) tem sua maior freqüência na classe baixa, decrescendo na classe alta; ou, em outros termos, a forma de prestígio (a palatalização) com freqüência maior na classe alta, decrescendo na classe baixa, delineando-se, dessa forma, uma relação diretamente proporcional entre a classe social e o uso da variável estudada. Isto aponta para o fato já comentado em relação às duas classes sociais que mais se opõem, a A e a B. Se de um lado uma tende a inovar, a outra, por sua vez, resiste. E, pelo visto, o que existe de novo na comunidade em pauta é a forma despalatalizada, já que a outra, a palatalizada, representa o padrão. Uma possível inferência, a partir desses resultados, é que se pode estar diante de uma inovação *untargeted*, cujos índices mais expressivos são encontrados na classe baixa.



**FIG. 3.2.2.9 DISTRIBUIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO POR CLASSE SOCIAL
A (Classe Alta), M (Classe Média), B (Classe Baixa)**

3.3 Estilo

Na dialectologia tradicional, os dados eram quase sempre obtidos através de perguntas dirigidas aos informantes, que, na maioria das vezes, davam respostas constituídas de uma só palavra. Tal método, na verdade, dificilmente proporcionaria uma amostra representativa da fala do indivíduo ou da comunidade.

Nas pesquisas mais atuais, tem-se a preocupação de assegurar que o informante produza a fala que represente a forma como ele normalmente a usa.

Nas pesquisas dos dialetos urbanos, que estão mais voltadas para a fonologia e para a gramática do que para o léxico, são procuradas motivações que levem o informante a produzir maior quantidade de fala.

O confronto do pesquisador com o informante leva a uma série de problemas. A coleta de dados cria situações especiais de interação social que merecem ser consideradas, caso se queira evitar, ou ao menos atenuar, o chamado *paradoxo do observador*:

(...) o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; embora apenas possamos obter esses dados pela observação sistemática. (Labov, 1972, p. 209)²

O problema não chega a ser de todo insolúvel, pois boas amostras podem ser obtidas. Devem ser encontradas,

para tanto, formas de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudar a estrutura da situação de entrevista.

Para que se tenha uma informação mais aproximada do real uso da linguagem dos indivíduos de uma comunidade, é aconselhável comparar o desempenho de uma quantidade representativa de falantes, escolhidos aleatoriamente. A fim de serem conseguidos tais dados, afirma Labov (1972, p. 79), um dos caminhos é a entrevista formal; porém este tipo de procedimento define apenas um estilo de fala, a chamada *fala cuidada*, que nem sempre é a utilizada pelo falante. Esse também se vale de um estilo mais relaxado, chamado de *fala casual*, que pode ser ouvido em situações bastante informais, como nos bares, nas ruas, praias, etc.

Ao definir estilos, Labov (1972, p. 79-80) começa com a situação considerada dominante, a da entrevista face a face, e depois passa para as situações que refletem a fala casual, a qual foge às restrições sociais da situação de entrevista.

Por entrevista face a face, entende-se a situação em que, para se observar a fala cuidada, o estilo considerado é o mais simples, uma vez que surgem daí as respostas às questões que formalmente fazem parte da entrevista. Nesse estilo, o grau de espontaneidade nas respostas dos informantes pode variar muito, porém a relação da sua fala cuidada com os da fala dos contextos, menos

formais é geralmente constante. Existem várias formas de aprimorar esse tipo de procedimento: uma delas é através do chamado *estilo de leitura*. Pede-se ao informante que leia dois textos. Ambos os textos devem ser escritos em linguagem coloquial, procurando fazer com que o leitor se envolva com a história, o que vai garantir uma distância entre esse estilo e o mais formal, solicitado a seguir. Em se tratando de um estudo fonológico, um dos textos deve concentrar as principais variáveis fonológicas em parágrafos sucessivos, e o outro deve justapor os pares mínimos.

A leitura de textos, na concepção de Chambers & Trudgill (1980, p. 70), é uma atividade lingüística que direciona a atenção do informante para a fala e também está associada, para muitas pessoas, à correção lingüística e à escola.

Um dos próximos passos em direção a um estilo mais formal é considerar a pronúncia dos informantes nas palavras isoladas.

Labov (1966, p. 61-6) estabelece três tipos de listas de palavras para investigar as variáveis: uma lista com palavras que o informante já deveria conhecer de cor, incluindo, por exemplo, os dias da semana e os meses do ano; uma lista impressa, com palavras apresentando o segmento estudado ou um semelhante; e, por fim, palavras formando pares mínimos com aquelas que apareceram no texto utilizado no estilo de leitura, e mais outras.

Em relação à fala casual, Labov (1972, p. 85-94) apresenta cinco situações contextuais.

A primeira diz respeito à fala fora da entrevista formal. Nessa situação, a fala casual pode ocorrer antes da entrevista propriamente dita, quando o informante pode dirigir-se a alguém que esteja por perto, ou ao próprio entrevistador; depois que a entrevista começa, havendo interrupções, caso alguém entre no recinto em que a entrevista se realiza; ou no final da entrevista.

A segunda situação refere-se à fala com uma terceira pessoa. Aqui, em qualquer ponto da entrevista, o informante pode dirigir-se a uma terceira pessoa, e a fala casual pode surgir.

A terceira situação representa a transição entre aqueles contextos em que a fala casual é formalmente apropriada e aqueles contextos em que o estado emocional ou atitude do falante invade quaisquer restrições formais. Nesta situação, muitas vezes, os informantes prestam pouca atenção às questões que lhes são formuladas, respondendo aquilo que mais lhes interessa expressar.

A quarta situação é representada pelas rimas e costumes infantis. São procuradas formas linguísticas que conduzam às brincadeiras ocorridas no período pré-adolescente.

A quinta e última situação é chamada *perigo de*

morte. Nessa situação, pergunta-se ao informante se ele já esteve, alguma vez, frente a algo que lhe fizesse pensar que estivesse correndo sério risco de vida. Outras questões dão continuidade a essa primeira, procurando envolver emocionalmente o informante, a fim de que a fala seja o mais casual possível.

A aplicação de cada uma dessas situações, na opinião de Tarallo (1985, p. 23), poderá mudar para cada comunidade, para cada grupo de falantes ou mesmo para cada indivíduo, cabendo, portanto, ao pesquisador fazer as adaptações necessárias.

É possível, segundo Labov (1972, p. 109), estruturar uma entrevista individual de tal forma que se possa extrair diferentes estilos de fala, através dos quais seja possível detectar um nível de consciência diferente em relação à fala.

Em um dos seus estudos, Labov (1972) constatou que a fala de muitos indivíduos não formava um sistema coerente e racional, mas que era marcada por várias oscilações, contradições e alternâncias, inexplicáveis em termos idioletais, mas que adquiriam significado quando comparada aos padrões gerais da comunidade, caso fossem observadas as variações estilísticas e sociais. Para Labov, há uma íntima conexão entre a variação estilística e a variação social: os desvios de um eixo de variação, normalmente, são acompanhados por desvios do outro eixo.

Ao comparar diferentes grupos sociais, Labov (1972) chegou a aspectos bastante reveladores em relação à variação estilística. Ele observou que, nos estilos formais, a classe média usa menos a variável de prestígio do que a classe média alta; porém, nos estilos mais formais, a frequência da variável de prestígio é maior para a classe média baixa do que para a classe média alta.

Isso que, na concepção de Labov (1972, p. 136) e também na de Wolfram & Fasold (1974, p. 87-8), pode ser chamado de hipercorrecção estatística, mostra que a localização estrutural das formas segue aquela dos grupos de maior prestígio, mas a frequência relativa das formas vai além das normas do grupo social de maior prestígio.

A fim de entender a dinâmica dessa hipercorrecção, devemos observar que a classe média baixa, caracteristicamente, tem vontade de atingir o status da classe média alta. A classe média alta já o possui, e, por isso, tem recursos para ser linguisticamente segura nos contextos mais formais. A classe média baixa, contudo, constantemente se esforça para igualar ou superar a classe média alta e atingir o mesmo status. Esse esforço demonstra que ela é bastante consciente do grupo de referência externa com o qual ela tem contato, mas pelo qual não é completamente aceita. A insegurança linguística desta posição se reflete no fato de que este grupo usa níveis de frequência mais altos do que a classe média mais segura quando a fala está no foco primário. (Wolfram & Fasold, 1974, p. 87)

A hipercorrecção estatística não é, segundo esses autores, a única consequência do conflito experimentado pelos falantes em relação a que traços lingüísticos são

preferidos por eles e a que traços a realidade social exige que sejam usados.

Outro tipo de hipercorrecção é a estrutural. Ela ocorre quando um traço favorecido não está sob o controle total do falante. Ele percebe que o traço é altamente valorizado na comunidade lingüística, mas não tem consciência de todas as restrições lingüísticas ao seu uso.

A visão laboviana da mudança de estilo, formalidade-informalidade, é de que pode ser considerada como um *continuum linear*, refletindo a quantidade de atenção que os falantes dão à sua fala. A medida que a formalidade aumenta, a frequência de ocorrência de alguns traços lingüísticos não-padrão diminui.

Essa abordagem, entretanto, tem sido questionada por alguns estudiosos. Milroy (1980) e Romaine (1980), por exemplo, observam que não resulta, da leitura, com a atenção voltada diretamente para a fala, o uso de poucos traços não-padrão. Wolfson (1976) mostra que, em algumas situações, os falantes controlam sua fala com cuidado para assegurar que estão usando mais traços não-padrão, a fim de produzir um estilo de fala propriamente informal.

3.3.1 Análise e discussão dos resultados

A partir da divisão estabelecida por Labov (1972), foram selecionados quatro variáveis estilísticas, já

definidas operacionalmente (cf. Secção 1.4.3), e que agora serão analisadas.

Embora a estatística não apresente resultados positivos, a Tabela 3.3.1.4 permite a inferência de que os estilos IF (inquérito fonético) e QA (questões abertas) tendem a inibir a aplicação da regra de palatalização, enquanto os estilos LP (lista de palavras) e LF (leitura de frases) tendem a favorecer sua aplicação.

Tabela 3.3.1.4

ESTILO

	Apl./Total	%	Prob.
Leitura de Frases	4630/6876	67	.56
Lista de Palavras	4022/6172	65	.54
Questões Abertas	2867/4722	61	.47
Inquérito fonético	3192/5815	55	.43

input .63

log likelihood = -15173.930

Amalgamando tais resultados, em vista da proximidade numérica, a diferenciação fica confirmada, como mostra a Tabela 3.3.1.5.

Tabela 3.3.1.5

ESTILOS (RESULTADOS AMALGAMADOS)

	Apl./Total	%	Prob.
Estilos Informais	10689/17413	61	.45
Estilos Formais	4022/6172	65	.55
input .77			log likelihood = -13635.260

Considerando-se que nos estilos mais formais prevalece a forma de prestígio e, nos mais informais, a estigmatizada, pode-se concluir, embora com resultados não muito expressivos, que a palatalização constitui a forma de prestígio, enquanto a despalatalização, a forma estigmatizada.

Esta conclusão, ao lado da possível inferência em relação aos resultados obtidos com a variável classe social, ratifica a idéia de que "as variantes inovadoras são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade" (Tarallo, 1985, p.12).

Observando-se a Fig. 3.3.1.6, constata-se que, à medida que se passa dos estilos formais para os informais, em ordem decrescente, aumenta a utilização da forma estigmatizada.

A Fig. 3.3.1.6 reflete o *continuum linear* estabe-

lecidio entre a formalidade e a informalidade dos estilos, indicando que as formas não-padrão vão surgindo com freqüências mais altas nos estilos mais informais, indicadas pelos índices probabilísticos abaixo do ponto neutro (.50).

Outras conclusões acerca da variável estilo serão apreciadas através do seu cruzamento com outras variáveis, como classe social, sexo e faixa etária.

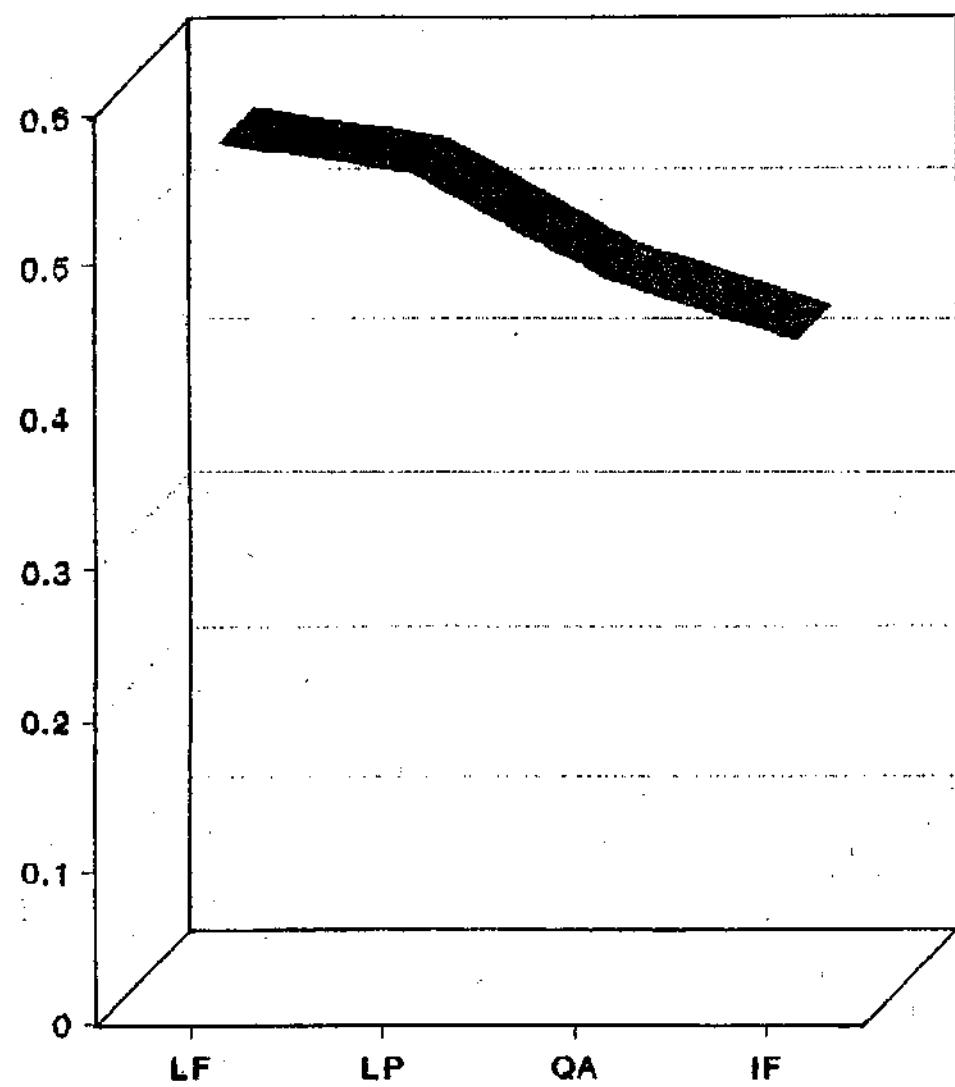


FIG.3.3.1.6 DISTRIBUIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO PELOS ESTILOS
LF (Leitura de Frases), LP (Lista de Palavras),
QA (Questões Abertas), IF (Inquérito Fonético)

3.4 Faixa Etária

Na maioria das sociedades, a idade é uma importante categoria para a interação e a organização social. Entre outras coisas, a idade está associada à estrutura dos papéis na família e nos grupos sociais, e está relacionada ao status e à autoridade. Visto que grande parte da interação social consiste em comunicação verbal, é bastante provável que a idade, como categoria social, tenha reflexo no comportamento lingüístico.

Em seu estudo sobre a centralização dos ditongos em Martha's Vineyard, Labov (1972) procura verificar se a centralização varia de acordo com a idade do informante. Em relação a isso, ele conclui que a centralização dos ditongos manifesta um crescimento regular nos níveis sucessivos de idade, atingindo o ponto mais alto na faixa etária de 31 a 45 anos.

O fato de a centralização dos ditongos apresentar uma quantidade mínima para os mais jovens e mais velhos mostra que o efeito da idade, assevera Labov (1972, p. 21), não pode ser inteiramente desconsiderado. Uma vez comprovada a importância da variável idade, resta levar em conta uma questão mais ampla que diz respeito à possibilidade ou não de se observar diretamente a mudança lingüística em progresso, que muitas vezes pode ser confundida com variação estável.

Com o desenvolvimento dos estudos variacionistas, muitas dúvidas surgiram acerca da dificuldade em se concluir se um dado fenômeno lingüístico variável reflete uma mudança em progresso ou um estágio de variação estável.

Tais dúvidas culminam em um texto de Labov em 1981, *What can be learned about change in progress from synchronic description?*, onde ele afirma que

Muitas mudanças discutidas sob este rótulo não estão provavelmente em progresso, mas em variação que pode estar sendo estável por séculos. (Labov, 1981, p. 177)

Na concepção de Labov, para que uma mudança lingüística em progresso seja detectada, o lapso ideal temporal, que permite encontrar mudanças relevantes, e que permite possibilidades de movimento reverso, deve corresponder, no mínimo, à metade de uma geração e, no máximo, a duas gerações, ou seja, deve estar situado em um intervalo aproximado de 12 a 50 anos.

Ainda segundo Labov (1981, p. 177), a única forma de estar-se certo acerca dos aspectos em discussão consiste em estudar um fenômeno em uma determinada época e, no futuro, voltar ao mesmo local e reestudar o mesmo fenômeno, verificando o que ocorreu.

A pesquisa realizada por Gauchat (1905) sobre o *patois* de Charmey, na opinião de Labov (1972, p. 278), é o protótipo dos estudos sobre a mudança fonética no seio de

uma comunidade lingüística.

Em seu estudo, Gauchat observou e registrou as divergências de seis traços fonológicos no discurso de três gerações: menos de 30 anos, entre 30 e 60 anos e mais de 60 anos. Uma geração mais tarde, 1929, Hermann voltou ao mesmo local para pesquisar quatro desses traços, e seus resultados vieram a confirmar que as descobertas de Gauchat indicavam uma mudança histórica, visto que três dos quatro traços tinham progredido em uma direção única.

A medida que o quarto traço não mudou desde as observações feitas por Gauchat, Hermann mostrou que a dimensão tempo real é essencial para uma visão exata da ocorrência da mudança.

Como Hermann, o próprio Labov, ao realizar seus estudos em Martha's Vineyard, reuniu suas observações de 1961 às do Atlas Lingüístico, datadas de 1933 e realizadas por Kurath et al. apud Labov (1972, p.4).

Para Labov (1981), o que ocorreu nesse caso clássico de Gauchat é raro, o que implica afirmar que

(...) estávamos freqüentemente na posição de tentar as melhores conjecturas que podemos fazer sobre mudança em progresso a partir⁵ de dados sincrônicos. (Labov, 1981, p. 183)

Para que se possa falar em mudança lingüística com base em resultados de análises sincrônicas é necessário que se constate diferença etária, o que ainda não pode ser

considerado como condição suficiente para a existência de mudança, já que diferenças etárias podem indicar apenas graduação de idade.

A fim de se tentar resolver as possíveis dúvidas acerca do fenômeno em ocorrência, devem ser buscadas, na opinião de Labov (1981, p. 178), outros padrões, associados, por exemplo, ao comportamento do sexo e da classe social.

Em relação à idade, Wolfram & Fasold (1974, p. 90-1) fazem uma distinção entre diferenças de geração lingüística e graduação de idade. As diferenças de geração lingüística podem ser tomadas como evidência no tempo aparente das mudanças que se realizam no tempo real. Assim, uma mudança fonética em progresso pode ser observada pela comparação dos comportamentos diferenciados de idade. A graduação de idade, por outro lado, refere-se aos comportamentos apropriados para diferentes estágios na história da vida de um indivíduo. A graduação de idade não pode ser considerada dissociada de uma matriz social mais ampla que inclua os valores e os conflitos sociais característicos da comunidade que está sendo estudada.

Os estudos da mudança em progresso, comenta Cedergren (1987, p. 45), têm usado a noção de tempo aparente como um meio de identificar as tendências evolutivas implícitas em um conjunto de dados. Esse procedimento metodológico, em sua concepção, está subordinado à hipótese de que a gramática dos falantes

individuais torna-se estável em tempo relativamente curto, após o final do período de aquisição da língua ou durante a adolescência. Diante da hipótese de que, exceto as mudanças lexicais menores, as mudanças fonéticas e fonológicas dos indivíduos não sofrem maiores reestruturações durante suas vidas, Cedergren (1987, p. 45) afirma que, se esta hipótese não fosse verdadeira, ter-se-ia de assumir que as diferenças nos grupos de idade encontradas nos conjuntos de dados sincrônicos refletem a evolução ontológica, ou antes, a graduação de idade estável dentro de uma comunidade.

A fim de verificar as hipóteses sobre as tendências evolutivas do Espanhol da cidade do Panamá e Francês de Montreal, Cedergren (1987) analisa, respectivamente, o aparecimento da velar [R] e a lenição do CH e sua difusão geográfica.

Em Português, há três estudos que explicitamente apontam fenômenos envolvidos com mudança em progresso: a concordância nominal de número, por Naro (1981); a fricatização do R, por Callou (1979); e o cancelamento do R, por Oliveira (1982). Esses três fenômenos estão envolvidos em lapsos temporais acima daqueles estabelecidos por Labov (1981), sugerindo que as variáveis em questão não são fortes o bastante para serem interpretadas como mudança em progresso.

Diferente dos citados, o estudo de Mollica (1989) sobre o *queijo* e o *de queijo* no Português do Brasil oferece

evidências, a partir de seus resultados, para que tal fenômeno seja considerado uma variação estável, já que

"(...) as diferenças nas freqüências e nas probabilidades entre as faixas etárias não são significativas a ponto de se poder levantar qualquer suspeita sobre possível movimentação da variação em estudo em direção à mudança. (Mollica, 1989, p. 97)."

O estudo quantitativo da variação lingüística pode fornecer a base para que se entendam alguns aspectos das tendências evolutivas inerentes à língua e às comunidades lingüísticas. Na opinião de Cedergren (1987, p. 56), uma análise cuidadosa dos padrões distribucionais do fenômeno variável à luz do tempo aparente e espaço poderão permitir que inferências mais fortes sejam feitas sobre as tendências dinâmicas que operam nas comunidades lingüísticas, responsáveis pela evolução da língua.

3.4.1 Análise e discussão dos resultados

Os resultados obtidos em relação à variável faixa etária, como mostra a Tabela 3.4.1.7, indicam que os informantes entre os 37 e 47 anos lideram o uso da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ (.54), enquanto aqueles entre 15 e 36 anos se mantêm neutros (.51 e .50, respectivamente), e os mais velhos apresentam índices não favorecedores ao seu uso.

Como se pode verificar a partir da Tabela 3.4.1.7, os números indicam, novamente de forma amena, que a

idade não tem efeito muito significativo na aplicação ou não da regra, visto que os resultados estão muito próximos do ponto neutro (.50).

Tabela 3.4.1.7

FAIXA ETÁRIA

	Apl./Total	%	Prob.
37 a 47	3930/5952	66	.54
15 a 25	3838/6077	63	.51
26 a 36	3825/6163	62	.50
+ de 48	3117/5392	58	.45
input .63			log likelihood = -15173.930

Uma possível conjectura acerca das evidências apresentadas é que os mais velhos (48 anos em diante) utilizam mais a forma estigmatizada (a despalatalização), enquanto aqueles entre os 37 e 47 anos utilizam mais a forma de prestígio (.54). Isso tem o reforço da Tabela 3.4.1.8, com amalgamação dos dados.

Tabela 3.4.1.8

FAIXA ETÁRIA (RESULTADOS AMALGAMADOS)

	Apl./Total	%	Prob.
15 a 47	11593/18192	64	.53
+ de 48	3117/5392	58	.47
input .77	log likelihood = -13635.260		

Observando-se a Fig. 3.4.1.9, torna-se bastante claro que o fenômeno estudado constitui uma variação estável, visto que a sua distribuição representa uma linha com vários picos.

Para que se tivesse uma mudança em progresso seria necessário que as freqüências mais altas de realizações estivessem em relação inversa à idade, ou seja, os falantes mais jovens (15 a 25 anos) deveriam utilizar a palatalização com freqüência mais acentuada em comparação com aqueles pertencentes às últimas faixas etárias.

O fato de os falantes mais jovens manterem-se neutros pode levar a inferir que algo está se processando na comunidade, que pode muito bem ser a penetração de uma nova forma - a despalatalização, ameaçando a estabilidade da forma palatalizada.

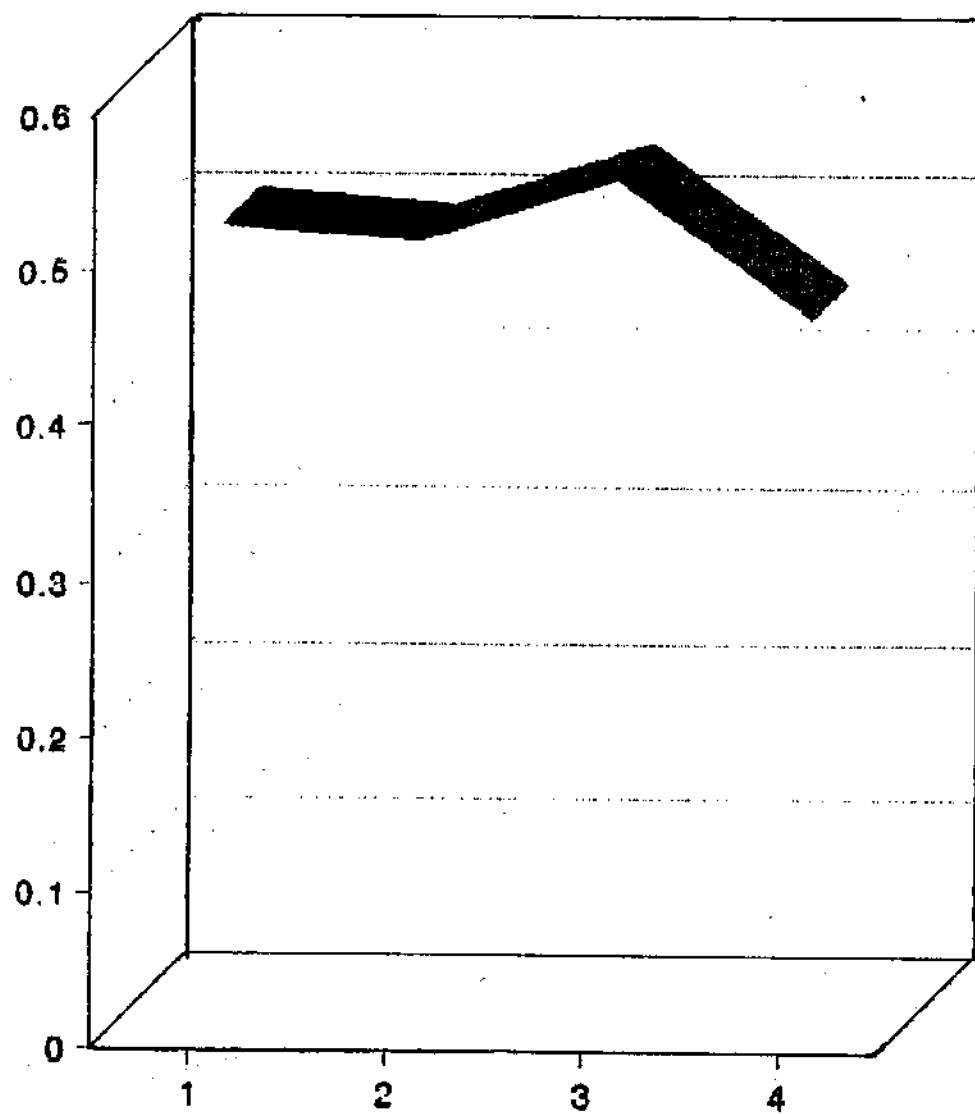


FIG.3.4.1.9 DISTRIBUIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA
1 (16 a 26 anos), 2 (26 a 36 anos),
3 (37 a 47 anos), 4 (48 anos em diante)

3.5 Sexo

Há um amplo conjunto de literatura indicando que homens e mulheres diferem em seu uso da língua, e vários pesquisadores documentam, sob aspectos diversos, essas diferenciações.

Sistemas inteiros de categorias gramaticais podem variar baseados nos sexos do falante e ouvinte, se não em todas as sociedades, mas em número suficiente para mostrar que o sexo interage com outras variáveis ao serem considerados alguns aspectos da diferenciação dialetal.

Uma das consequências da diferenciação de sexo na língua diz respeito à mudança lingüística. Assim, diferenças entre a língua dos homens e das mulheres podem estar associadas à mudança na língua. Mas também tais diferenças podem refletir situações de variação estável.

Nos estudos realizados por Labov (1972), podem-se notar diferenças de sexo significativas no uso das variáveis que fazem parte do processo de mudança. No caso da mudança lingüística na Cidade de New York, que envolve a variável (a), pode-se observar que a pronúncia dos homens varia muito pouco entre os contextos formais e menos formais, enquanto a pronúncia das mulheres varia muito mais. Assim, a mudança de estilo é típica dos falantes do sexo feminino. Além disso, observa-se que as mulheres, muito mais que os homens, utilizam as novas formas na fala casual. Em outras

palavras, isso leva a crer que, na Cidade de New York, a mudança lingüística esteja associada à mulher.

Entretanto, em seu estudo de Martha's Vineyard, Labov (1972, p. 304) observa um padrão diferente: são os homens que iniciam a mudança.

A diferença de sexo na fala, diz Labov (1972, p. 303), desempenha importante papel no mecanismo da evolução lingüística, que, por sua vez, está ligada aos padrões cotidianos de interação social.

Em uma situação de mudança lingüística em direção ao padrão, a liderança, segundo Chambers & Trudgill (1980, p. 71), cabe às mulheres da classe média e, caso contrário, aos homens da classe trabalhadora.

Mesmo com essa diretriz acerca da variável sexo, na literatura lingüística, pode-se ver que o seu papel, na questão da mudança, não é muito claro. Já em 1972, por exemplo, Labov afirmava que as mulheres usam mais formas inovadoras na fala casual e menos na fala formal; porém, em 1981, ele desvincula a questão da formalidade da conversa, e mesmo da classe social, ao afirmar que, para comunidade onde mulheres favorecem a forma de prestígio de marcadores estáveis, uma variável que mostra mulheres na liderança pode ser muito bem uma nova mudança em progresso. Conclui-se que as mulheres lideram mudanças que se afastam da norma, quando elas usam formas de prestígio em variação estável.

Considerando que se tem aceitado universalmente que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio do que os homens na situação de variação estável (Oliveira, 1982, p. 86), o seu comportamento contrário, distante da norma, deveria ser realmente interpretado como um índice de mudança.

Em situações de variação estável, os falantes do sexo feminino tendem a se aproximar da norma estabelecida mais do que os falantes do sexo masculino, embora se considere que a diferença entre o comportamento dos dois sexos ocorra mais na fala cuidada do que na fala espontânea (Labov, 1972, p. 301).

Outros estudos (Trudgill, 1974; Milroy & Milroy, 1978; Cheshire, 1984) também têm apresentado padrões contrastantes ligados ao sexo dos informantes, em que ora a inovação é iniciada pela mulher, ora pelo homem.

Em estudos realizados no Brasil, a diferenciação de sexo nem sempre é apontada como fator decisivo em relação à mudança lingüística, e, quando o sexo é considerado relevante, os resultados confirmam as tendências dos estudos citados aqui.

A partir das observações sobre a variável sexo, resultantes dos trabalhos desenvolvidos por Naro (1981), Guy (1981), Oliveira (1982) e Callou (1979), em que se chega a conclusões diferenciadas quanto ao papel do sexo na variação

estável ou na mudança lingüística em progresso, ora destacando-se o papel do homem, ora o da mulher, Scherre (1988, p. 430-1) afirma:

"(...) a conclusão mais segura que parece se poder estabelecer até o presente momento é que há uma tendência geral de as mulheres se aproximarem do padrão e de os homens se distanciarem dele, independente de o fenômeno lingüístico envolver variação estável ou mudança lingüística."

A evidência encontrada nos estudos de Naro (1981) e Guy (1981), na concepção de Bortoni-Ricardo (1985), pode ser explicada à luz de alguma informação referente à ocupação dos informantes. No estudo de Guy, por exemplo, que utiliza informantes do projeto de pesquisa *Competências Básicas do Português* (Lemle & Naro, 1977), as redes sociais das mulheres são mais heterogêneas do que as dos homens, e isto deve ser considerado.

No estudo realizado por Bortoni-Ricardo (1985), a situação é outra, uma vez que as redes sociais das mulheres são mais homogêneas, o que faz com que, no processo de difusão dialetal, se perceba um maior avanço entre os homens.

Em outros estudos, realizados também no Brasil, a diferenciação de sexo não se apresenta como significante no processo de variação (Bisal, 1986; Silva, 1989).

Também foi constatado que o sexo do entrevistador tem influência no comportamento do informante. As mulheres,

por serem mais sensíveis às restrições de diferentes contextos sociais, afirma Conklin (1974, p. 71), usam menos que os homens o estilo mais relaxado, principalmente quando falam a um pesquisador do sexo masculino.

Alguns estudos (Milroy, 1980; Cheshire, 1980), onde o pesquisador é do sexo feminino, têm demonstrado que as diferenças no uso das formas não-padrão não só dependem do sexo do falante, como também do grau de sua integração na cultura local.

Como as diferenças de sexo estão relacionadas aos dialetos sociais, argumentam Wolfram & Fasold (1974, p. 93), observa-se que as mulheres usam menos as formas estigmatizadas do que os homens.

No estudo realizado por Wolfram (1969) sobre a negação multipla, observa-se que a distribuição por sexo nas quatro classes sociais demonstra que a variante estigmatizada é usada com maior frequência pelos homens. As mulheres, por sua vez, demonstram mais consciência das normas de prestígio.

A tendência de os homens usarem as variantes estigmatizadas em sua fala deve ser vista, afirmam Wolfram & Fasold (1974, p. 93), em termos do possível valor positivo de que a fala não-padrão pode indicar virtudes de masculinidade e agressividade para um homem.

O fato de as mulheres demonstrarem tendência a

usar mais as formas padrão do que os homens está, na opinião de Cheshire (1984, p. 33), ligado a duas razões: a mulher pode ser mais consciente do significado social dos diferentes traços lingüísticos, de modo que elas usam mais as formas da fala socialmente prestigiada; a fala não-padrão da classe operária talvez tenha conotações masculinas de grosseria e agressividade nas sociedades ocidentais; assim, os homens preferem usar mais as formas não-padrão.

Ao questionar por que as diferenciações no sexo ocorrem também na língua e por que os homens e as mulheres desempenham papéis diferentes no espraiamento das formas lingüísticas, Chambers & Trudgill (1980, p. 98) apresentam alguns fatores: as mulheres, por terem menos oportunidade de mostrar o que fazem, demonstram seu status social na aparência e no comportamento, inclusive lingüisticamente; pelo fato de pouco participarem da vida social, as mulheres estão menos sujeitas às pressões dos grupos de pares do que os homens, e quando se vêem em situações formais, elas utilizam estilos mais formais; por terem um papel mais forte na socialização das crianças, as mulheres são mais sensíveis às normas aceitáveis de comportamento; a diferenciação de sexo é reflexo de uma tendência mais ampla, em que aos homens são permitidas ações que quebram as normas, e, às mulheres, por outro lado, é sempre cobrado um comportamento correto, polido, discreto, etc. Assim, as pressões sobre as mulheres para a utilização correta das formas lingüísticas são mais fortes do que sobre os homens.

3.5.1 Análise e discussão dos resultados

Em relação à variável sexo, pode-se constatar, a partir dos resultados obtidos pelo autor deste trabalho, que existe, como mostra a Tabela 3.5.1.10, quase que uma equivalência probabilística.

Tabela 3.5.1.10

SEXO

	Apl./Total	%	Prob.
Mulher	7471/11827	63	.51
Homem	7240/11758	62	.49
input .63		log likelihood = -15173.930	

De acordo com esses resultados, observa-se que a variável sexo, no cômputo geral dos dados, não desempenha um papel significativo para o estudo proposto.

Se tal variável contribui ou não para indicar um fenômeno de variação estável ou de mudança lingüística em progresso, é muito difícil avaliar a partir de resultados tão próximos do ponto neutro. Espera-se que a partir do cruzamento dessa variável com outras, a realizar-se na seção seguinte, sejam obtidas conclusões mais esclarecedoras.

Considerando que, em todas as sociedades

conhecidas, os papéis masculino e feminino são distintos sob vários aspectos, não é de surpreender que a variação lingüística, que surge de diferenças construídas socialmente por homens e mulheres, venha a ter papel importante no impulso da evolução lingüística. Como afirma Labov (1972, p. 303), não é certo dizer que os homens ou as mulheres sejam o sexo inovador, mas que assim como há mudanças que são iniciadas por falantes do sexo feminino, há mudanças iniciadas por falantes do sexo masculino. Dessa forma, o estudo voltado para esse aspecto pode apenas beneficiar o crescente interesse na análise sociolingüística em relação à diferença de sexo na fala.

Após descrição e análise dos resultados referentes às variáveis extralingüísticas isoladamente, a seguir serão efetuados alguns cruzamentos, para que se possa ter uma ideia mais generalizada acerca da relação entre o fenômeno lingüístico estudado e as variáveis controladas.

3.6 Cruzamento dos dados

Antes de proceder à análise proposta, ou seja, verificar o comportamento das variáveis a partir de um confronto, cabe ressaltar que os dados utilizados nesta seção resultam já de um processo de amalgamação, que reuniu fatores de uma mesma variável, quando apresentaram diferença inferior a .05.

Estabelecendo-se, inicialmente, um cruzamento

entre as variáveis classe social e faixa etária, a Tabela 3.6.11 indica que, em todas as faixas etárias, as classes sociais alta e média, representadas por alta, favorecem a aplicação da regra de palatalização, enquanto a classe social baixa a restringe.

Tabela 3.6.11

CRUZAMENTO DE CLASSE SOCIAL E FAIXA ETÁRIA

Classe Social							
	Alta				Baixa		
	Apl./Total	%	Prob.		Apl./Total	%	Prob.
15 a 25	1438/2105	68	.55		2400/3972	60	.45
26 a 36	2925/4278	68	.63		900/1885	48	.37
37 a 47	2923/4008	73	.63		1008/1945	52	.37
+	48	2245/3547	63	.59	872/1845	47	.41

De acordo com os resultados apresentados nesta Tabela 3.6.11, observa-se que, nas faixas etárias 2 e 3 (26 a 36 e 37 a 47), os índices probabilísticos são exatamente os mesmos, tanto para a classe alta (.63), favorecendo a aplicação da regra, como para a classe baixa (.37), restringindo-a. A observação dos outros índices também mostra que os mais velhos da classe alta (48 anos em diante)

utilizam mais a forma palatalizada (.59), enquanto os mais velhos da classe baixa utilizam mais a forma despalatalizada (.41). E assim, os mais jovens (15 a 25), de ambas as classes, apresentam resultados probabilísticos mais próximos do ponto neutro (.50): os da classe alta (.55) e os da classe baixa (.45), denotando, dessa forma, um processo bastante estável.

Outro aspecto interessante que se pode depreender desse cruzamento surge a partir da Fig. 3.6.12. Pode-se detectar certa uniformidade entre as classes sociais alta e média, que desaparece à medida que se passa da classe média para a classe baixa.

Fica bastante fácil de verificar a partir da Fig. 3.6.12 como as classes sociais alta (A) e média (M), nas faixas etárias 2 (26 a 36) e 3 (37 a 47) favorecem a aplicação da regra, enquanto, nessas mesmas faixas etárias, a classe baixa a restringe.

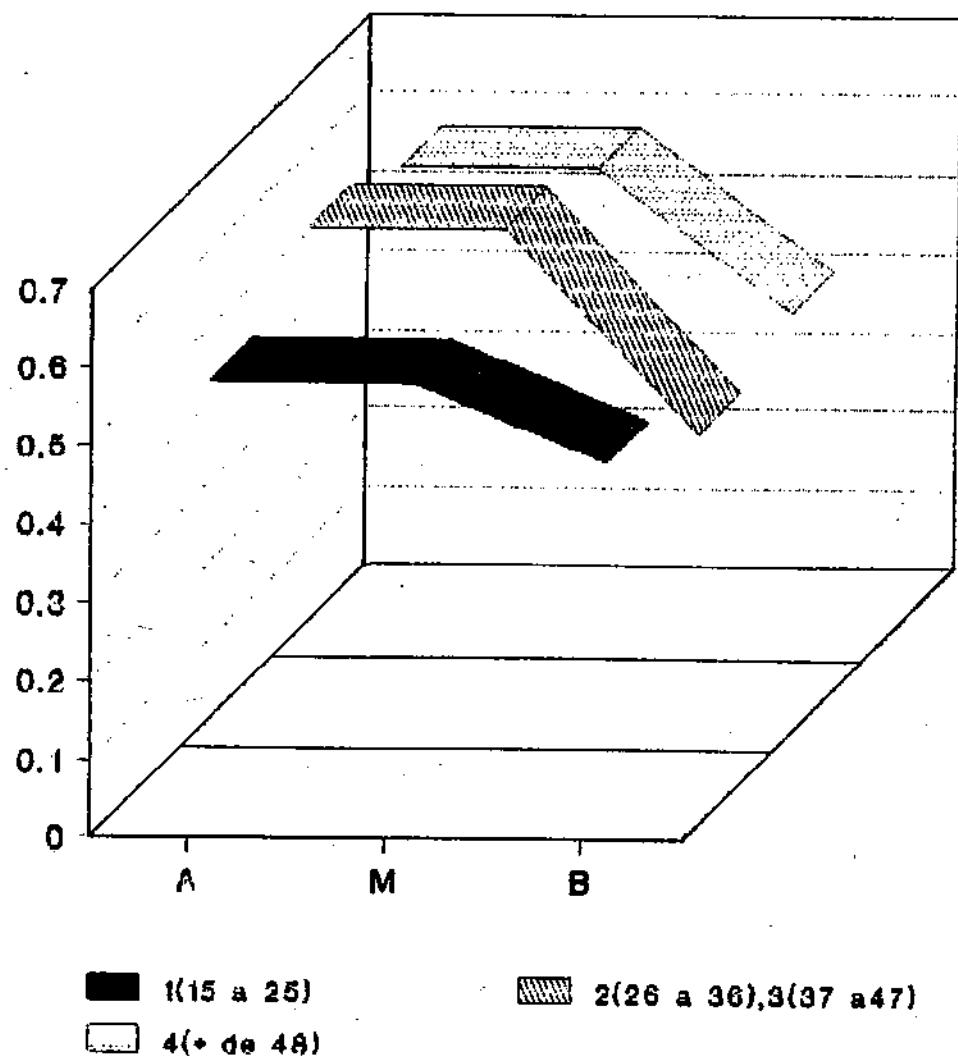


FIG.3.6.12 DISTRIBUIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO POR CLASSE SOCIAL E FAIXA ETÁRIA.
A (Classe Social Alta), M (Classe Social Media),
B (Classe Social Baixa)

No cruzamento dos dados entre classe social e sexo, a Tabela 3.6.13 mostra que, também nas classes sociais alta e média, representadas por Alta, tanto os homens como as mulheres favorecem a aplicação da regra, enquanto na classe social baixa, homens e mulheres restringem-na.

Tabela 3.6.13
CRUZAMENTO DE CLASSE SOCIAL E SEXO

Classe Social						
	Alta			Baixa		
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.
Homem	5129/7795	66	.57	2111/3961	53	.43
Mulher	5665/8199	69	.62	1765/3576	49	.38

A partir da análise dos resultados, pode-se depreender, conforme a Fig.3.6.14, que, com respeito às mulheres, nas classes sociais alta e média, elas favorecem a aplicação da regra mais que os homens, e na classe social baixa, opositivamente a restringem mais.

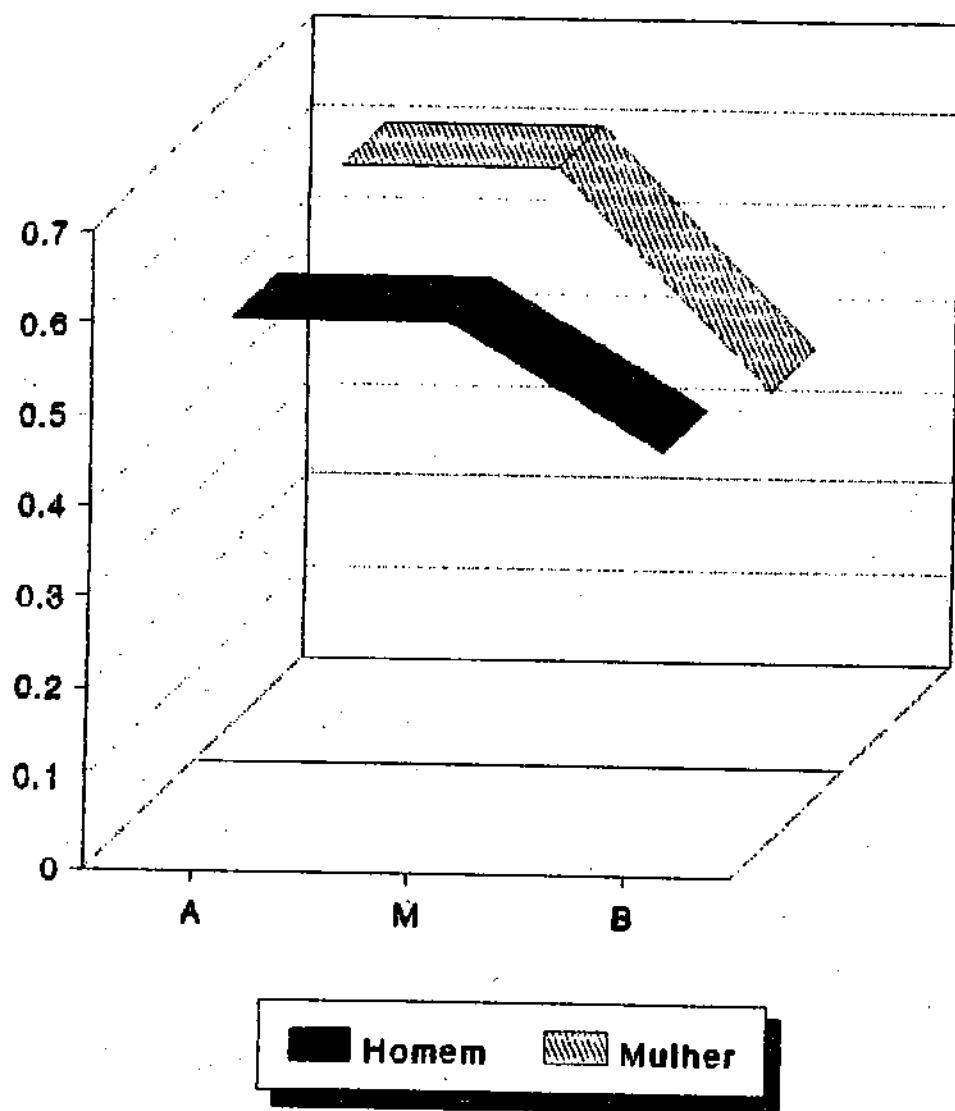


FIG. 3.6.14 DISTRIBUIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO POR CLASSE SOCIAL
E SEXO.
A (Classe Social Alta), M (Classe Social Média),
B (Classe Social Baixa)

Há entre as classes sociais alta e média, ainda conforme a Fig. 3.6.14, uma uniformidade de comportamento em relação ao uso da regra, tanto quando se trata dos homens como quando se trata das mulheres. Comportamento diferenciado, por sua vez, ocorre na classe social baixa em ambos os sexos.

Estabelecendo uma relação entre estilo e classe social, como na Tabela 3.6.15, verifica-se que o estilo inquérito fonético (IF) é o que mais inibe a aplicação da regra, e o estilo leitura de palavras (LP) é o que mais a favorece. Isto se dá nas três classes sociais estudadas.

Tabela 3.6.15

CRUZAMENTO DE CLASSE SOCIAL E ESTILO

Classe Social										
		Alta			Média			Baixa		
		Apl./Total	% Prob.							
IF	1137/1946	58	.45	2079/3464	60	.39		900/1989	45	.46
LP	4594/6485	71	.55	1436/1955	73	.58		2976/5548	54	.52

Cabe ressaltar que nesta Tabela 3.6.15, nas classes sociais alta e baixa, o estilo inquérito fonético

(IF) equivale aos estilos leitura de frases e questões abertas; enquanto na classe social média, o estilo inquérito fonético equivale ao estilo questões abertas, e o estilo lista de palavras (LP) equivale à leitura de frases.

Do cruzamento entre estilo e classe social, constata-se que o uso da regra de palatalização atinge seu índice mais alto nos estilos formais - lista de palavras e leitura de frases - e principalmente na classe social média, cujas diferenças são bem acentuadas. Os índices encontrados para a classe social baixa não chegam a ser significativos, por estarem muito próximos de .50. Já a classe social alta apresenta um resultado similar ao da classe social média, porém em menores proporções. O que se observa ainda é que o estilo inquérito fonético é o que mais inibe a aplicação da regra, como se pode inferir da Fig.3.6.16.

Em todas as três classes sociais (Fig.3.6.16), observa-se algo comum: a elevação do índice de palatalização, a partir do momento em que se passa dos estilos informais (IF e QA) para os mais formais (LF e LP).

Tal fato revela que, na classe social média, ocorre um processo de hipercorreção, uma vez que ela atinge índices mais altos que as duas outras classes sociais, tanto ao restringir como ao favorecer a aplicação da regra. Assim, ela aplica a regra mais que a classe alta nos estilos formais, e menos que a classe baixa nos informais, demonstrando, dessa maneira, sua insegurança linguística.

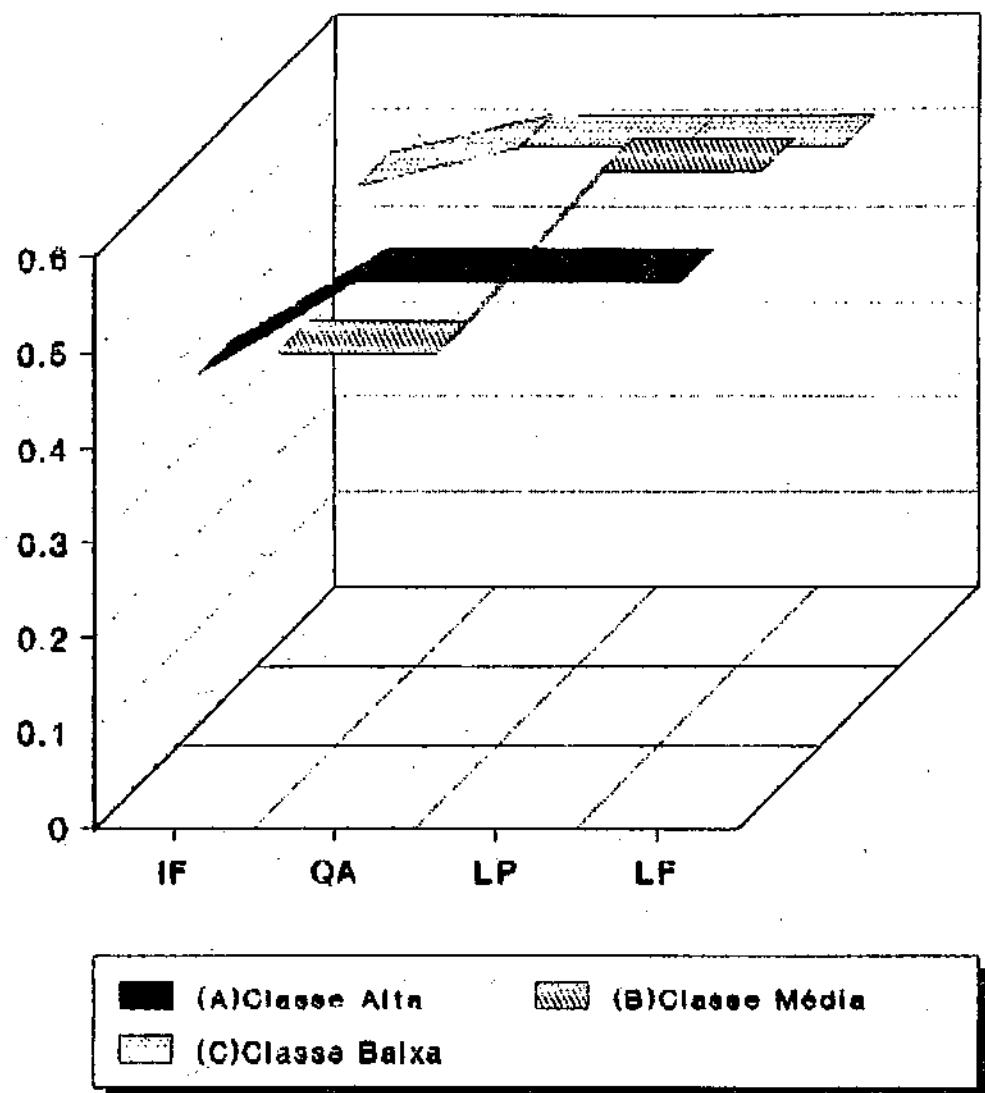


FIG.9.6.16 DISTRIBUIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO POR CLASSE SOCIAL E ESTILO.

IF (Inquerito Fonético), QA (Questões Abertas),
LF (Leitura de Frases), LP (Lista de Palavras)

A classe social baixa, por sua vez, demonstra estabilidade em todos os estilos (Figura 3.6.16), o que, aliás, pode ser visto como uma forma de resistir às pressões lingüísticas oriundas das classes mais altas.

Observando, agora, a relação entre sexo e faixa etária, segundo a Tabela 3.6.17, constata-se que os resultados encontrados são muito pouco significativos, tendo em vista sua proximidade do ponto neutro (.50).

Tabela 3.6.17

CRUZAMENTO DE SEXO E FAIXA ETÁRIA

	Homem			Mulher		
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.
15 a 25	1993/3282	61	.47	1845/2795	66	.53
26 a 36	2016/3185	63	.52	1809/2978	61	.48
37 a 47	1921/2824	68	.47	2010/3129	64	.47
+ 48	1310/2467	53	.46	1807/2925	62	.54

Embora não significativos, os resultados podem revelar que, no geral, as mulheres são mais propensas a utilizarem a forma palatalizada, portanto a de prestígio; principalmente nas faixas etárias periféricas (15-25 e 48 em diante). Já os homens, na sua maioria, não demonstram

sensibilidade a este uso, e fazem-no apenas na faixa etária entre 26 e 36 anos.

O que ainda se pode deduzir desses resultados é que, caso haja alguma possibilidade de existir um processo de mudança na comunidade estudada, envolvendo a palatalização, as mulheres despontam como possíveis inovadoras, já que na faixa etária entre os 15 e 25 anos elas se apresentam como sensíveis à utilização dessa regra (.53), enquanto os homens, nessa mesma faixa etária, tendem a não favorecê-la. Tal inferência, entretanto, parece precipitada, visto que os resultados estão muito próximos do ponto neutro (.50). Por outro lado, se este processo de mudança envolver a despalatalização, os possíveis inovadores serão os homens, que, mesmo de forma não significativa, tendem a utilizá-la mais que as mulheres. O certo, porém, é que mesmo com o cruzamento dos dados, como indica a Tabela 3.6.17, o sexo continua apresentando resultados inexpressivos.

A fim de estabelecer uma relação entre estilo e faixa etária, objetivando uma melhor visualização do que ocorre, primeiramente o cruzamento será feito com os estilos considerados informais, inquérito fonético e questões abertas (Tabela 3.6.18), e depois, com aqueles considerados formais, lista de palavras e leitura de frases (Tabela 3.6.19).

Quanto aos estilos inquérito fonético e questões

abertas, como mostra a Tabela 3.6.18, a única diferenciação ocorre nas duas últimas faixas etárias, e principalmente quando se trata do estilo questões abertas. Os números pouco expressivos desta Tabela apontam, todavia, para um fato importante: são os mais jovens que tendem a usar a forma despalatalizada, o que pode confirmar a idéia de que um fenômeno novo começa a manifestar-se na comunidade.

Tabela 3.6.18

CRUZAMENTO DOS ESTILOS INFORMAIS E FAIXA ETÁRIA

	Inquérito Fonético			Questões Abertas			
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.	
15 a 25	828/1436	58	.45	767/1359	56	.43	
26 a 36	804/1488	54	.43	674/1239	54	.41	
37 a 47	889/1520	58	.42	577/947	72	.55	
+	46	671/1371	49	.41	577/947	61	.52

Com relação aos resultados expressos na Tabela 3.6.19, há indicações de que as faixas etárias mais avançadas, quando se trata do estilo lista de palavras, usam menos a forma palatalizada, ao contrário, portanto, das faixas etárias iniciais. Já quanto ao estilo leitura de frases, os resultados são muito similares.

Tabela 3.6.19

CRUZAMENTO DOS ESTILOS FORMAIS E FAIXA ETARIA

	Lista de Palavras			Leitura de Frases		
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.
15 a 25	1080/1574	69	.57	1163/1708	68	.56
26 a 36	1157/1645	70	.61	1190/1791	66	.55
37 a 47	964/1516	57	.47	1229/1740	71	.56
+ 48	821/1437	57	.50	1048/1637	64	.57

Constata-se, pois, que os resultados apresentados nas duas Tabelas, por serem pouco expressivos, não oferecem possibilidades de inferências mais significativas.

Passando-se ao cruzamento das variáveis sexo e estilo, a Tabela 3.6.20, que estabelece tal relação, apresenta Índices relativamente mais altos nos estilos lista de palavras e leitura de frases, representados por LP, tanto para homens como para mulheres, (.54) e (.56) respectivamente, o que permite inferir que a palatalização, embora de forma não muito expressiva, já que os Índices estão muito próximos do ponto neutro, carrega alguma marca de prestígio, por ser mais utilizada nos estilos considerados formais, o que, aliás, já se constatou anteriormente.

Tabela 3.6.20

CRUZAMENTO DE SEXO E ESTILO

	Homem			Mulher		
	Apl./Total	%	Prob.	Apl./Total	%	Prob.
LP	2413/3493	69	.54	4370/6527	67	.56
IF	4827/8263	58	.46	3060/5248	58	.44

Por outro lado, os estilos inquérito fonético e questões abertas, representados por IF, em ambos os sexos, tendem a restringir o uso da palatalização, favorecendo, dessa forma, a despalatalização.

3.7 Conclusão

A partir da análise feita, pode-se chegar a algumas conclusões, considerando-se dois momentos: no primeiro, serão observados os dados como um todo; e, no segundo, os vários cruzamentos efetuados.

Inicialmente, observando os dados como um todo, em cada variável, seja ela social ou estilística, constata-se que a distância entre os resultados probabilísticos obtidos e o ponto neutro (.50) não é muito grande, tanto em variáveis que favorecem a regra de palatalização quanto em variáveis que a restringem.

Com base nessa constatação, verifica-se que, dessas variáveis, a que apresenta índices mais distantes do ponto neutro e, portanto, a mais forte, é a classe social do informante, seguida pelo estilo e pela faixa etária. O sexo, como se pode observar, não desempenha papel significativo. Assim, a relação hierárquica entre as quatro variáveis analisadas leva à seguinte ordem decrescente: *Classe Social, Estilo, Faixa Etária e Sexo.*

Observando agora, isoladamente, os fatores que constituem cada uma dessas variáveis, conclui-se que a palatalização é mais usada nas classes sociais alta e média, nos estilos formais e entre adultos até 47 anos; e menos, na classe social baixa, nos estilos não-formais, e entre os velhos. Quanto ao sexo, embora seus índices não revelem diferenças significativas, observa-se que as mulheres usam mais a regra do que os homens.

Deduz-se, assim, que a palatalização, na comunidade estudada, é uma forma de prestígio, utilizada por aqueles que possuem maior poder aquisitivo e grau mais elevado de escolaridade. Já a despalatalização representa a forma estigmatizada, encontrada com maior frequência entre aqueles de menor poder aquisitivo e grau de escolaridade menos elevado.

O cruzamento dos dados, por sua vez, levou, algumas vezes, a ratificar conclusões anteriores.

Em relação à variável classe social e seus vários cruzamentos, constata-se que as classes sociais alta e média mantêm-se como detentoras da forma de prestígio, favorecendo a aplicação da regra de palatalização, em todas as faixas etárias e também em ambos os sexos.

Do cruzamento entre classe social e estilo, porém, verifica-se um processo de hiper correção na classe média, superando, por um lado, a classe alta na utilização da forma de prestígio, e, por outro, a classe baixa no uso da forma estigmatizada, demonstrando, dessa forma, a insegurança linguística daqueles que se situam entre os mais e os menos privilegiados, tanto do ponto de vista econômico, como do ponto de vista educacional.

Finalmente, o que se pode inferir desta análise é que o fenômeno linguístico estudado, a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ reflete um processo de variação, ameaçado em sua estabilidade, o que pode ser facilmente comprovado pelo fato de os resultados probabilísticos mais fortes, tanto mais altos como mais baixos, respectivamente aplicação e não-aplicação da regra, serem encontrados nas classes sociais alta e baixa, que apresentam regularidade de padrões linguísticos. Se de um lado a classe social alta usa a forma de prestígio com mais frequência; do outro, a classe social baixa utiliza a forma estigmatizada. E, entre as duas, a classe social média oscila, por razões de insegurança em relação aos seus

próprios padrões lingüísticos, dando margem ao aparecimento expressivo da variável em estudo.

E assim, ao lado da palatalização, constata-se a presença de uma nova forma, a despalatalização que, embora estigmatizada, aos poucos vai penetrando na comunidade.

NOTAS

¹ "But in modern sociolinguistic work one striking fact emerges: not a single case has been recorded of untargeted innovation originating in the highest social class! Those few cases identified in the literature of changes in progress starting at the top all involve the borrowing of some external prestige form, i.e. targeted change... The agents of this change are the upper classes. The important thing to notice is that this just involves dialectal redistribution of variants. Untargeted changes, on the other hand, internally developed and not borrowed, do bring in something completely new, and tend to originate among the working class." (Guy, 1988, p.57)

² "(...) the aim of linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain these data by systematic observation." (Labov, 1972, p.209)

³ "In order to understand the dynamics of this hypercorrection, we must note that the lower middle class is typically quite desirous of attaining upper middle-class status. The upper middle class already 'has it made', and therefore can afford to be linguistically secure in more formal contexts. The lower middle-class, however, constantly strives to emulate the middle class and attain equal status. This striving makes it very conscious of the external reference group with which it has contact but which it is not completely accepted. The linguistic insecurity of this position is reflected in the fact this group uses frequency levels higher than the more secure upper middle class when speech is in primary focus." (Wolfram & Fasold, 1974, p. 87)

⁴ "A good many of the changes discussed under that heading are probably not in progress at all, but variation that may have been stable for centuries." (Labov, 1981, p.177)

5 "(...) we will often be in the position of trying to make the best guesses we can about change in progress from synchronic data." (Labov, 1981, p. 183)

4 - VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

4.1 Introdução

A medida que as comunidades lingüísticas são socialmente complexas, espera-se que as variáveis sociolinguísticas que funcionam dentro de uma determinada comunidade tenham, ao menos, valores sócio-simbólicos diferentes.

Correlações sociais idênticas entre as variáveis, em um dado sistema, redundariam no empobrecimento da diferenciação social naquela comunidade. A identidade social dos indivíduos, portanto, será refletida, não simplesmente no uso de variáveis sociolinguísticas, mas no uso relativo de mais de uma variável. Se uma análise do significado social das variáveis individuais é mais que uma vaga aproximação baseada nos valores do grupo, as relações encontradas entre os grupos de falantes de uma variável e outra podem ser esperadas salientarem-se nos padrões dos falantes individuais.

Neste capítulo serão consideradas as seis variáveis lingüísticas, já definidas operacionalmente no

capítulo I, que foram objeto de observação no estudo da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, cuja ordem por grau de significância, a partir da análise probabilística, resultante do cômputo geral dos dados, é a seguinte:

- 1 - Contexto fonológico seguinte;
- 2 - Contexto fonológico precedente;
- 3 - Tonicidade;
- 4 - Contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora;
- 5 - Posição;
- 6 - Sonoridade.

Levando em conta que as variáveis lingüísticas escolhidas pelos pesquisadores nem sempre coincidem, ao contrário das variáveis extralingüísticas e principalmente as sociais, não se fará, neste capítulo, revisão da literatura existente sobre cada uma delas. Procurar-se-á, inicialmente, fazer um estudo descritivo dos resultados obtidos, salientando quais as variáveis que favorecem a aplicação da regra de palatalização e quais as que tendem a inibi-la, para posteriormente apresentar uma análise daquelas que mais se salientaram.

Ao lado deste estudo, procurar-se-á verificar a ocorrência dos contextos mais favorecedores e mais inibidores em duas variáveis extralingüísticas: faixa etária e classe social. A primeira, pelo fato de os dados, no

cômputo geral, terem sido armazenados por faixa etária; a segunda, por ser a variável extraíngüística mais significativa entre as estudadas, conforme indicam os resultados probabilísticos.

4.2 Contexto fonológico

Os contextos fonológicos seguinte e precedente apresentaram, conforme os resultados probabilísticos, os índices mais significativos quanto à aplicação da regra de palatalização.

A sua importância é demonstrada também pelo seu aparecimento, como variável controlada, em trabalhos de Votre (1978), Bisol (1981, 1986), Silva (1989), entre outros.

4.2.1 Contexto fonológico seguinte

Neste trabalho, ao controlar o contexto fonológico seguinte, foram observados:

- a) dental/alveolar: /t,d,l,r/
(maldita, mordida, ventilador, mentira);
- b) labial: /p,b,m/
(multiplicar, futebol, time);
- c) labiodental: /f,v/
(edifício, cativo);
- d) sibilante coronal: /s,z/
(dizer, artistas, antes);

- e) velar: /k, g/
(indicador, antigo);
- f) palatal lateral: /ʎ/
(gatilho, rodilha);
- g) palatal sibilante: /ʃ, ʒ/
(lagartixa, tijolo);
- h) palatal nasal: /ɲ/
(gordinha, gatinho);
- i) vogal alta: /u, i/
(índio, de irmão);
- j) vogal baixa: /a/
(tia, dia);
- k) outras vogais:
(arte horrível, dente estragado, desobediente);
- l) silêncio ou vazio:
(poste..., rede....).

A Tabela 4.2.1.1 mostra os resultados encontrados.

Tabela 4.2.1.1

CONTEXTO FONOLOGICO SEGUINTE

	Apl./Total	%	Prob.
Vogal Alta (índio)	1356/1648	82	.71
Outras Vogais (arte horrível)	1069/1464	73	.59
Vogal Baixa (tia)	1192/1767	67	.58
Labiodental (cativo)	1259/1792	70	.57
Labial (futebol)	1163/1503	77	.56
Dental/Alveolar (mordida)	3340/4749	70	.55
Velar (antigo)	945/1537	61	.50
Palatal Sibilante (tijolo)	402/780	52	.43
Palatal Lateral (gatilho)	265/531	50	.40
Silêncio (rede...)	2307/4535	51	.35
Sibilante Coronal (dizer)	1413/3279	43	.26

input .77

log likelihood = -13800.400

O que chama a atenção, à primeira vista, nesta Tabela, é que, na sua maioria, os fatores apresentam

resultados favoráveis à aplicação da regra, mesmo que um pouco próximos do ponto neutro (.50). E desses fatores favoráveis, o que mais se destaca é o contexto de vogal alta (.71) que, na maioria dos casos, dá origem a um ditongo, deixando claro o papel do glide frontal que se forma neste contexto, em palavras como [T̪iyu].

Pelo visto, o contexto vocálico é um dos mais favoráveis à palatalização, já que, ao lado da vogal alta, o contexto que mais se destaca é *outras vogais* (.59), ao lado da vogal baixa (.58), que, diferente da alta posterior, constitui um hiato com a vogal /i/.

Por outro lado, aqueles fatores que, embora em minoria, se mostram como inibidores à aplicação da regra, fazem-no de forma mais forte, com índices mais expressivos, como é o caso da sibilante coronal (.26) e do silêncio (.35), que vão favorecer, por outro lado, o processo de despalatalização.

Se o fator silêncio apresenta uma novidade, o mesmo não ocorre com a sibilante coronal, visto que em Bisol (1986) este fator assim se apresenta, principalmente no contexto fonológico seguinte.

Outro aspecto bastante interessante nesses resultados, e ainda quanto aos fatores que inibem a aplicação da regra, é o papel da palatal, que, independentemente do modo de articulação, mostra números

probabilísticos baixos. Tudo indica que a despalatalização, neste caso, resulte de um processo dissimilatório, provocado pela contigüidade de traços idênticos. Ainda em relação ao contexto palatal, cabe observar que, em nenhum momento, se constatou a presença da palatal nasal. Formas como *gatinho*, *engracadinho* e outras, independentemente da faixa etária, classe social, sexo ou estilo, resultaram sempre em ditongo nasal [yú].

Ao se processar a amalgamação dos dados referentes ao contexto fonológico seguinte (Tabela 4.2.1.2), os resultados tornaram-se mais claros, possibilitando algumas generalizações.

Tabela 4.2.1.2

CONTEXTO FONOLOGICO SEGUINTE
(RESULTADOS AMALGAMADOS)

	Apl./Total	%	Prob.
Vogal Alta (índio, de irmão)	2519/3151	80	.66
Outros	7805/11309	69	.60
Palatal (gatilho, tijolo)	2974/5846	51	.43
Sibilante Coronal (dentes, dizer)	1413/11309	43	.31
Input .80			log likelihood = -13642.570

Como mostra a Tabela 4.2.1.2, a sibilante coronal continua a demonstrar sua força inibidora, seguida pela palatal, amalgamada com silêncio. Da mesma forma, a vogal alta se mantém como forte favorecedora à aplicação da regra. O grupo representado por outros resume todos os demais fatores que, muito próximos, também favorecem a aplicação da regra, embora não sejam os mais expressivos.

4.2.2 Contexto fonológico precedente

O contexto fonológico precedente foi considerado a segunda variável lingüística mais significativa. Nessa variável, foram considerados os seguintes contextos:

- a) sibilante coronal: /s, z/
(leste, desde)
- b) nasal: /VN/
(elefante, onde)
- c) faringal: /h/
(perde, norte)
- d) vogal baixa: /a/
(atirar, cidade)
- e) vogal média aberta: /ɔ, ε/
(bigode, médico)
- f) vogal média fechada: /e, o/
(rede, pôde)
- g) vogal alta: /i, u/
(dividir, pudim)

e) semivogal: [y]

(leite)

f) silêncio

(disse, time)

Os resultados referentes a esse contexto são apresentados na Tabela 4.2.2.3.

Tabela 4.2.2.3

CONTEXTO FONOLOGICO PRECEDENTE

	Apl./Total	%	Prob.
Nasal (elefante)	3692/5026	73	.68
V. Média Fechada (rede)	628/956	66	.59
V. Média Aberta (bigode)	1171/1833	64	.54
Vocal Alta (dividir, pudim)	2071/2978	70	.52
Faringal (perde)	1416/2415	59	.52
Semivogal (leite)	949/1758	54	.50
Vocal Baixa (cidade)	2602/4364	60	.46
Silêncio (disse, time)	1281/2104	61	.42
Sibilante Coronal (leste)	901/2151	42	.27

input .77

log likelihood = -13800.400

A partir dos resultados probabilísticos, o que se constata é que o contexto de nasal - (elefante, onde) - é o mais forte favorecedor (.68), sendo seguido pela vogal média fechada - (rede, pôde) - (.59). Por outro lado, como mais forte inibidor, tem-se a sibilante coronal - (leste, desde) (.27), seguido pelo silêncio (.42). Os demais contextos mostraram-se próximos ao ponto neutro (.50), não desempenhando, portanto, papel significativo na aplicação da regra de palatalização.

Interessante observar que a sibilante também neste contexto tenha apresentado índice tão elevado, indicando que, independentemente da posição, ela tende a restringir a aplicação da regra.

Da amalgamação dos dados, resulta a Tabela 4.2.2.4.

Tabela 4.2.2.4

CONTEXTO FONOLOGICO PRECEDENTE
(RESULTADOS AMALGAMADOS)

	Apl./Total	%	Prob.
Nasal (elefante)	5763/8004	72	.66
Outros	8047/13430	60	.54
Sibilante (leste)	901/2151	42	.30
input .80			log likelihood = -13642.570

Constata-se, a partir da Tabela 4.2.2.4, que a sibilante mantém o seu status de mais forte contexto inibidor, e a nasal o de mais forte favorecedor. Os demais contextos, por sua vez, revelam-se quase que neutros.

4.3 Tonicidade

Após os contextos fonológicos seguinte e precedente, a variável mais significativa na aplicação da regra é a tonicidade. No controle desta variável, foram consideradas as seguintes posições:

a) pretônica inicial:

(tigela, direito)

b) pretônica não-inicial:

(indicador, atirar)

c) tônica:

(pensativa, mordida)

d) postônica não-final:

(plástico, médico)

e) postônica final

(rede, serrote)

f) clítico

(de noite, te vi)

Em relação a este contexto, constata-se, como mostra a Tabela 4.3.5, que o clítico (.73) se revela o mais forte contexto de aplicação da regra, seguido pela pretônica inicial(.56).

Tabela 4.3.5

TONICIDADE

	Apl./Total	%	Prob.
Clítico (te vi)	2036/2401	85	.73
Pret. Inicial (tigela)	2495/3553	70	.56
Post. Final (rede)	5009/8504	59	.51
Pret. não-Inicial (atirar)	1251/2084	60	.43
Post. não-Final (médico)	307/586	52	.42
Tônica (mordida)	3616/6463	56	.34

Input .77

log likelihood = -13800.400

Por outro lado, a posição tônica (.34), ao contrário do que se esperava, revela-se como a forte inibidora à aplicação da regra. Também com índices inibidores, encontram-se as posições de pretônica não-inicial(.43) e postônica não-final(.42). Enquanto isso, a posição postônica final(.51), apesar de sua propensão à debilidade, revela-se neutra.

Uma nova distribuição dos dados ressalta ainda mais o papel do clítico como contexto favorável à aplicação da regra, como mostra a Tabela 4.3.6.

Tabela 4.3.6

TONICIDADE
(RESULTADOS AMALGAMADOS)

	Apl./Total	%	Prob.
Clítico (te vi)	2036/2401	85	.67
Pret. Inicial (tigela)	2495/3553	70	.49
Outros	10183/17637	58	.34
input .80			log likelihood = -13642.570

Nesta Tabela 4.3.6 , como se vê, amalgamadas as outras posições, há revelação de índice inibidor (.34), enquanto a pretônica inicial mostra-se muito próxima do ponto neutro.

4.4 Contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora

Com esta variável, a quarta entre as mais significativas, foram controlados os seguintes contextos:

- a) vogal alta seguinte oral: /i/
(disse, tipo)
- b) vogal alta seguinte nasal: /iN/
(time, dinheiro)
- c) glide seguinte elidido:
(Indio) [Ídul], (hóstia) [ɔsta]

d) glide precedente elidido:

(leite [leti]), (Jeito [jetu])

Por questões operacionais, só foi possível calcular a probabilidade, para esta variável, dos contextos vogal seguinte oral e vogal seguinte nasal, visto que os contextos de glide seguinte elidido, em formas como [Tdu] por *Indio*, e glide precedente elidido, como em [leti] por *leite*, apresentaram, cada um deles, um percentual de 100% (índice em que a probabilidade não opera).

Assim sendo, a Tabela 4.4.7 mostra os resultados obtidos.

Tabela 4.4.7

CONTEXTO FONOLOGICO SIMULTANEO A VOGAL CONDICIONADORA

	Aplic./Total	%	Prob.
Vogal Alta Seg. Nasal (time)	1771/2389	74	.61
Vogal Alta Seg. Oral (tipo)	12191/20439	60	.39
Glide Seg. Elidido [Tdu]	734/734	100	-
Glide Prec. Elidido [leti]	23/23	100	-

Input .77

log likelihood = -13800.400

O que se constata a partir desta tabela é que a vogal nasal condiciona a palatalização (.61), enquanto a vogal oral (.39) a inibe. Isso não é uma surpresa, já que, ao se analisar o contexto fonológico precedente, a nasal revelou-se bastante favorecedora à aplicação da regra (cf. Tabela 4.2.2.3).

Embora não tenha sido possível calcular a probabilidade dos dois outros contextos, fica claro que em momento algum eles inibem a aplicação da regra. Assim, sempre que há elisão do glide seguinte, ou do glide precedente, o que, em ambos os casos, implica redução de um ditongo (*hóstia* [ɔ̃sta] e *leite* [lẽt̃i]), a regra se aplica.

4.5 Posição

A fim de verificar se a posição desempenha algum papel na aplicação da regra de palatalização, foram considerados os seguintes contextos:

- a) **início de palavra dentro da frase (IPDF):**
(...faz o nortista tirar...)
- b) **final de palavra dentro da frase (FPDF):**
(...dia sete que...)
- c) **início de palavra início de frase (IPIF):**
(Disseram que ele...)
- d) **final de palavra final de frase (FPFF):**
(...e perde a identidade.)

e) ditongação oral:

(...onde o jardineiro...)

f) ditongação nasal:

(...na hora de um incêndio)

g) degeminación:

(...nada dínteressante)

h) outros

Dentre as variáveis controladas, esta foi a pendltima em termos de significância para aplicação da regra, demonstrando, como se pode ver na Tabela 4.5.8, Indices, na sua maioria, muito próximos da neutralidade.

Tabela 4.5.8

POSIÇÃO

	Apl./Total	%	Prob.
IPIF (Disseram que ...)	42/49	86	.77
FPFF (... a identidade.)	214/390	55	.52
Ditongação Oral (... onde o ...)	835/1198	70	.52
Outros	7418/12264	60	.52
IPDF (... nortista tirar)	2067/2794	74	.49
Degeminização (... nada dinteressante)	30/39	77	.48
Ditongação nasal (... hora de um ...)	737/929	79	.37
FPDF (... dia sete que...)	2289/3731	61	.35

input .77

log likelihood = -13800.400

Observando os dados da Tabela 4.5.8, constata-se que a posição mais favorável é a de inicio de palavra em inicio de frase (.77). Como menos favorecedora, encontra-se a posição de final de palavra dentro da frase (.35), também não apresentando nenhuma surpresa, tendo em vista a sua débil posição de final de palavra. Os outros resultados, como pode ser observado, exceto os da ditongação nasal,

estão muito próximos da neutralidade, tanto os que favorecem como os que inibem a aplicação da regra.

4.6 Sonoridade

Das variáveis lingüísticas controladas, a sonoridade da oclusiva dental, embora apresente resultados probabilísticos com valores expressivos, como mostra a Tabela 4.6.9, não são estatisticamente confirmados. Por essa razão, e também por não ter sido, essa variável, selecionada pelo programa como uma das mais significativas, ela será deixada de lado.

Tabela 4.6.9

SONORIDADE

	Apl./Total	%	Prob.
Surda (tia)	7418/12264	60	.78
Sonora (dia)	7296/11327	64	.48
Input .77		log likelihood = -13800.400	

4.7 Faixa etária versus variáveis lingüísticas

Tomando os contextos que mais se salientaram, quer favorecendo, quer inibindo a aplicação da regra de

palatalização, procurar-se-á verificar, confrontando as suas ocorrências nas quatro faixas etárias, utilizadas como variáveis extralingüísticas, se há ou não manutenção dos resultados probabilísticos em grupos de idade diferenciados.

Deixando de lado tanto as variáveis como os contextos lingüísticos menos significativos, serão analisados os seguintes contextos:

1 - Favoráveis:

- a) vogal alta;
- b) nasal;
- c) clítico.

2 - Inibidores:

- a) sibilante coronal, seguinte e precedente;
- b) palatal lateral e sibilante;
- c) posição tônica.

Uma análise dos contextos favoráveis nas quatro faixas etárias, conforme a Tabela 4.7.10, mostra que, indistintamente, os índices se mantêm.

Tabela 4.7.10**CONTEXTOS FAVORÁVEIS VERSUS FAIXA ETÁRIA**

	Vog. Alta Post.	Nasal	Clítico
	Apl/Total % Prob	Apl/Total % Prob	Apl/Total % Prob
15 a 25	396/470 84 .64	1023/1388 74 .66	519/625 83 .70
26 a 36	401/453 89 .77	961/1295 74 .70	530/635 83 .76
37 a 47	360/442 81 .74	958/1254 76 .69	541/623 87 .68
+ de 48	199/283 70 .66	750/1089 69 .70	446/518 86 .79

Cabe observar que, dos três contextos selecionados a partir do cômputo geral dos dados, o clítico é o que apresenta índices mais elevados, exceto na faixa etária de 37 a 47 anos, em que a vogal alta do contexto seguinte é a mais favorável à aplicação da regra.

Quanto aos contextos inibidores, de acordo com a Tabela 4.7.11, a sibilante coronal, quer seguinte quer precedente, mantém os índices mais elevados, exceto na faixa etária 3.

Tabela 4.7.11

CONTEXTOS INIBIDORES VERSUS FAIXA ETÁRIA

	Faixa Etária							
	15 a 25	26 a 36	37 a 47	48 em diante				
	Apl/Total	% Prob	Apl/Total	% Prob	Apl/Total	% Prob	Apl/Total	% Prob
sibilante cor. seguinte (disco)	371/893 .42	.27	326/875 .37	.19	459/773 .59	.39	257/738 .35	.21
sibilante cor. precedente (leste)	227/548 .41	.27	203/601 .34	.19	304/545 .56	.37	167/457 .37	.26
palatal lateral (gatilho)	92/142 .65	.60	60/136 .44	.30	58/129 .45	.34	55/124 .44	.37
palatal sibilante (tijolo)	113/210 .54	.45	103/200 .51	.41	96/188 .51	.38	90/182 .49	.48
posição tônica (digo)	921/1655 .56	.33	963/1682 .57	.39	938/1608 .58	.30	794/1518 .52	.32
silêncio seguinte (dente)	629/1101 .57	.33	632/1171 .54	.34	555/1157 .48	.34	491/1106 .44	.46
silêncio precedente (disse)	343/554 .62	.46	344/534 .64	.48	323/524 .62	.31	271/492 .55	.43

Considerando tanto o mais favorável dos contextos favorecedores, o clítico, como o mais forte dos inibidores, a sibilante coronal, observa-se que a faixa etária de 37 a 47 anos se mantém resistente em comparação com as outras faixas etárias, já que os resultados aí são diferenciados.

Quanto às palatais lateral e sibilante, observa-se que na faixa etária de 15 a 25 anos elas não são muito expressivas; uma vez que os Índices apresentados, ou são favoráveis, ou estão próximos da neutralidade (.60 e .45) respectivamente.

Quanto à posição tônica, verifica-se que o seu grau de inibição se mantém quase uniforme de uma faixa etária para outra, exceto na de 26 a 36 anos.

Em relação ao silêncio, quando ele ocorre no contexto seguinte, os resultados são muito mais expressivos do que no contexto precedente. E, principalmente, neste último caso não é de se surpreender, visto que a sua presença indica que o contexto para a palatalização ocorre no inicio, posição, na maioria das vezes, favorecedora; diferente, assim, da posição final que, via de regra, está vinculada à debilidade maior. Devido a esta instabilidade, o silêncio não será analisado nem entre os mais favoráveis, nem entre os mais inibidores dos contextos.

Dessa comparação constata-se que o quadro geral não é muito diferente do quadro isolado, caso se pense em

termos de distribuição por faixa etária. Assim, aqueles contextos mais fortes se mantêm e alguns outros apresentam certa instabilidade, embora, em linhas gerais, preservem o seu papel, quer favorecendo, quer inibindo a aplicação da regra de palatalização.

4.8 Variáveis lingüísticas versus classe social

Comparando os resultados obtidos a partir dessas mesmas variáveis lingüísticas utilizadas na seção anterior com a variável classe social (alta, média e baixa), os índices encontrados são mais ou menos similares, principalmente quando se trata daqueles que mais favorecem ou dos que mais inibem a aplicação da regra.

Em relação aos contextos favoráveis à palatalização, observa-se que a vogal alta mantém um índice uniforme, e chega a ser, nas classes sociais média e baixa, mais expressiva do que o clítico e a nasal, como mostra a Tabela 4.8.12 .

Tabela 4.8.12

CONTEXTOS FAVORÁVEIS VERSUS CLASSE SOCIAL

	Classe Social					
	Alta		Média		Baixa	
	Apl/Total	% Prob	Apl/Total	% Prob	Apl/Total	% Prob
V. Alta (tio)	517/602	.86	.71	462/527	.88	.71
Nasal (dente)	2171/2858	.76	.64	1272/1649	.77	.71
Clítico (te vi)	821/927	.89	.72	670/786	.85	.65
				545/688	.79	.68

Como pode ser observado, há alguma diferenciação nos resultados, se comparados aos anteriores, mas o índice favorecedor se mantém em todos os contextos.

Quanto aos contextos inibidores, conforme a Tabela 4.8.12, constata-se que a sibilante coronal mais uma vez ratifica seu alto poder restritivo em todas as classes sociais, sendo seguida pela posição tônica. Os resultados mais expressivos, entretanto, são encontrados na classe social média.

Na Tabela 4.8.13, os resultados referentes às palatais e ao silêncio seguinte, por apresentarem percentagens muito próximas, foram amalgamados e resumidos nos índices referenciados como palatal.

Um resultado bastante interessante a ser observado diz respeito ao contexto silêncio precedente, que até então revelou-se inibidor à aplicação da regra, e agora mostra-se favorável à sua aplicação, o que justifica seus baixos índices inibidores nas amostras anteriores.

Tabela 4.8.13

CONTEXTOS INIBIDORES VERSUS CLASSE SOCIAL

	Classe Social					
	Alta	Média	Baixa			
	Apl/Total	% Prob	Apl/Total	% Prob	Apl/Total	% Prob
sibilante cor. seguinte (disco)	588/1170	50 .32	503/1041	48 .28	322/1068	30 .29
sibilante cor. precedente (leste)	410/824	50 .32	299/680	44 .28	192/647	30 .32
palatal (gatilho)	938/1726	54 .39	1129/1896	60 .48	737/1953	38 .39
posição tônica (digo)	1504/2492	60 .31	3603/5676	63 .35	2606/5705	46 .31
silêncio precedente (time)	3150/4749	66 .54	3215/4723	68 .54	2476/4187	59 .67

Apresentados estes cruzamentos, nas seções seguintes serão analisados, inicialmente os contextos mais favoráveis à palatalização, e, posteriormente, os mais favoráveis à despalatalização.

4.9 Contextos lingüísticos favoráveis à palatalização

A partir dos dados, pode-se deduzir que o contexto em que as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ são seguidas pela vogal alta /i/ é, por exceléncia, o contexto de palatalização, resultando, dessa forma, um processo assimilatório que tem como consequência a formação das palato-alveolares /tʃ/ e /dʒ/, respectivamente.

A partir da descrição dos dados, constatou-se que, na sua manifestação fonética, esse processo assimilatório é variável, dependendo do contexto em que esteja situada a oclusiva dental e a vogal que o favorece.

Assim, foram encontradas as seguintes formas alternantes:

(26)

[xedi] ~ [xedi] (rede)

[gradi] ~ [gradi] (grade)

[dinoyti] ~ [dinoyti] (de noite)

[tiru] ~ [tiru] (tiro)

em que ora se manifesta a palato-alveolar [t,dʒ], ora se manifesta a oclusiva dental [t,d].

Apesar da ocorrência dessas alternâncias, uma

constatação óbvia é que em todos os contextos favoráveis à palatalização, as vogais [i], [e] e o glide [y] estão presentes, o que poderia ser esperado. Enquanto [i] e [y] já trazem consigo os traços necessários à palatalização, a vogal [e], para também alimentá-la, sofre, antes, uma regra de elevação, passando, portanto, a [i].

Conforme os resultados da análise probabilística, os contextos mais favoráveis à palatalização foram:

- 1 - a vogal alta;
- 2 - o clítico;
- 3 - a nasal.

Uma ressalva, entretanto, faz-se necessária em relação ao contexto vogal alta posterior, já que a frontal é, por natureza, favorável à palatalização: será demonstrado a partir da análise a seguir que, neste contexto, o elemento que favorece a palatalização não é a vogal propriamente dita; sim, o glide frontal que, ao seu lado, constitui um ditongo crescente. Por conseguinte, daqui por diante, tal contexto será mencionado como glide frontal.

1 - Glide frontal

Adjacente à oclusiva dental /t/ ou /d/, no contexto fonológico seguinte, formando ditongo com a vogal /u/, encontra-se o glide frontal [y], um dos contextos mais favoráveis à palatalização, em exemplos como:

[Ídyu] (índio)

[Ísédyu] (incêndio)

A observação da ocorrência da palatalização nesse contexto demonstra a relativa força fonológica das vogais, podendo-se constatar que a presença do glide frontal, por ser, segundo Foley (1977, p. 48), mais fraco que as outras vogais, favorece a ocorrência do processo assimilatório.

Nos exemplos mencionados acima, está-se diante de uma assimilação regressiva, em que o segmento é alterado em seus traços devido à influência do segmento seguinte.

Porém, o papel de forte favorecedor do glide frontal não se restringe à assimilação regressiva. Exemplos como:

[ȝetu] (jeito)

[prefet̪u] (prefeito)

[ɔ̪tu] (oito)

[m̪u̪ta] (muita)

evidenciam a existência de uma assimilação progressiva, ou seja, o segmento é alterado em seus traços por influência do segmento precedente, que, nestes casos, é o glide frontal, apagado sob os efeitos do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), (cf. Seção 4.10 a seguir), evitando, dessa forma, a sequência de segmentos idênticos.

A presença do glide frontal, além de favorecer as assimilações progressiva e regressiva, favorece também a

assimilação bidirecional, em casos como:

[leyt̪i] (leite)

[feyt̪isu] (feitiço)

[noyt̪i] (noite)

em que ambos os contextos, tanto o seguinte como o precedente, são portadores do traco favorável à palatalização: à esquerda, o glide frontal; à direita, a vogal alta.

Esses processos assimilatórios, nos contextos apresentados, quer sejam regressivos, progressivos ou bidirecionais, apresentam algo em comum: sempre que o glide frontal se faz presente, a palatalização ocorre de forma variável, e sempre que o glide é apagado, ela é categórica.

Dai ocorrerem formas como:

[leyt̪i] [leyti] [let̪i] (leite)

[noyt̪i] [noyt̪i] [not̪i] (noite)

[Ídyu] [idyu] [ídu] (índio)

mas não:

* [leti] (leite)

* [noti] (noite)

* [ídu] (índio)

Isso revela o forte papel desempenhado pelo glide frontal na aplicação da regra de palatalização estudada.

2 - Clítico

Ao considerar o contexto tonicidade, cujo objetivo foi verificar a posição das oclusivas dentais /t/ e /d/ na sílaba (pretônica, tônica e postônica), incluiu-se o clítico (de ou te), que, segundo Câmara Jr. (1982, p. 63), em posição proclítica, ou seja, associado a um vocábulo seguinte, tem a marca acentual de uma pretônica (de marca 1), portanto, mais forte que a da postônica (de marca zero) e menos forte que a tônica (de marca 3).

A partir de exemplos como em (36),

(36)

[dinoy ^j i]	(de noite)
[dimāyā]	(de manhã)
[ditahdī]	(de tarde)
[tidisi]	(te disse)

os dados revelaram que os clíticos denotam um índice alto de sensibilidade à palatalização, em comparação com os demais contextos.

O clítico, por revelar-se bastante sensível à regra de palatalização, encontra justificativa em argumentos de Câmara Jr. (1982, p. 64), segundo os quais os proclíticos valem por sílabas pretônicas, mas equivalem ao vocalismo da postônica final.

Tais justificativas em relação ao clítico podem ser reforçadas por exemplos como em (37):

(37)

[tivi] (tive)

[tia] (tia)

[difisiw] (dificil)

cuja posição de inicio de palavra em inicio de frase se apresenta como, de acordo com a Tabela 4.5.8, forte indice favorecedor da palatalização.

Ao lado dessa análise, considerações similares que ratificam tal posição podem ser encontradas em Selkirk (1984, p. 355), segundo a qual as palavras tradicionalmente descritas como fortes e fracas são, na sua maioria, monossílabos pertencentes à classe das palavras funcionais. Em suas formas fortes, são monossílabos acentuados, e suas vogais são aquelas típicas das sílabas acentuadas. Por outro lado, em suas formas fracas, esses monossílabos são desacentuados, e as vogais sofrem a redução característica das sílabas sem acento, e as consoantes vizinhas podem ser modificadas devido ao status desacentuado da sílaba.

Entre as formas fracas, de acordo com Selkirk (1984, p. 340), estão os clíticos, designados como palavras que são desacentuadas e imediatamente adjacentes, junturalmente ou ritmicamente falando, às que os seguem ou precedem.

No caso das que aqui são analisadas estão as primeiras, características, portanto, de contexto favorável ao fenômeno lingüístico em estudo.

3 - Nasal

Entre os contextos favorecedores, encontra-se o contexto nasal, tanto em posição precedente, como seguinte. Comum entre os dados, foram formas do tipo:

(38)

[ɛlɛfə̯tɪ] (elefante)

[dẽ̯tɪ] (dente)

[õdi] (onde)

como também:

(39)

[ʒah̯dɪ] (jardim)

[puðɪ] (pudim)

A vogal nasal em Português nasce, como foi amplamente discutido na literatura, do conjunto /VN/. Embora posições diferentes existam quanto aos traços desta nasal subjacente, é ela interpretável como um auto-segmento que se espalha. Até que ponto traz consigo o traço da coronalidade (por influência ou não da consoante coronal), esta análise não permite elucidar. Uma possível avaliação, porém, emana da maioria dos exemplos encontrados no corpus e da análise estatística. A coronalidade presente, tanto na nasal como na palatalização, faz daquela um ambiente que favorece a aplicação desta.

Ao lado destes contextos, outros revelaram-se favorecedores, como mostram as Tabelas apresentadas nas seções anteriores; porém, por apresentarem resultados menos

expressivos, não serão tratados aqui.

Na seção seguinte, serão analisados alguns contextos que se revelaram, a partir dos resultados probabilísticos, inibidores da palatalizaçãoG, favorecendo, por sua vez, a despalatalização.

4.10 Contextos lingüísticos favoráveis à despalatalização

A partir da realidade fonética dos dados obtidos, e considerando-os em termos gerais, observa-se que a tendência mais forte é a manutenção do processo de palatalização, embora alguns fatores contribuam para o aparecimento de uma forma alternativa, a despalatalização.

Assim sendo, são encontradas, convivendo lado a lado, independentemente da posição na palavra, formas dos seguintes tipos:

(40)

[digu] ~ [digu] (digo)

[t̪imil] ~ [t̪imil] (time)

Ao lado dessas formas, em que a vogal condicionadora já carrega consigo os traços favoráveis à palatalização, há outras formas em que a vogal seguinte, para alimentar esse processo, sofre uma regra de elevação a fim de que o contexto possibilite a aplicação da regra de palatalização, tendo como resultado a seguinte derivação:

(41)

/xede/

- i Elevação da vogal (*e* → *í*)
- d Palatalização

[xedi]

ao lado de:

(42)

/xede/

- i Elevação da vogal
- d Palatalização
- d Despalatalização

[xedi]

Aqui, dois processos podem ser detectados: um, de base fonológica, a palatalização, vista como uma regra geral; outro, que se manifesta foneticamente, chamado despalatalização, representando o novo, e que vai entrando no dialeto.

Por despalatalização vai-se entender o processo através do qual os sons palatais (ou palatalizados) são substituídos por sons produzidos na parte mais anterior da boca.

Se na palatalização ocorre espraiamento de traço, na despalatalização há uma desassociação. Uma questão deve, portanto, ser levantada: o que, na superfície, vai inibir a palatalização, concorrendo para a despalatalização?

Para responder a essa questão, foram observados

vários contextos, e aqui serão apresentados aqueles que demonstraram, de acordo com os resultados probabilísticos, os índices mais altos quanto ao favorecimento do processo de despalatalização, a saber:

- 1 - as sibilantes coronais;
- 2 - as palatais;
- 3 - a posição tônica.

1 - As sibilantes

Observados os dados relativos aos contextos fonológicos precedente e seguinte, detectou-se que as sibilantes, em qualquer das posições, tiveram um índice elevado como fator inibidor à aplicação da regra de palatalização (cf. Tabelas 4.2.1.1 e 4.2.2.3), provocando o aparecimento de formas como em 43.

(43)

[lɛſt̪i] ~ [lɛsti] (leste)

[dezdi] ~ [dezdi] (desde)

[d̪isku] ~ [disku] (disco)

[aht̪ista] ~ [ahtista] (artista)

em que as sibilantes /s/ e /z/ favorecem a despalatalização.

A explicação de base fonética fornecida por Bisol (1986, p. 164) é bastante sugestiva. Considerando que tanto as sibilantes como as oclusivas dentais são emitidas com o corpo da língua baixo, só com a parte da frente levantada, logo, [-alta], a atração entre os dois tipos de segmentos acentua o que ambos têm em comum. E, assim, o traço [-alto]

fortifica a oclusiva coronal, preservando-a da ação assimilatória que a tornaria palatalizada.

E neste contexto, pois, de resistência ao processo assimilatório que se dá o apagamento da vogal alta, provocando o aparecimento de eventuais africadas, que, embora não façam parte do sistema da Língua Portuguesa, são favorecidas no nível fonológico, já que resultam da combinação natural de segmentos, e também no nível gramatical, fazendo parte de mecanismos flexionais e derivacionais (Bisol, 1986, p. 164).

Dai resultam exemplos como:

(44)

[äts]	(antes)
[dëts]	(dentes)
[kɔxëts]	(correntes)
[dskuwpi]	(desculpe)
[diskiti]	(desquite)

ao lado de:

(45)

[ǟt̄is]	(antes)
[d̄et̄is]	(dentes)
[k̄ɔx̄et̄is]	(correntes)
[d̄iskuwpi]	(desculpe)
[diskit̄i]	(desquite)

Segundo Bisol (1986, p. 169), os primeiros exemplos refletem um processo de simplificação de pronúncia que se explicaria por analogia parcial, uma vez que a

despalatalização estaria sendo favorecida pelo uso reiterado do morfema de plural, espalhando-se daí para todo contexto de sibilante, independentemente de possuir ou não valor morfológico.

Por outro lado, a elisão da vogal neste contexto, que cria as africadas, relacionada, tudo indica, ao fato acima mencionado, ainda que outra interpretação possa ter, aumenta a presença de contextos despalatalizados.

A representação da africada resultante tem provocado uma série de controvérsias, devido a discordâncias quanto à sua caracterização: um segmento simples, uma sequência de segmentos ou algo entre os dois.

Na concepção de Ewen (1982:, p. 5),

(...) alguns destes fenômenos parecem envolver, entre outras coisas, uma violação do princípio de que a dependência relativa e a precedência relativa estão ligadas de tal forma que, dentro da sílaba, os segmentos relativamente mais dependentes são, em termos da ordem linear, dependentes mais do silábico do que dos menos silábicos. Em outras palavras, o princípio de que a estrutura silábica é determinada pela hierarquia de sonoridade não parece manter-se nesses casos.

Do ponto de vista fonético, duas fases distintas estão envolvidas na produção das africadas: uma de fechamento e uma de soltura, independentemente de serem consideradas como um ou dois segmentos.

Na literatura pertinente, a caracterização das

africadas, quanto ao problema da interpretação monossegmental/bissegmental, tem sido bastante problemática. Veja-se, por exemplo, Campbell, 1974; Abercrombie, 1967; Catford, 1977, entre outros.

O certo é que as discussões levantadas por esses autores, na sua maioria, partem de uma comparação entre duas realizações foneticamente idênticas, [tʃ] versus [ts], em que a primeira é uma africada e a segunda é uma seqüência de oclusiva mais sibilante. Como se vê, essa oposição, possível em algumas línguas do mundo, como Inglês, Alemão, Polonês, etc., constitui um problema de língua específica, e não deve, portanto, ser generalizado.

2 - As palatais

A partir da observação dos dados, quanto ao fator contexto fonológico seguinte, a presença dos segmentos palatais /s/, /ʒ/ e /h/ demonstrou (cf. Tabela 4.2.1.1) constituir um fator também inibidor do processo de palatalização, em exemplos do tipo (46):

(46)

[lagahiʃa]	(lagartixa)
[tiʒolu]	(tijolo)
[tiʒɛla]	(tigela)
[gatiħu]	(gatilho)
[gahgatiħa]	(gargantilha)

Considerando que a oclusiva dental /t/ está seguida por uma vogal fortemente condicionadora da

palatalização, era de se esperar que tal processo ocorresse sempre. No entanto, esse processo ocorre variavelmente, cedendo lugar para um outro, o da dissimilação, implicando, por sua vez, despalatalização.

Em termos tradicionais, o que se tem nos exemplos acima é uma ação produzida por um fonema sobre um outro, que figura na mesma palavra, e com o qual não está em contato. Para que ocorra a dissimilação é necessário que esses dois fonemas tenham um ou mais elementos articulatórios em comum (Grammont, 1946, p. 269).

Pode-se observar, a partir dos exemplos encontrados no corpus, que os fonemas envolvidos no processo dissimilatório são os seguintes:

/t:/s/, /t:/ʒ/, /t:/k/

Desses fonemas, o que sofre a dissimilação é o palato-alveolar /t/, tendo em comum com /s, ʒ, k/ o traço [+alto]. A perda desse traço pelo fonema palato-alveolar vai torná-lo [-alto], consequentemente, uma oclusiva dental [t].

Uma explicação para a ocorrência do processo de despalatalização nos contextos acima mencionados pode encontrar respaldo em um dos princípios da fonologia atual: o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), segundo o qual, segmentos adjacentes idênticos são excluídos (cf. Goldsmith, 1976, p. 36-7).

Assim, o fato de formas como /gatiu/, /tizolu/, etc. possuirem uma seqüência de segmentos palatais CVC, todos com o traço [+alto], faz com que um deles perca esse traço, favorecendo, dessa maneira, o aparecimento de formas despalatalizadas.

Efeitos, só aparentemente opostos, de OCP também podem ser apreciados na perda de uma vogal alta, em contextos palatalizados, fenômeno bastante comum no corpus analisado: (leite) [leti], (noite) [noti], quando uma palatalização, fortalecida bidirecionalmente, provoca o apagamento da vogal.

3 - Posição tônica

Em relação ao contexto silábico constituído pelas oclusivas dentais /t/ ou /d/ mais vogal alta /i/, foram consideradas as seguintes posições: pretônica inicial, pretônica não-inicial, tônica e postônica não-final e postônica final. Destas, conforme a Tabela 4.3.5, a posição tônica revelou-se como a mais forte inibidora da palatalização, favorecendo, por sua vez, a despalatalização que se manifesta em exemplos como:

(47)

[kativu]	(ativo)
[tiru]	(tiro)
[juriti]	(juriti)
[muhdida]	(mordida)
[dividi]	(dividir)

Os dados levam a considerar, pois, a posição tônica como posição favorável à manutenção da palato-alveolar subjacente, em oposição às posições fracas, isto é, sílabas átonas em que a palatalização é mais frequente.

Analizando situação oposta, em que a palatalização é a regra nova que entra nas comunidades bilingües do Sul do País (Bisol, 1985, p. 40-3), e, ao constatar que isso mais ocorre em posição de sílabas átonas, a autora discutiu o fato, valendo-se do critério da saliência fônica, desenvolvido por Naro & Lemle (1976), segundo o qual uma mudança se manifesta primeiro e de forma mais forte nos contextos em que ela é menos saliente.

Aplicando esse critério à sua análise, afirma Bisol (1985, p. 45):

"Regra incipiente dá preferência a manifestações suscetíveis de passarem despercebidas, isto é, a posições de estrutura silábica menos complexa ou de força prosódica menor ou a segmentos fonológicos menos complexos e estruturas subjacentes menos abstratas. Alternando a sua externalização, protege dessa forma o utente de críticas que o comportamento lingüístico inusual possa acarretar, de ação nefasta o mais das vezes para o espraiamento de uma regra e consequente generalização."

Essa posição, que atribui à saliência um forte papel na direcionalidade de uma inovação, tem recebido algumas críticas de Guy (1986), segundo o qual, opositivamente os traços salientes são processados mais facilmente e aprendidos de forma mais rápida.

Isto sugere que um ouvinte ou um aprendiz de uma língua primeiro observaria e adotaria uma nova forma ou regra naqueles contextos em que ela era mais saliente, e só depois iria adquirir as formas mais sutis. (Guy, 1986, p. 4)

Os dados aqui analisados permitem abraçar a posição de Guy, pois, na comunidade de fala em estudo, a palatalização é a regra geral, e a despalatalização é o novo que dá preferência à posição forte da sílaba. Admitindo ser a posição tônica mais saliente que as demais, e ser essa posição mais favorável à despalatalização, conforme demonstram os resultados probabilísticos, justifica-se, assim, uma mudança *untargeted*, que espontaneamente vai introduzindo algo novo: a forma despalatalizada.

4.11 Conclusão

A partir da descrição e análise dos resultados referentes às variáveis lingüísticas, evidencia-se que existem alguns contextos que atuam mais favoravelmente que outros quando se trata do estudo de um determinado fenômeno lingüístico.

Neste caso, ao analisar cada uma das variáveis dependentes que exerceu alguma força sobre a aplicação ou não-aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, verificou-se que algumas se mostraram mais favorecedoras, outras se mostraram inibidoras, e outras, neutras.

Feita a descrição dos dados, no seu cômputo geral, a partir do armazenamento por faixa etária, e posteriormente uma análise de cada faixa etária como também de cada classe social, constatou-se que existe quase que uma uniformidade nos resultados, tanto em relação aos fatores que favorecem como aos que inibem a aplicação da regra.

Dentre os contextos mais favorecedores, encontram-se:

- 1 - vogal alta;
- 2 - nasal;
- 3 - clítico.

Como inibidores estão:

- 1 - sibilante;
- 2 - palatal;
- 3 - posição tônica.

Tanto os primeiros quanto os últimos mantiveram-se favorecendo e inibindo, respectivamente, a aplicação da regra em todos os contextos analisados. Se algo surpreendente poderia ser verificado a partir de cada um desses contextos, certamente não seria com a sibilante, que já foi atestada em trabalhos anteriores (Bisol 1981; 1986) como forte contexto restritivo.

Por fim, pode-se constatar, com base na descrição dos dados, que, certamente, a uniformidade do comportamento dos fatores pode muito bem ser o reflexo dos padrões lingüísticos que passam a representar a fala da comunidade.

A palatalização, enquanto ocorre variavelmente, contribui para o aparecimento da despalatalização, a forma nova que vai assumindo seu papel na comunidade, com respaldo em contextos como: sibilante, palatal e posição tônica, cujos índices são bastante sugestivos.

NOTAS

1 "(...) certain of these phenomena appear to involve, among other things, a violation of the principle what relative dependency and relative precedence are linked in such a way that, within the syllable, relatively more dependent segments are, in terms of linear order, further from the syllabic than less dependent ones. In other words, the principle that syllabic structure is determined by sonority hierarchy does not appear to hold in these cases." (Ewen, 1982, p. 35)

2 "This suggests that a language hearer or learner would first notice and adopt a new form or rule in those environments where it was most salient, and only later move to acquire all of its subtlest instances." (Guy, 1986, p. 4)

5 - ATITUDE LINGÜISTICA

5.1 Introdução

Sabe-se que a língua é um marcador básico de identificação, tanto na autoperccepção, como na percepção dos outros.

Nesse capítulo, será apresentado um estudo sobre as atitudes dos informantes da comunidade de Alagoinhas (BA) em relação à sua própria forma de falar e à dos outros. Além disso, procurar-se-á verificar se o fenômeno lingüístico estudado, comprovadamente variável, constitui um processo consciente ou não de seus usuários.

Antes de proceder ao estudo propriamente dito, serão apresentados alguns aspectos ligados ao que até hoje se tem feito nessa área: a abrangência dos estudos sobre atitude; uma definição do termo; algumas formas de medida; possibilidades de avaliações; e um levantamento das pesquisas realizadas mais pertinentes.

Os setenta informantes que constituíram a amostra do estudo sobre a palatalização/despalatalização responde-

ram também a algumas perguntas que fizeram parte do estilo questões abertas, com o objetivo de verificar as suas atitudes em relação à sua própria fala e à fala dos outros. São estes resultados que serão aqui analisados.

5.2 Sobre "atitude" lingüística

A variação da língua em uma comunidade lingüística ou entre comunidades lingüísticas pode envolver diferentes línguas ou apenas estilos contrastantes da língua.

A língua falada identifica os membros de um grupo de qualquer espécie. Assim, toda atitude do ouvinte em relação aos membros de um determinado grupo poderá ser generalizada do indivíduo para a comunidade a que ele pertence. Desse ponto de vista, afirmam Lambert et al. (1960, p. 44), as reações avaliativas em relação à língua falada poderão ser semelhantes àquelas resultantes da interação entre os membros do grupo que a usam. Porém, sendo o uso da língua um aspecto do comportamento comum a vários indivíduos, ouvindo a língua, pode-se tanto levantar características generalizadas quanto estereotipadas do grupo.

Em cada sociedade, o poder diferencial de grupos sociais específicos é refletido, segundo Ryan, Giles & Sebastian (1982, p. 1), nas variedades da língua que lhe são peculiares e nas atitudes individuais em relação às variações. Tipicamente, o grupo dominante promove seus

padrões de uso lingüístico como modelo necessário ao avanço social; enquanto a língua ou dialeto ou variedade de menor prestígio, de grupos minoritários, vê reduzidas, expressivamente, suas oportunidades de sucesso na sociedade como um todo. Os membros do grupo minoritário estão freqüentemente diante de difíceis decisões quanto à aquisição de mobilidade social: devem adotar os padrões lingüísticos do grupo dominante ou devem manter sua identidade grupal, mantendo seu estilo de fala?

A escolha do estilo de fala, entretanto, não é uma simples questão dicotómica, visto que, mesmo na língua do grupo dominante, pode-se encontrar divergência quanto à pronúncia, entonação, vocabulário, e até mesmo quanto a aspectos gramaticais.

Todos os falantes fazem escolhas no que diz respeito à sua fala, seguindo dimensões variadas, mas a amplitude de escolha de estilos disponíveis é maior para os membros dos grupos minoritários.

A seleção de estilo de fala específico e as subsequentes avaliações pelo ouvinte depende, na opinião de Ryan, Giles & Sebastian (1982, p. 2), de situações específicas e de valores simbólicos associados ao estilo selecionado.

Em geral, as pistas de fala podem ser usadas pelos ouvintes para fazer inferências das características pessoais de um indivíduo (por exemplo, idade, sexo, inteligência), membro

de grupo social (por exemplo, regional, étnico, classe, ocupação), e estados psicológicos (por exemplo, necessidade de aprovação social, interesse em continuar uma interação, ansiedade, depressão). (Ryan , Giles, Sebastian, 1982, p. 2)

Na estrutura sociológica, os valores simbólicos da língua são vistos em contextos sociais e situacionais. Assim, de acordo com Fishman (1971, p. 1):

A língua não é meramente um portador de conteúdo, quer latente quer manifesto. A língua é o próprio conteúdo, um referente de lealdades e animosidades, um indicador de status social e relações pessoais, um marcador de situações e tópicos como também dos objetivos sociais e dos cenários em grande escala carregados de valores da interação que caracteriza toda comunidade linguística.

Para deduzir atitudes, os estudos sociológicos tendem a utilizar um questionário específico ou outros métodos, entre eles a entrevista.

Sob a perspectiva sociolinguística, as pesquisas, seguindo Labov (1966; 1972), têm focalizado dois problemas principais: (1) entender a associação entre traços lingüísticos específicos (p.ex.: variantes fonológicas, padrões lexicais e contrastes gramaticais) e características da sociedade, como grupo social e contextos situacionais em que ocorrem; e (2) entender as inferências, a partir dessas associações, dos ouvintes da comunidade.

Sob a perspectiva da psicologia social e comunicação, a ênfase está no indivíduo e em suas atitudes

em relação aos membros de seu grupo ou de outros grupos, refletidas na variedade de fala. A maioria das pesquisas voltadas para essa área tem seguido o exemplo de Lambert (1967) e tem procurado avaliar reações em relação aos falantes que usam variedades de línguas contrastantes.

5.3 Definindo "atitude"

Várias definições teóricas e operacionais de *atitude* foram empregadas no passado. Embora alguns pesquisadores (Fishbein & Ajzen, 1975; Osgood, Tannenbaum & Suci, 1957; Oskamp, 1977) tenham limitado o termo à resposta avaliativa ou afetiva, outro conceito comum de atitude (McGuire, 1969) incluiu dois componentes adicionais: opinião (base cognitiva para a avaliação) e comportamento (reflexão observável da avaliação).

Procurando abranger um grande número de conceituações, já em 1954, Allport assim definiu atitude:

... é um estado mental e neural de prontidão organizado através da experiência, exercendo influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo para todos os objetos e situações, com ele relacionados. (Allport 1954, p. 45)

Um aspecto importante dessa definição, comenta Gardner (1983, p. 132), é que a atitude influencia as respostas dos indivíduos, porém não as determina.

Na visão de Gardner (1983), uma atitude é uma

inferência que se faz do comportamento, e a hipótese é que uma vez que se conhece a atitude de um indivíduo em relação a algum objeto de atitude, há melhor chance de entender e prever o comportamento em relação àquele objeto.

Nesse trabalho, a atitude linguística é tomada como índice cognitivo (ou comportamental) de reações avaliativas que o falante demonstra em relação à sua própria fala e à fala dos outros.

5.4 Como medir "atitude"

No estudo das atitudes linguísticas, três técnicas de avaliação relevantes podem ser utilizadas: análise de conteúdo do trato social, medida direta e medida indireta (cf. Ryan, Giles & Sebastian, 1982, p. 7).

Enquanto os estudos anteriores sobre as atitudes linguísticas se voltaram para o contraste entre as medidas diretas e indiretas, a análise de conteúdo do trato social foi incluída apenas implicitamente (Agheysi & Fishman, 1970; Cooper & Fishman, 1974 ; Cooper, 1975). A primeira fonte de informação sobre a percepção de variedades linguísticas se baseia nas formas públicas, melhor dito, política da língua oficial, em estudos das variedades em uso por vários grupos sociais no governo, negócios, mídia, educação e igreja. Atualmente, os enfoques, chamados por Agheysi & Fishman (1970) de autobiográficos, observacionais e estudos de caso, assim como outros não classificados, podem ser enquadrados

nessa categoria. Também ai podem ser incluídos outros tipos de pesquisa que não envolvem pedidos explícitos aos informantes sobre sua visão ou reação, como é o caso dos estudos etnográficos.

Um método importante na observação das atitudes lingüísticas envolve o uso de um conjunto de questões diretas, que são, ou apresentadas em forma escrita a grandes grupos, ou apresentadas sob forma de entrevistas individuais. As questões são voltadas para a avaliação da língua, preferência por formas de falar, desejos e razões para aprender uma língua específica, juízos de valor sobre determinada variedade e sobre sua mudança ou manutenção. Embora esse método revele tendências, alguns instrumentos, afirmam Ryan, Giles & Sebastian (1982, p. 8), também enfatizam o afeto. Além disso, as intenções comportamentais e os comportamentos reais têm sido ocasionalmente incorporados aos estudos diretos sobre a atitude e podem ser incluídos mais regularmente.

O método indireto, inferindo atitudes lingüísticas de avaliações de falantes de duas ou mais variedades de línguas, foi introduzido por Lambert et al. (1960). O exame por Lambert (1967) de uma série de estudos, em que os mesmos falantes são ouvidos usando as variedades contrastantes, forneceu o estímulo para os muitos estudos indiretos que surgiram em torno das línguas em contato no mundo. Embora a maioria dessas investigações tenha obtido apenas reações

avaliativas dos falantes, alguns projetos têm também alcançado índices comportamentais de atitude, sob a forma de comportamentos não-lingüísticos, tais como mudança de atitude, preenchimento de questionários, ou sob a forma de acomodações de um ouvinte quanto a seu próprio estilo de fala. Como Edwards (1982, p. 20) argumenta, seria valioso nesse paradigma distinguir cuidadosamente entre avaliação de respostas afetivas do ouvinte e suas opiniões sobre o falante. Outras questões importantes dizem respeito, segundo Cooper (1975), às possíveis discrepâncias entre as atitudes medidas diretamente em relação às variedades da língua e as atitudes em relação a seus falantes, assim como a distinção entre avaliações de uma variedade como representativa de um grupo de referência e as atitudes em relação às características da própria fala como correta, bonita, musical, inarticulada ou imprópria.

Um exame das técnicas utilizadas na pesquisa sobre atitude lingüística revela, diz Carranza (1982, p. 81), que a medida direta tem sido usada principalmente nos Estados Unidos, e a medida indireta, fora dos Estados Unidos.

A utilização das medidas direta e indireta constitui a metodologia chamada *triangulação*.

A triangulação é o processo pelo qual um fenômeno social é observado e medido por várias técnicas. Um exemplo do processo de triangulação é fornecido por Fishman et al. (1971), que mediram as atitudes lingüísticas dos

portorriquenhos com múltiplas técnicas metodológicas, incluindo entrevistas, análise de conteúdo e teste de desempenho.

Dado que o tópico das atitudes lingüísticas, argumenta Carranza (1982, p. 81), tem sido conceitualizado e operacionalizado por pesquisadores de várias disciplinas, resulta que as técnicas de medida podem ser desenvolvidas sob uma perspectiva interdisciplinar, em que as contribuições se tornem elementos complementadores em vez de elementos competitivos.

5.5 "Atitude" em relação à língua

Edwards (1982, p. 21) apresenta três possibilidades para o entendimento das bases gerais de avaliações da língua. Tais avaliações das variedades da língua podem refletir superioridade/inferioridade lingüísticas intrínsecas, diferenças estéticas intrínsecas ou convenção social e preferência. Para ele, as duas primeiras possibilidades são improváveis.

Uma considerável quantidade de esforço tem demonstrado que as línguas e as variedades de línguas, embora claramente diferentes entre si, não podem ser descritas em termos de "melhor" ou "pior", "correta" ou "incorrecta", "lógica" ou "ilógica". Similarmente, os julgamentos estéticos feitos sobre as variedades de línguas não parecem basear-se em qualidades inerentes de agradabilidade ou desagradabilidade.
(Edwards, 1982, p. 21)

Dois estudos (Giles, Bourhis & Davies, 1979; Giles et al., 1974) demonstraram que quando os ouvintes ouvem variedades lingüísticas não-familiares que diferem muito, tanto em nível estético como em nível de status, daqueles de sua própria comunidade lingüística, eles não fazem discriminação. Pode-se afirmar que as avaliações de variedades lingüísticas - dialetos ou pronúncias - não refletem qualidade lingüística ou estética, mas, antes, são expressões de convenção social e preferência que, por sua vez, refletem uma consciência do status e do prestígio ligada aos falantes dessas variedades.

Muitos estudos sobre atitudes em relação à língua revelaram avaliações diferenciadas acerca dos dialetos padrão e não-padrão. O dialeto padrão é aquele falado por membros educados da sociedade, usado na escrita, na mídia, sustentado e encorajado pela escola. Padrão é o dialeto daqueles que dominam, razão pela qual, é avaliado mais favoravelmente em comparação com qualquer dialeto não-padrão (Edwards, 1982, p.22).

A avaliação de pronúncias, diz Giles (1970, p. 212), não envolve apenas avaliação do conteúdo da personalidade das questões vocais específicas, mas também três outras dimensões que devem, em certa extensão, ser mutuamente exclusivas. Essas dimensões são: conteúdos estéticos, conteúdos comunicativos e conteúdos de status. Os conteúdos estéticos dizem respeito à agradabilidade/desagra-

dabilidade associada à audição de uma pronúncia específica; os conteúdos comunicativos se relacionam à classificação de conforto que será experimentado pelo ouvinte na interação verbal com a pronúncia do falante, incorporada, por sua vez, à noção de inteligibilidade; os conteúdos de status estão relacionados à quantidade de valor de prestígio inerente à pronúncia. Deve-se observar que não existe, em nível universal, correspondência um-a-um entre pronúncia, código e classe social específica; por conseguinte, a pronúncia de prestígio de um falante não necessita, necessariamente, transmitir relação direta com prestígio social.

5.6 "Atitude" lingüística: pesquisas

Desde os anos 60, tem havido, segundo Giles et al. (1987, p. 585), uma explosão de pesquisas em diferentes partes do mundo, mostrando que as pessoas expressam atitudes definidas em relação a usuários de estilos diferentes de fala. Animadoramente, a diversidade cultural das comunidades lingüísticas estudadas é, às vezes, crescente.

A importância desse campo de pesquisa, que é, talvez, uma área central da psicologia social da língua, é que

(...) o estilo de fala de alguém é um importante determinante das reações de outros em relação ao ouvinte em uma escala de situações sociais. Além do mais, essa pesquisa centrada no ouvinte tem consideráveis implicações indiretas na produção de nosso comportamento comunicativo,

incluindo a aquisição de dialetos e línguas. Estas são determinadas, na verdade, por nossas atitudes lingüísticas no sentido de como acreditamos que outros respondem a nossos estilos de fala, incluindo trocas dentro deles e entre eles, e como influenciarão acentuadamente nossas apresentações em termos de escolhas vocais seqüenciais durante uma troca interativa. (Giles et al., 1987, p. 585)⁵

Uma forma de avaliar as atitudes lingüísticas foi introduzida por Lambert e seus associados, há trinta anos, chamada *matched-guise*⁶.

A técnica consiste em expor os ouvintes a uma série de trechos gravados, que incluem falantes repetindo formas de variedades lingüísticas, sejam elas de dois ou mais dialetos ou de duas ou mais línguas, para que emitam juízos de valor sobre as personalidades dos falantes, no que diz respeito a honestidade, confiabilidade, inteligência, etc. Aos ouvintes, não é revelado que a série de trechos é gravada pela mesma pessoa.

Embora as aplicações iniciais dessa técnica tenham tido por objetivo examinar as reações em relação a diferentes grupos etnolingüísticos, ela se expandiu e passou também a ser utilizada para explorar reações avaliativas de falantes de diferentes dialetos, pronúncias e socioletos em uma ampla variedade de campos culturais (Giles & Powesland, 1975; Ryan, 1979; Scherer & Giles, 1979; Giles & Hewstone, 1982). Esses estudos, além de poderem ser vistos como uma forma experimental de estudar a percepção interpessoal,

também serviram para medir as atitudes de grupos culturais e étnicos.

Embora muito criticada, por sua alegada artificialidade, a técnica *matched-guise*, na opinião de Edwards (1982, p. 22), parece fornecer informações úteis que podem ser confirmadas por outros meios, entre eles, o questionário. Em geral, essa técnica fornece ao ouvinte amostras de fala que permitem a classificação de estereótipos sociais, uma vez que é avaliado muito mais o falante do que a própria fala.

O trabalho de Lambert se voltou principalmente para o efeito dos valores sociais sobre a criança bilíngüe, o aprendiz da língua e a comunidade bilíngüe.

Lambert (1967) apresenta um exame teórico da pesquisa realizada por ele e seus associados, voltada para as reações avaliativas, usando a técnica *matched-guise*. Seu trabalho mostra que as impressões estereotipadas da personalidade de um indivíduo podem ser formuladas por ouvintes, quando lhes é apresentada a voz de um falante, cujos contornos vocais são representativos dos padrões fonológicos peculiares a membros de grupo específico. Quando a modificação do estilo de fala do indivíduo para um outro dialeto ou uma outra língua ocorre, resulta na adoção, por parte do ouvinte, de outro conjunto contrastante de julgamentos da personalidade. Considerando que as reações avaliativas da língua falada são concomitantemente

outros falantes quanto ao uso desse mesmo traço.

A partir de alguns de seus estudos, Labov (1972, p. 313) levanta a questão: por que as pessoas não se comportam de forma fiel em relação aos valores que elas expressam?

Diante de quatro possíveis respostas (cf. Labov, 1972, p. 313), uma é escolhida: os falantes da classe baixa não querem adotar as normas da classe alta. Embora eles aprovem as normas dominantes na situação de teste, há conjuntos opostos de valores que sustentam as formas vernáculas, e que não aparecem nos testes de reações subjetivas. Tal resposta é considerada a mais forte e pode ser sustentada a partir de seu trabalho sobre os testes de reações subjetivas aplicados no Harlem, onde foram introduzidas outras escalas de classificação, valendo-se também das existentes.

Além dos trabalhos desenvolvidos por Labov, a pesquisa sobre atitude lingüística tem recebido muita atenção nos últimos anos e, consequentemente, tem contribuído substancialmente para o desenvolvimento do campo da sociolingüística. Na verdade, a atitude lingüística, como tópico de pesquisa, tem sido um dos principais focos em muitos estudos sociolinguísticos (Cooper & Fishman 1974; Cooper, 1975; Shuy & Fasold, 1973). Contudo, apesar do grande número de estudos, o campo das atitudes lingüísticas está ainda em estágio de crescimento (Agheyisi & Fishman, 1970;

Cooper & Fishman, 1974), contrastando com o desenvolvimento da pesquisa atitudinal em outras áreas.

Embora em fase de crescimento, é aparente, conforme Carranza (1982, p. 63), que os estudos sobre as atitudes lingüísticas possam contribuir para oferecer elementos a fim de entender mudanças fonéticas, definir comunidades lingüísticas, refletir a comunicação intergrupal e também ajudar os professores quanto ao desenvolvimento de habilidades de fala dos alunos.

Em vários estudos que investigaram as reações em relação a línguas contrastantes (Cohen, 1974; Lewis, 1975) e variedades diferentes dentro de uma língua (d'Anglejan & Tucker, 1973; Anisfeld, Bogo & Lambert, 1962; Tucker & Lambert, 1969) foi facilmente observado que diferentes variedades de língua ocupam posições distintivas no status social percebido. As variedades de língua que são vistas como de menos prestígio e estão associadas a classes baixas ocupam preferência reduzida em relação às outras variedades.

Os estudos sobre atitude lingüística realizados no Brasil são muito poucos; e, por não se ter acesso a nenhum deles, não será adiantada qualquer informação.

Na opinião de Giles et al. (1987, p. 592), a pesquisa das atitudes lingüísticas vem sofrendo um grande impulso desde sua concepção, acentuando-se nos últimos anos. Contudo, a esperança é que futuramente a atitude lingüística

deixe de ser vista como uma entidade separada e se torne parte integrante da teoria sociolinguística.

5.7 Natureza da pesquisa

Na pesquisa realizada pelo autor desse trabalho sobre a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ na comunidade de Alagoinhas (BA), foram utilizados quatro instrumentos na coleta dos dados. Um deles - questões abertas - permitiu a inserção de perguntas, objetivando avaliar as atitudes linguísticas dos informantes.

Os informantes (70) que constituíram a amostra da pesquisa sobre a palatalização constituem também a amostra da pesquisa sobre atitude linguística que ora é apresentada.

Considerando as possibilidades de medir atitudes, apresentadas anteriormente, optou-se pela medida direta, embora se reconheça a validade de outras formas, entre elas a indireta, que utiliza a técnica *matched-guise*, tão divulgada entre aqueles que desenvolvem pesquisas nessa área.

Como o estudo da palatalização já implica observação da pronúncia, procurou-se verificar até que ponto os informantes tinham consciência das diferenças entre a palatalização e a despalatalização das formas linguísticas que lhes foram apresentadas. Ao mesmo tempo, procurou-se averiguar, embora com um número reduzido de questões, como

esses informantes reagiam em relação à sua própria fala e à fala dos outros.

Visto que em momento algum da aplicação dos instrumentos se mencionou a natureza lingüística da pesquisa, as respostas, portanto, são consideradas como as mais francas possíveis, refletindo, desse modo, um índice cognitivo bastante real.

Esse estudo, cujos resultados serão apresentados e discutidos na seção seguinte, volta-se basicamente para as atitudes lingüísticas em relação à fala predominante na comunidade de Alagoinhas (BA); e as questões formuladas, em número de seis, apresentadas a seguir, permitem avaliações quanto aos conteúdos estético, comunicativo e status social.

Questão 1: Você acha que fala bem, regular ou mal?

Questão 2: O que você entende por falar bem e falar mal?

Questão 3: Conhece alguém que fale diferente de você? Se sim, o que os torna diferentes?

Questão 4: Sua forma de falar facilita ou dificulta seu contato com outras pessoa? Por quê?

Questão 5: Você gostaria de falar diferente? Por quê?

Questão 6: Na sua opinião, falar bem tem alguma

influência na ascensão social das pessoas? Por quê?

Ligadas ao conteúdo estético estão as questões 1, 2 e 3. A questão 1, visando à apreensão da atitude do informante em relação à sua forma de falar, utiliza os padrões bem, regular e mal. Através da questão 2, procura-se detectar a percepção de cada informante dos padrões de *falar bem* e *falar mal*. A questão 3 tem como objetivo detectar a atitude do informante em relação à sua própria fala, comparando-a com a de outros falantes.

As questões 4 e 5, que tratam da relação entre o informante e outros indivíduos, estão ligadas ao conteúdo comunicativo. A questão 4 objetiva detectar as atitudes dos informantes em relação ao processo de comunicação, colocando-o como elemento participante. A partir da consciência dessa participação, a questão 5 busca averiguar o grau de satisfação do informante em relação à sua forma de falar, fazendo com que apareça uma reflexão quanto à forma de falar dos demais que com ele interagem no processo comunicativo.

A questão 6 tem como objetivo verificar a atitude do informante em relação à sua fala no contexto social em que ele está inserido, tomando, como parâmetro, exemplos reais que são do seu conhecimento. Como se pode observar, essa questão está ligada ao conteúdo status social.

5.6 Análise e discussão dos resultados

Considerando o cômputo geral dos informantes, a Tabela 5.6.1 mostra que 75% dos informantes acreditam falar regular; 18,58%, mal; e 5,71%, bem.

Tabela 5.6.1

DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES QUANTO AOS PADRÕES DE FALA

Padrões de fala	Informantes	%
Regular	53	75,71
Mal	13	18,58
Bem	04	5,71
Total	70	100,00

Um resultado mais específico pode ser conseguido a partir do detalhamento dos dados em suas variáveis controladas, como indicam as Tabelas 5.6.2 e 5.6.3.

Tabela 5.8.2
DISTRIBUIÇÃO DOS PADRÕES DE FALA POR SEXO,
CLASSE SOCIAL E FAIXA ETÁRIA I

Sexo Masculino																
Classe Social																
	Alta				Média				Baixa				Total			
	Faixa Etária	1	2	3	4	Faixa Etária	1	2	3	4	Faixa Etária	1	2	3	4	Total
		1	2	3	4		1	2	3	4		1	2	3	4	
Bem	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-
Reg.	3	3	2	1	3	3	1	1	3	3	2	2	9	9	5	4
Mal	-	-	-	1	-	-	1	1	-	-	1	1	-	-	2	3
Total	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	9	9	8	8

Tabela 5.8.3
DISTRIBUIÇÃO DOS PADRÕES DE FALA POR SEXO,
CLASSE SOCIAL E FAIXA ETÁRIA II

Sexo Feminino																
Classe Social																
	Alta				Média				Baixa				Total			
	Faixa Etária	1	2	3	4	Faixa Etária	1	2	3	4	Faixa Etária	1	2	3	4	Total
		1	2	3	4		1	2	3	4		1	2	3	4	
Bem	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-
Reg.	2	3	3	2	3	3	3	3	2	2	-	1	7	8	6	6
Mal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	3	2	1	1	3
Total	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	9	9	9	9

A diferença mais acentuada entre os sexos se dá quando se consideram as distribuições por faixa etária e classe social (Tabelas 5.8.2 e 5.8.3). Aí, observa-se que o padrão estético *falar bem* é admitido apenas por aqueles da classe social alta e principalmente nas faixas etárias 3 e 4, sendo admitido por um só informante da 1.

O padrão estético *falar regular* está distribuído nas três classes sociais de forma quase uniforme, atingindo seus índices mais altos entre os informantes do sexo feminino da classe social média (cf. Tabela 5.8.3). Os seus índices mais baixos estão também entre as mulheres, só que da classe social baixa e da faixa etária 4.

Quanto ao padrão estético *falar mal*, a sua admissão ocorre entre os informantes do sexo masculino, das faixas etárias 4, 3 e 4, 3 e 4, distribuídos, respectivamente nas classes sociais alta, média e baixa (cf. Tabela 5.8.2). Quando se trata dos informantes do sexo feminino, apenas o admitem na classe social baixa.

Pode-se observar que *falar mal* é admitido apenas pelas pessoas mais velhas, muito pouco pelos homens das três classes sociais, e nunca pelas mulheres das classes sociais alta e média. O fato de os mais velhos admitirem *falar mal* reflete sua despreocupação quanto a quaisquer conotações estéticas que porventura possam ser atribuídas à fala..

Embora a questão formulada não tenha estabelecido

uma relação entre falar bem e mal com as formas de prestígio e estigmatizada discutidas no capítulo 3, pode-se deduzir que, com respeito à palatalização, essa ligação existe, mesmo que de forma sutil. Os informantes do sexo feminino mais velhos são o reflexo mais autêntico dessa correspondência entre falar mal e a classe social baixa, uma vez que são eles os únicos a admiti-lo (cf. Tabela 5.8.3).

Com base no que foi discutido sobre a hiper correção da classe média (cf. capítulo 3), que atingiria índices mais altos que a própria classe alta nos estilos formais, aqui verifica-se um comportamento diferenciado: ao auto-avaliar-se, o padrão estético escolhido não foi falar bem, como era de se esperar, mas falar regular, nivelando-se ao da classe social alta. E isto ocorre de forma unânime entre os informantes do sexo feminino, independentemente da faixa etária. Essa opção pode indicar reflexo de insegurança, já que falar regular não é falar bem, mas também não é falar mal. A opção por *falar bem* seria elevar-se, e *falar mal* seria nivelar-se aos menos privilegiados. Portanto, falar regular é demonstrar modéstia, o que indica neutralidade quando se trata de analisar a sua própria fala.

Pode-se deduzir, a partir dos resultados apresentados nas Tabelas 5.8.2 e 5.8.3, que não existe diferença de atitude quando se considera a variável sexo,

como comprova a Tabela 5.8.4, visto que a distribuição dos informantes é quase a mesma entre os três padrões estéticos de fala.

Tabela 5.8.4

DISTRIBUICAO DOS PADROES DE FALA POR SEXO

Padrões de Fala									
	Bem		Regular		Mal		Total		
	Inf.	%	Inf.	%	Inf.	%	Inf.	%	
Homem	02	2,86	26	37,14	06	8,57	34	48,57	
Mulher	02	2,86	27	38,57	07	10,00	36	51,43	
Total	04	5,72	53	75,71	13	18,57	70	100,00	

Em relação à concepção do que seja falar bem ou mal, as respostas puderam ser agrupadas, permitindo a elaboração de algumas definições.

Falar bem, segundo os informantes, é:

- saber expressar as idéias com clareza e correção;
- refletir um padrão cultural mais elevado, próprio daqueles que estudaram, demonstrado através da utilização do vocabulário e do conhecimento

do seu significado, e da pronúncia correta das palavras.

- sair-se bem no processo de interação social por meio de palavras bonitas e agradável vocalismo.

Se falar bem é tudo isso, falar mal é exatamente o contrário.

Além disso, alguns informantes colocam que falar bem é falar como o pessoal do sul, enquanto falar mal é falar como os nordestinos, ou seja, arrastado. E ai, como se vê, entra em jogo não mais a correção gramatical, e sim, o aspecto supra-segmental ligado ao ritmo da fala. Isto, por sua vez, confirma o princípio de que os falantes que usam um traço estigmatizado tendem a estigmatizar outros falantes quanto ao mesmo traço.

Esse tipo de comportamento reflete certo grau de discriminação quanto à forma de falar local e até regional, resultante de valores ligados a todos os níveis de conteúdo, quer sejam eles estéticos, comunicativos ou de status social.

Embora a questão formulada tenha objetivado o conteúdo estético, as respostas apresentadas foram bastante abrangentes. Tanto foram considerados padrões estéticos, como agradabilidade vocal, utilização de palavras bonitas, etc., como foram considerados padrões ligados ao conteúdo comunicativo, em que se observa a preocupação com a clareza

das idéias, com o diálogo e outros fatores mais que interagem na comunicação.

As definições aqui apresentadas espelham as reações avaliativas de todos os informantes, independentemente da variável controlada - classe social, faixa etária ou sexo. De forma regular, as respostas foram muito próximas. Se existiu uma diferenciação quanto à concepção dos padrões estéticos entre os informantes, como visto anteriormente, essa foi muito pouca; por isso é que não se sentiu a necessidade de apresentar tais dados em qualquer tabela explicativa.

Questionados sobre se conheciam alguém que falasse diferente, os informantes foram unânimes em afirmar que sim. Cada um deles procurou justificar essa diferenciação, atribuindo-a a fatores diversos.

Para alguns, a forma de falar varia de região para região, e os falantes da região sudeste são os que mais se destacam na diferenciação, principalmente os paulistas e cariocas, com sotaques bem mais marcantes.

Outros atribuem a diferença ao conhecimento. Os da classe social alta afirmaram que os que falam diferente são pessoas mais humildes, que não tiveram acesso ao padrão de fala culto. Já os da classe social média e baixa consideram como diferentes aqueles que falam segundo os padrões cultos, que lhes foram favorecidos através dos

estudos e do meio em que vivem.

E houve também aqueles que, independentemente da classe social, viram como diferentes aquelas pessoas que falam de forma confusa, que têm problema na voz, e as que usam gíria e palavrão.

As questões vistas até aqui tratam, como afirmado anteriormente, do conteúdo estético, muito embora as respostas não tenham sido tão rigorosas.

As duas questões seguintes versam sobre o conteúdo comunicativo.

Questionados sobre a facilidade ou dificuldade no processo de comunicação quanto ao uso da forma de falar, os informantes apresentaram respostas diferenciadas. A Tabela 5.8.5 indica que 51,43% dos informantes acreditam que sua forma de falar facilita a comunicação com outras pessoas, enquanto 21,53% acreditam que dificulta e 27,14% que às vezes facilita, às vezes dificulta.

Tabela 5.8.5

**DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES QUANTO À SUA FORMA DE FALAR
E À INTERAÇÃO COMUNICATIVA**

	Informantes	%
Facilita	36	51,43
Fac./Dif.	19	27,14
Dificulta	15	21,43
Total	70	100,00

Como se pode ver, os índices mais altos estão para *facilita*, seguidos por às vezes *facilita*, às vezes *dificulta* (fac./dif.), e os mais baixos estão para *dificulta*.

Quando a resposta foi *facilita*, não houve muita justificativa. As fornecidas giraram em torno de forma simples de falar como recurso que facilita a expressão e a adaptação ao meio em que o indivíduo se encontra.

Aqueles que afirmaram que sua forma de falar, às vezes *facilita*, às vezes *dificulta*, utilizaram como justificativa o ritmo de fala, dependente do estado emocional. Fala pausada facilita o entendimento, fala rápida embola as palavras.

Os que responderam *dificulta* procuraram justificar

a partir de problemas na expressão daquilo que desejam exteriorizar, ou seja, demonstraram ter dificuldade de coordenar as idéias para exprimir o pensamento; estes também atribuíram a dificuldade ao comportamento introspectivo que, muitas vezes, assumem, por se considerarem de pouca conversa.

Entre os que colocaram que *facilita*, uma observação feita vale a pena ressaltar: o fato de as pessoas do nordeste falarem diferente não constitui obstáculo à comunicação. Consequentemente, a pronúncia peculiar não é um elemento inibidor do processo comunicativo.

Ligada a essa questão, uma outra foi formulada para verificar se falar diferente interfere na vida dos informantes.

A Tabela 5.8.6 mostra que 47,14% dos informantes gostariam de falar diferente, enquanto 52,86% não gostariam. Como se vê, o nível de contentamento ou descontentamento em relação à forma de falar não é muito marcante.

Tabela 5.8.6

DISCRIMINAÇÃO QUANTO A QUERER FALAR DIFERENTE

	Informantes	%
Não	37	52,86
Sim	33	47,14
Total	70	100,00

Uma análise mais detalhada dos dados vai mostrar que, entre os que gostariam de falar diferente, não há diferenciação relativa à variável sexo. A Tabela 5.8.7 mostra que os informantes do sexo masculino atingem o índice de 48,57%, enquanto os do sexo feminino atingem 51,43%. Como se vê, diferença insignificante.

Tabela 5.8.7

DISCRIMINAÇÃO POR SEXO QUANTO A QUERER FALAR DIFERENTE

	Sim	Não	Total	%
Mulher	15	21	36	51,43
Homem	13	21	34	48,57
Total	28	42	70	100,

AS DISCREPÂNCIAS, entretanto, aparecem quando se processa o cruzamento das variáveis classe social, faixa etária e sexo. Como pode ser observado nas Tabelas 5.8.8 e 5.8.9.

**Tabela 5.8.8
DISTRIBUICÃO POR SEXO, CLASSE SOCIAL E FAIXA ETÁRIA
QUANTO A QUERER FALAR DIFERENTE I**

Sexo Masculino															
Classe Social															
Alta				Média				Baixa							
Faixa Etária				Faixa Etária				Faixa Etária				Total			
1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Sim	2	2	2	-	-	1	1	1	1	-	1	2	3	3	3
Não	1	1	1	3	3	2	1	1	2	3	2	1	6	6	4
Total	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	9	9	8

**Tabela 5.8.9
DISCRIMINAÇÃO POR SEXO, CLASSE SOCIAL E FAIXA
ETÁRIA QUANTO A QUERER FALAR DIFERENTE II**

Sexo Feminino															
Classe Social															
Alta				Média				Baixa							
Faixa Etária				Faixa Etária				Faixa Etária				Total			
1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Sim	-	-	-	-	1	1	2	2	3	3	2	1	4	4	4
Não	3	3	3	3	2	2	1	1	-	-	1	2	5	5	5
Total	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	9	9	9

Dos dados descritos (Tabelas 5.8.8 e 5.8.9), observa-se que, quando se trata da resposta negativa, há equivalência entre os sexos, embora haja disparidade tanto entre as faixas etárias, como entre as classes sociais, salientada principalmente quando diz respeito às mulheres da classe alta, que, ao responderem, unanimemente, não, demonstram ter consciência de estarem utilizando padrões lingüísticos que satisfazem a norma culta. Por outro lado, o fato de as mulheres da classe baixa apresentarem um índice bastante irrelevante à resposta negativa faz supor que a forma como as pessoas falam lhes é indiferente.

A última questão formulada diz respeito ao conteúdo status social. O objetivo dessa questão foi verificar até onde se pode estabelecer uma relação entre a forma de falar e a ascensão social do indivíduo.

A Tabela 5.8.10 mostra que 80,00% dos informantes acreditam que falar bem tem influência na ascensão social das pessoas; 14,29% acreditam que não tem influência; e 5,71% acreditam que depende.

Tabela 5.8.10

DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES QUANTO A RELAÇÃO ENTRE FORMA DE FALAR E ASCENSÃO SOCIAL

	Informantes	%
Sim	56	80,00
Não	10	14,29
Depende	04	5,71
Total	70	100,00

Isso demonstra que uma grande maioria encara falar bem como uma condição necessária para que o indivíduo ascenda socialmente.

A Tabela 5.8.11 mostra que do total de informantes que utilizou a resposta *sim*, 44,29% é do sexo masculino e 37,14 são do sexo feminino; dos que utilizaram *não*, 1,43% é do sexo masculino e 11,43% é do sexo feminino; dos que afirmaram *depende*, há igualdade de índices (2,86%) para os informantes dos dois sexos.

Tabela 5.8.11

DISCRIMINAÇÃO DOS INFORMANTES POR SEXO QUANTO À FORMA DE
FALAR E ASCENSÃO SOCIAL

	Homem	%	Mulher	%
Sim	31	44,28	26	37,14
Não	01	1,43	08	11,43
Depende	02	2,86	02	2,86
Total	34	48,57	36	51,43

Mais uma vez pode-se constatar que a diferença de atitude, quando se considera a variável sexo, é muito pouco significativa.

A diferença maior ocorre quando se trata da resposta *não*, em que os informantes do sexo feminino atingiram índices mais altos que os do masculino.

Maiores detalhes, entretanto, poderão ser observados a partir das Tabelas 5.8.12 e 5.8.13, quando é mostrada a distribuição dos informantes através das três variáveis controladas.

Tabela 5.8.12
DISCRIMINAÇÃO DOS INFORMANTES POR SEXO, CLASSE SOCIAL E FAIXA ETÁRIA QUANTO À FORMA DE FALAR E À ASCENSÃO SOCIAL I

Sexo Masculino																
Classe Social																
	Alta				Média				Baixa							
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Sim	3	3	2	3	3	2	2	2	3	2	3	3	9	7	7	8
Não	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-
Depende	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
Total	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	9	9	8	8

Tabela 5.8.13
DISCRIMINAÇÃO POR SEXO, CLASSE SOCIAL E FAIXA ETÁRIA QUANTO À FORMA DE FALAR E À ASCENSÃO SOCIAL II

Sexo Feminino																
Classe Social																
	Alta				Média				Baixa							
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Sim	3	2	3	2	2	1	3	2	2	2	1	3	7	5	7	7
Não	-	1	-	1	1	1	-	-	1	1	2	-	2	3	2	1
Depende	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1
Total	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	9	9	9	9

Pode-se observar, a partir dos dados das Tabelas 5.8.12 e 5.8.13, que o comportamento dos informantes do sexo masculino em relação à questão da influência da forma de falar na ascensão social é muito similar nas três classes sociais. Alguma diferença se nota, no entanto, nos informantes do sexo feminino ligados à resposta *sim*.

Os informantes que optaram pela resposta *sim*, justificaram-na dizendo que quem fala bem tem mais facilidade de se expressar, tem maior poder de argumentação, mais cultura, e, consequentemente, mais facilidade de conseguir o que deseja.

Aqueles que disseram *não*, na sua maioria do sexo feminino, acreditam que a ascensão social resulta da força de vontade das pessoas e de muita sorte ou chance.

Os que utilizaram a resposta *depende* procuraram mostrar, através de exemplos regionais, que há muita gente que fala bem e não ascendeu socialmente, enquanto outros que falam *supermal* conseguiram atingir posições bem elevadas. Para essas pessoas, falar *bem ou mal* não tem muita influência na ascensão social das pessoas; tudo depende, principalmente, do poder económico do indivíduo.

Outra observação que pode ser feita é que os informantes do sexo feminino se mostram menos cientes do que os do sexo masculino, quanto à ascensão social influenciada pela forma de falar, já que, dos primeiros, apenas um

pela forma de falar, já que, dos primeiros, apenas um respondeu *não*, enquanto dos últimos, oito. E aí cabe uma questão: não será esse comportamento um reflexo da discriminação em relação à mulher quanto a seu papel na sociedade? Mesmo com uma diferença não muito acentuada dos resultados, poder-se-ia crer que essas respostas podem indicar uma forma de insatisfação reprimida, principalmente quando se vive em uma pequena cidade do interior, onde a discriminação é muito forte no que se refere aos grupos considerados minoritários.

5.9 Conclusão

A pretensão básica, ao serem colocadas, no final da entrevista, questões que avaliassem as atitudes dos informantes, foi a de verificar se a palatalização ou despalatalização constituiam objeto de discriminação. Note-se que é comum caracterizar o falar nordestino, principalmente nos grandes centros urbanos das regiões sudeste e sul do Brasil, pela presença dessa despalatalização, associada ao traço entonacional arrastado.

Os dados mostram que os informantes não reagiram às questões preocupando-se com a palatalização/despalatalização, demonstrando que deste particular aspecto fonológico não têm consciência. Assim, a variação palatalização/despalatalização não funciona como marca diferenciadora de falar, pelo menos para aqueles que convivem com a variável.

O que se pode concluir, também em relação a isso, é que existe na comunidade uma consciência da discriminação quanto à forma de falar regional, e até local, reflexo, talvez, dos meios de comunicação que elegem a forma de falar dos grupos dominantes como a mais adequada, por questões outras que não cabe ser discutidas aqui. Entretanto, se esta forma de falar chega a incomodar alguns da comunidade local, outros revelam sentirem-se honrados por serem identificados como falantes marcados por traços regionais de fala.

Os dados apresentados levam a outras conclusões que dizem respeito às atitudes dos informantes quanto aos conteúdos estético, comunicativo e de status social.

Do ponto de vista estético, percebe-se que os informantes foram capazes de estabelecer distinção entre os três padrões que lhes foram apresentados, principalmente quando se processou o cruzamento das variáveis controladas, isto porque não se obteve diferenciação significativa ao ser observada apenas a variável sexo, demonstrando, assim, que tanto os do sexo masculino como os do feminino agem uniformemente.

Em relação ao conteúdo estético, pode-se ainda verificar que, ao ser observada a faixa etária, os mais velhos foram os que mais admitiram sua forma de falar menos padrão, principalmente os da classe social baixa, independentemente do sexo.

Também se conclui que a diferença entre as formas de falar, quando se trata de valores estéticos, está ligada a padrões de correção gramatical, de comunicação e de cultura. Aí, os aspectos supra-segmentais da língua são valorizados, servindo, inclusive, como base para distinguir variações lingüísticas regionais.

Do ponto de vista comunicativo, constata-se que os informantes negam a vontade de querer mudar a forma de falar. O fato de serem conscientes de falares diferenciados não constitui obstáculo à comunicação. Também aí, as respostas, ao ser considerada a variável sexo, foram similares; levemente diferenciadas, porém, no cruzamento das variáveis. A vontade de mudar, entretanto, refletiu-se mais entre os informantes da classe social baixa, principalmente do sexo feminino.

Considerando a relação forma de falar versus ascensão social, conclui-se que os informantes, pelo menos a maioria, acreditam nessa relação. A forma *falar bem* é vista como condição necessária para atingir determinado status na escala social. E aqui, mais uma vez, quase unanimemente, informantes de ambos os sexos tiveram o mesmo tipo de reação em todas as classes sociais e faixas etárias, com índices mais baixos, nos do sexo feminino; o que não impede de ratificar um dos princípios resultantes do trabalho de Lambert (1967), e confirmado por Labov (1968; 1972), de que avaliações subjetivas são uniformes na comunidade lingüística.

Conclui-se, finalmente, a partir das constatações pautadas nos dados, que de forma consciente, ou até inconsciente, a língua, através de seu desempenho, reflete um processo de identificação, seja considerado o próprio falante ou sejam considerados aqueles que participam direta ou indiretamente de sua vida.

NOTAS

¹ "In general, speech cues be used by listeners to make inferences regarding an individual's personal characteristics (e.g. age, sex, intelligence), social group membership (e.g. regional, ethnic, class, occupational), and psychological states (e. g. need for social approval, interest in continuing an interaction, anxiety, depression)." (Ryan, Giles, Sebastian, 1982, p. 2)

² "Language is not merely a carrier of content, whether latent or manifest. Language itself is content, a referent for loyalties and animosities, an indicator of social status and personal relationships, a marker of situations and topics as well as of the societal goals and the large-scale value-laden arenas of interaction that typify every speech community." (Fishman, 1971, p.1)

³ "(...) is a mental and neural state of readiness, organized through experience, exerting a directive or dynamic influence upon the individual's response to all objects and situations with it is related." (Allport, 1954, p. 45)

⁴ "A considerable amount of effort has gone into the demonstration that languages, and language varieties, although clearly differing from one another, cannot reasonably be described in terms like "better" or "worse", "correct" or "incorrect", "logical" or "illogical". Similarly, aesthetic judgements made of language varieties

do not appear to be based upon any inherent qualities of pleasantness or unpleasantness." (Edwards, 1982, p. 21)

5 "(...) one's speech style is an important determinant of others' reactions towards you in a range of social situations. Moreover, such 'listener-focussed' research has considerable mediating implications for the production of our communicative behavior including the acquisition of dialects and languages. These are determined in part by our language attitudes in the sense that how we believe others will respond to our speech styles, including shifts within and switches between them, will influence greatly our self-presentations in terms of sequential vocal choices during an interactive exchange." (Giles et al., 1987, p. 585)

6 Embora a expressão *matched-guise* seja traduzida para o Espanhol por "ajuste disfrazado" (cf. Lavandera, 1984, p.162), equivalendo a "ajuste disfarçado" em Português, preferiu-se manter a forma inglesa, por ser a mais utilizada.

6 - ANÁLISE FONOLOGICA

6.1 Introdução

Nas duas últimas décadas, a fonologia gerativa, como proposta em Chomsky & Halle (1968), tem sofrido uma série de modificações em suas hipóteses básicas, principalmente no que se refere a seu caráter linear e à organização dos traços dos segmentos.

O advento de teorias como a Fonologia Auto-segmental e a Geometria dos Traços, entre outras, tem implementado um conjunto de avanços na concepção do segmento e também na sua organização estrutural.

E com base nestas propostas teóricas que será desenvolvido este capítulo, cujo objetivo principal é a representação da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/.

Aqui, far-se-á um esboço dos principais pressupostos da Fonologia Auto-segmental e da Geometria dos Traços, com vistas à sua aplicação na representação da regra fonológica a ser proposta em moldes não-lineares.

6.2 A visão auto-segmental

Antes de desenvolver sua tese sobre a Fonologia Auto-segmental, Goldsmith (1976) chama a atenção para os fonemas supra-segmentais, aqueles que escapam à classificação segmental e são considerados por Wells (1945) como "*fonemas que não são nem vogais nem consoantes*", procurando apresentar uma caracterização específica desses tipos de fenômenos prosódicos.

Muito da literatura voltada para os "supra-segmentais" foi formulada seguindo uma linha estruturalista, tendo como preocupação básica a utilização de métodos para análise dos dados fonéticos em unidades elementares que formam unidades maiores, como fonemas e morfemas; por outro lado, aqueles que seguem uma abordagem gerativa, preocupados com as regras fonológicas que relacionam os níveis fonológico e fonético, procuraram fornecer uma caracterização formal para os dois níveis.

Na tradição lingüística americana dos anos 40, muito se discutiu a respeito dos *supra-segmentais*, com contribuições, entre outras, de Bloch, Harris, Haugen, Smith. Todos eles partem da hipótese inicial de que o primeiro procedimento na análise lingüística é *fatiar* o signo lingüístico verticalmente em várias partes, que podem ser chamadas de segmentos. Uma vez realizado o processo de segmentação, passa-se à classificação das *fatias*. A representação formal do signo *fatiado* em segmentos constitui

uma seqüência linear de elementos, devido muito mais à natureza do processo inicial de segmentação do que à natureza inerente à fala.

Segundo Goldsmith (1976, p. 5), ao serem consideradas as análises estruturalistas, não se deve perder de vista como é tratada a questão de aspectos supra-segmentais como a acentuação e a entonação (no caso do Inglês) e, por outro lado, como são definidas as características desses supra-segmentos.

Quanto à definição de *supra-segmental*, há duas tendências: (a) é definido como processo ou como traço, tornando-o independente da análise lingüística ou de qualquer língua específica; (b) é um nome que se dá a qualquer processo encontrado em uma língua específica, ao apresentar algumas propriedades gerais, quer sejam de distribuição, quer sejam de comportamento quanto às regras e quanto às suas aplicações.

A abordagem utilizada em Goldsmith (1976) visa a desenvolver um conceito - o de *tier¹* auto-segmental - cuja aplicação específica a uma língua deve ser determinada pelos fatos daquela língua. Assim, os diagnósticos, ou indicações do comportamento auto-segmental baseados em uma língua específica, são demonstrações de que determinado traço é, na verdade, auto-segmentalizado naquela língua. No seu trabalho, a distinção entre os traços e os *supra-segmentais* é básica, e uma tentativa para reduzir os dois a apenas um

é de grande importância.

Basicamente, nosso objetivo será fornecer uma noção dos "supra-segmentais" que faça previsões específicas sobre o comportamento desses elementos. Tentaremos mostrar as diferenças reais entre os traços de "por si" e os supra- ou (auto-) segmentais, tais como o espraiamento automático dos segmentais no domínio mais amplo possível (...) Os traços, por si sós, não espraiam; eles apenas identificam um segmento pelo que ele é. O domínio de associação de um "auto-segmento", por outro lado, espraiia bastante automaticamente. (Goldsmith, 1976, p. 12)

A fonologia auto-segmental (Goldsmith, 1976) procura lidar com uma subparte do domínio que foi coberto pelo termo *supra-segmental* nos tratamentos estruturalistas. Sua intenção é apresentar uma teoria empiricamente mais satisfatória dos fenômenos supra-segmentais.

Para Goldsmith (1976, p. 20), muito do que a teoria auto-segmental cobre poderia ser chamado de *supra-segmental*, pelo critério implícito na literatura. A questão que se levanta é a seguinte: O que sugere o termo *supra-segmental*?

Eu apresentaria duas coisas que, continuamente, têm sido confundidas na tradição linguística atual. Chamar o termo "supra-segmental", em primeiro lugar, distingue-o imediatamente de "segmental" - isto é, corretamente se vê o "pitch" como diferente da segmentação fonológica e não parte dela - a segmentação em fonemas, falando a grosso modo. Porém, esta primeira observação tem, erroneamente, levado à hipótese de que os "supra-segmentais" não podem ser segmentais em si mesmos - em segundo lugar, o sentido mais fundamental de "segmental", que é negligenciado pelo termo

"*supra-segmental*". Se o "*supra-segmental*" do "pitch", por exemplo, forma, por si só, uma seqüência de segmentos tonais, então "*supra-segmental*" é um rótulo ilusório. Um quadro exato, que estamos sugerindo, é de seqüências paralelas de segmentos, nenhuma das quais depende ou sobrepõe outras. Cada uma é independente em si mesma: daf o nome nível auto-segmental. (Goldsmith, 1976, p. 20-1)

Atualmente, já não é mais nenhuma novidade afirmar que as representações fonológicas e fonéticas em Chomsky & Halle (1968) - doravante SPE⁴ - são muito uniformes em sua estrutura formal interna, e que cada uma delas é uma seqüência de segmentos que, em princípio, independe uma da outra, e são uniformes em tamanho. Embora no SPE tenham sido reconhecidas unidades maiores que os segmentos, os únicos elementos deste tipo foram de caráter morfológico, como morfemas e palavras, representados não diretamente como unidades estruturais, mas intercalados convencionalmente em suas seqüências segmentais, separadamente consideradas. Nenhuma estrutura interna ao segmento foi reconhecida, nem tampouco nenhuma unidade maior que o segmento, como a sílaba, teve status representacional sistemático, pois acreditava-se que se poderiam fazer generalizações a partir do segmento.

Por volta dos anos 70, a natureza monolítica das teorias que, como a gerativa, se baseavam nos segmentos começou a ser abalada pelos estudos dos sistemas tonais.

A partir de trabalhos sobre os sistemas tonais das línguas africanas, Leben (1971) e outros, apud

Goldsmith (1976, p. 57), demonstraram que os contornos tonais também precisam ser considerados em sílabas que tenham apenas um segmento vocalico-curto, indivisível. Admite, portanto, a possibilidade de que alguns traços fonológicos utilizem como domínio de especificação um escopo menor do que um segmento. Em outras palavras, os segmentos têm de ser reconhecidos como se tivessem estrutura temporal interna significante. Leben apud Goldsmith (1976, p. 54) também demonstrou que, às vezes, é necessário reconhecer uma especificação tonal simples que utiliza mais de um segmento como seu domínio, espalhando-se sobre várias sílabas de uma determinada forma lingüística.

A partir da afirmação de que o número de especificações tonais em determinada forma não é necessariamente igual ao número de vogais, verifica-se que é possível estender o mesmo formalismo descritivo a outras áreas da estrutura lingüística, plenamente demonstrado em Goldsmith (1976; 1979).

A fonologia auto-segmental, na concepção de Goldsmith (1976, p. 16), procura fornecer um entendimento mais adequado ao tratamento fonético da representação lingüística, sugerindo que a representação fonológica seja composta de um conjunto de certas sequências simultâneas de segmentos, com algumas restrições sobre como os vários níveis das sequências se associam. Este tipo de afirmação, colocando a fonologia auto-segmental como uma hipótese sobre

a geometria das representações fonéticas e fonológicas é bastante abstrata. De um ponto de vista mais prático, a fonologia auto-segmental constitui uma teoria sobre como os vários componentes do aparelho articulatório - a língua, os lábios, a laringe, o véu palatino - estão coordenados na emissão de sons da fala.

Isto é, em um nível observável mais superficial, o signo lingüístico é dividido em um grande número de canais de informação separados. Vistos do lado da produção, estes consistem de comandos específicos da laringe, do véu palatino, da língua e assim por diante. Em um nível abstrato, esta informação, sem dúvida, resulta da divisão de uma representação mais unificada. (Goldsmith, 1976, p. 16)

Para tornar mais clara essa ideia, Goldsmith (1976, p.19) utiliza o exemplo abaixo, representado lingüisticamente por três segmentos ordenados linearmente:

(1)

$\begin{bmatrix} +\text{cons} \\ -\text{nas} \\ +\text{lab} \\ -\text{cor} \\ \cdot \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} +\text{sil} \\ -\text{nas} \\ -\text{lab} \\ -\text{cor} \\ \cdot \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \\ -\text{lab} \\ +\text{cor} \\ \cdot \end{bmatrix}$
"p"	"i"	"n"

Na produção desta palavra, "pin", há o envolvimento das atividades do véu palatino, dos lábios, e assim por diante, que, embora separados, estão coordenados, podendo ser expresso assim:

(2) Escore para a orquestração de 'pin'⁶

Lábios:.....Fecha.....abre.....

Língua:....Alta e frontal.....toca o palato

Véu palatino:.....Levanta.....Abaixa.....

Segundo a hipótese da teoria *standard*⁷, na representação fonológica, os processos de aquisição da língua e de percepção incluem o desenvolvimento da habilidade de utilizar uma representação como (2) e fatiá-la verticalmente em colunas, de modo que as especificações apropriadas do traço, em cada coluna, permitam uma representação como (1). Esta hipótese é chamada por Goldsmith (1976) de *Hipótese do Fatiamento Absoluto*.

Embora nos exemplos (1) e (2), a *Hipótese do Fatiamento Absoluto* tenha sido ajustada adequadamente, isto nem sempre acontece (cf. Goldsmith 1976, p. 17-18).

A proposta teórica de Goldsmith procura dar conta de alguns aspectos considerados problemáticos no SPE, e que foram também mencionados, explícita ou implicitamente, por Leben (1973) e Williams (1976).

O primeiro deles diz respeito às vogais com contornos tonais, ou seja, aquelas que, na superfície, têm os tons crescente e decrescente, resultantes da concatenação dos tons Baixo e Alto. O problema é: como um único segmento pode comportar duas especificações tonais em seqüência?

O segundo problema, ainda ligado às representações tonais, é o da estabilidade, ou tendência de o valor de um traço persistir, mesmo que o segmento principal (geralmente, a vogal) seja suprimido ou dessilabado.

Um terceiro problema a considerar se refere aos níveis melódicos na gramática, ou seja, níveis lingüisticamente significantes que se referem a um ou dois traços no enunciado.

Outro problema diz respeito à noção de tom flutuante, que pode ser defendida em termos auto-segmentais.

Por último, restam os processos de espraiamento automático de traços, tanto à esquerda quanto à direita, sobre os segmentos não especificados para aqueles traços. Enquanto a notação para as regras fonológicas prediz, implicitamente, que o espraiamento poderá ser mais simples se ocorrer apenas à esquerda ou apenas à direita, em termos auto-segmentais, pode-se ter o espraiamento bidirecional.

O impasse enfrentado pelo SPE diante desses problemas está ligado principalmente ao tipo de representação utilizado. No SPE, a representação fonológica é linear, ou seja, consiste em uma sequência individual de segmentos e de símbolos limítrofes. Os segmentos, por sua vez, constituem conjuntos de traços não-ordenados, cada um dos quais de valor binário. Esta sequência está associada a uma estrutura hierárquica não-fonológica, mas morfológica ou

sintática.

Por outro lado, a representação fonológica auto-segmental é considerada como um objeto tridimensional, onde se encontram várias sequências. Portanto, a representação é não-linear. Estas sequências, chamadas tiers, estão ligadas a um tier central que consiste em unidades abstratas a que os segmentos em outros tiers se associam. Este tier central constitui o ponto comum entre a estrutura hierárquica (morfo)sintática e a estrutura hierárquica prosódica.

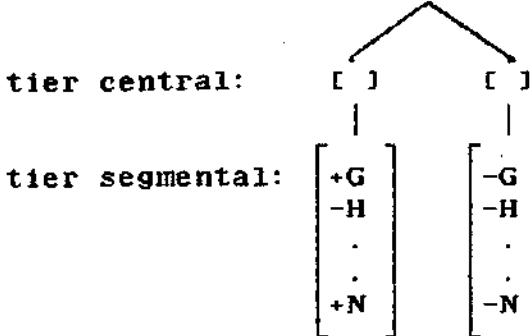
A visão de segmentos como conjuntos não-ordenados de traços especificados foi abandonada pelo fato de que o escopo de um traço especificado não necessita ser um segmento simples, podendo, ao contrário, tanto ser maior como menor.

Na perspectiva da fonologia atual, os traços têm status de segmentos autônomos, portanto auto-segmentos.

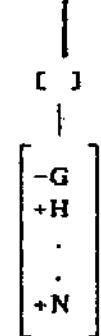
Considerando uma língua específica, em que o traço [F] tem como escopo mais de um slot⁸, então uma sequência desses traços é vista como uma sequência de segmentos [F]. Sob a hipótese de que todos os traços estão sincronizados, pode-se chegar à seguinte representação:⁹

(3)

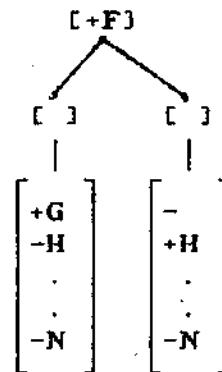
tier [F]:



tier central:



tier segmental:

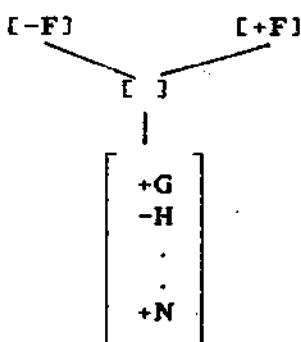


Na opinião de Hulst (1984, p. 6), é possível admitir que um tier como o terceiro, chamado segmental, nem mesmo existe como cumulativo, e o que ocorre é que o tier[G], o tier[H] e todos os outros, exceto o tier[F], estão sujeitos à mesma função que os associa ao tier central.

Contudo, desde que o escopo amplo seja o caso especial mais que a norma, assumirei que o terceiro tenha um status teórico e que os traços sejam delimitados na forma tradicional, a menos que haja evidência contrária. (Hulst, 1984, p. 6)¹⁰

Na verdade, um traço tanto pode ter um escopo amplo, conforme se viu em (3), como um escopo restrito de acordo com (4):¹¹

(4)



distinção esta, responsável pelo desenvolvimento da teoria auto-segmental.

Ao considerar-se a representação fonológica como constituída de seqüências independentes ou tiers, uma questão que surge é como as entidades nos diferentes tiers estão sincronizadas, uma vez que, basicamente, os vários tiers são realizados em sinais acústicos individuais que emanam do trato vocal do falante. A formulação de como isto ocorre tem sido um importante tópico da fonologia auto-segmental, representando uma das suas mais significativas contribuições.

Uma das abordagens voltadas para a ligação entre os tiers, e que é central nos estudos de Goldsmith (1976), é a chamada Condicão de Boa-Formação, reproduzida em (5):

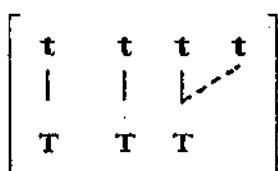
(5) Condicão de Boa-Formação:¹²

- 1 - Todos os tons devem estar associados a, pelo menos, um elemento silábico;
- 2 - Todos os elementos silábicos devem estar associados a, pelo menos, um tom;
- 3 - As linhas de associação não se cruzam.

Estes princípios governam representações e têm o efeito de tornar bem-formadas as mal-formadas através de adição ou apagamento de linhas de associação.

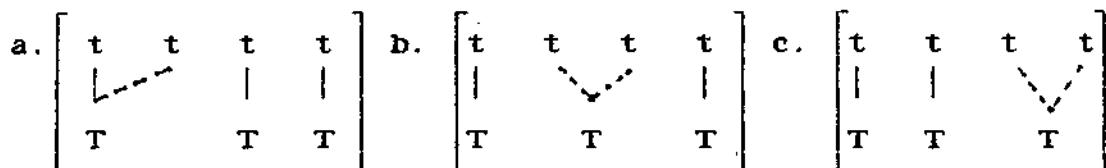
Em alguns casos, afirmam Clements & Ford (1979, p. 182), pode haver mais de uma forma de retificar uma determinada representação. Considerando-se a configuração

(6)¹³



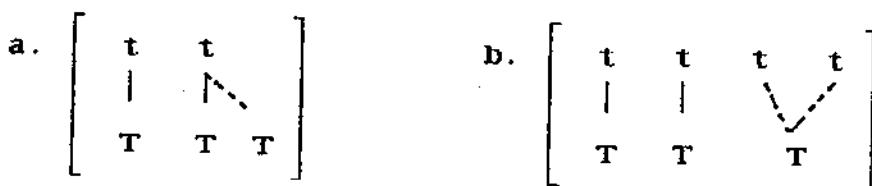
são possíveis, pelo menos, três formas que satisfazem à Condição de Boa-Formação:

(7)¹⁴



Clements & Ford (1979, p. 182-6) sugerem três convenções para que a Condição de Boa-Formação seja mais específica. A primeira delas estabelece que os tons sejam associados aos portadores tonais sob a forma um-a-um da esquerda-para-a-direita. As outras duas convenções serão aplicadas após a aplicação da primeira, caso algum tom ou alguma unidade portadora de tom tenha ficado livre.

Segundo a Condição de Boa-Formação, os tons restantes deveriam associar-se ao último portador (Cláusula 1) ou os portadores ao último tom (Cláusula 2):

(8)¹⁵

Clements & Ford (1979) e Halle & Vergnaud (1982) afirmam que os tons restantes, não-associados após a aplicação da regra de mapeamento da esquerda-para-a-direita (ou que ficaram desassociados em virtude do apagamento de seus portadores), não poderão ser reassociados, o que significa que eles não receberão uma interpretação fonética. Para Halle & Vergnaud (1982), a associação de mais de um tom a uma vogal é um fenômeno que, quando ocorre, exige uma regra de língua específica. Caso essa regra não exista na gramática, só será permitida a associação um-a-um. Assim, a Cláusula 1 da Condição de Boa-Formação, que exige que cada tom deva associar-se a pelo menos um segmento silábico, pode ser abandonada.

Um dos aspectos fundamentais da teoria autosegmental, diz Hulst (1982, p. 15), é o fato de as linhas de associação não poderem cruzar-se. Tal proibição nunca pode ser anulada.

Por outro lado, a Cláusula 2, segundo a qual cada segmento é associado a, pelo menos, um tom, leva a alguma indeterminação. Quando uma unidade portadora de tom não-associada tem um tom tanto à sua esquerda quanto à sua direita, há duas possibilidades de associação; consequente-

mente, a Cláusula 2 deve ser suplementada com princípios adicionais, tais como as convenções de Clements & Ford (1979, p. 182-6).

Além da *Condição de Boa-Formação*, a Fonologia Auto-segmental faz uso do chamado *Princípio do Contorno Obrigatório (OCP)*, proposto por Leben apud Goldsmith (1976, p. 37), segundo o qual são excluídas as possibilidades de dois auto-segmentos idênticos terem o mesmo valor.

Para Goldsmith (1976, p. 36), o OCP não deve ser visto como um princípio universal, mas sim como um princípio que permite colapsar auto-segmentos idênticos, se não houver nenhuma razão para deixá-los separados.

Até aqui, tem-se visto basicamente a teoria auto-segmental voltada para a representação tonal; no entanto, de modo geral, a sua perspectiva não se limita apenas a este tipo de representação. Ela também estende seu domínio empírico a fenômenos não-tonais, entre eles a assimilação que, enquanto no SPE é tomada no sentido literal, ou seja, um segmento é alterado em seus valores de traços de forma a tornar-se similar a um segmento vizinho; na perspectiva auto-segmental, pode ser expressa pelas regras de espraiamento, que expandem o domínio temporal dos auto-segmentos por adição de linhas de associação.

Na opinião de Hayes (1986, p. 467), embora as regras de mudança de traço e as de espraiamento se

superponham em seu alcance empírico, elas são, do ponto de vista conceitual, muito diferentes; mas, em vários casos, tem sido possível demonstrar a superioridade da descrição auto-segmental.

Nesta concepção, as regras de assimilação podem ser vistas como envolvendo, não uma mudança nos traços de um segmento individual, mas como uma reassociação dos traços de um segmento, de forma que eles venham a incluir o outro segmento em seu escopo.

A fim de demonstrar que uma assimilação consiste em um espraiamento, vários pesquisadores, entre eles Schein (1981); Kenstowicz (1982); Steriade & Schein (1986), mostraram que as geminadas e as vogais longas, uma vez submetidas aos testes de Integridade e de Inalterabilidade (cf. Hayes, 1986, p. 469-73), constituem evidências suficientes para se sustentar a afirmação de que assimilação é espraiamento.

Objetivando descrever o processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, o autor deste trabalho se valerá desta ideia e também lançará mão da Teoria da Geometria dos Traços, desenvolvida por Clements (1985; 1989), e que será apresentada a seguir.

6.3 Geometria dos Traços

A fonologia tem como objetivo a construção de uma

teoria em que os processos comuns e bem-estabelecidos entre as línguas resultem de combinações simples dos parâmetros descritivos de determinado modelo.

A teoria fonológica, nos últimos anos, tem progredido muito em direção a este objetivo, aderindo, segundo McCarthy (1988, p. 84), a duas premissas metodológicas fundamentais.

A primeira delas é que a ênfase deve ser nas representações e não nas regras. Pressupõe-se que, se as representações são corretas, então as regras também o são: idéia divulgada pela teoria fonológica não-linear.

A segunda premissa é que as teoria modulares são, geralmente, mais restritivas do que as teorias homogêneas. Graças a isso é que a teoria fonológica não-linear é segregada em subcomponentes distintos, mas inter-relacionados, lidando com a fonologia segmental e outros aspectos como acento e silabação.

E nesse contexto que surge a Teoria da Geometria dos Traços.

E inegável que uma das principais descobertas no campo da fonologia tenha sido o fato de os segmentos se decompor em unidades menores ou traços.

Para Clements (1985; 1989), o que ainda não está claro, porém, é como esses traços se organizam, e um dos

principais objetivos da teoria fonológica é encontrar uma forma de expressar o fato de que certos conjuntos de traços, comumente, agem como unidades funcionais simples em relação às regras fonológicas.

Fazendo-se rápida retrospectiva a respeito da organização dos traços, depara-se com a visão bloomfieldiana, que, como Trubetzkoy (1976, p. 68), caracteriza o fonema como *feixe de traços*, deixando transparecer não só uma inerente desorganização, como também uma ausência de estrutura. Ainda segundo essa visão, os *feixes de traços* não têm organização interna, implicando a ideia de que quaisquer dois traços que caracterizam um fonema estão tão relacionados quanto quaisquer dois outros. Foi essa concepção ultima a incorporada à visão de fonema como coluna de traços utilizada no SPE.

A atratividade dessa visão e a sua aceitação, diz Clements (1985, p. 225), têm a ver com o fato de ela fornecer representações fonológicas com uma estrutura matemática suscetível à manipulação analítica e computacional mais fácil, permitindo também uma formalização elegante das regras fonológicas.

Fica claro que muitas das categorias fonológicas podem ser representadas sob uma forma natural em termos de uma "matriz fonológica", em que as linhas estão associadas a traços como "nasalidade" e "tensão", e as colunas são chamadas de "segmentos fono¹⁶lógicos". (Chomsky & Halle, 1968, p. 164)

Embora não aparente, o formalismo da matriz de traços incorpora algumas implicações, ligadas à organização dos traços, não resultantes da noção de *feixe*. Uma interpretação do formalismo da matriz, afirma Clements (1985, p. 225), exclui a possibilidade de superposição dos traços em um nível pré-fonético de descrição, e também elimina a hierarquia organizacional interna de suas especificações.

Na tentativa de explicitação, a matriz de traços deixa transparecer que os traços fonológicos são simultâneos e não-estruturados em nível subjacente, e que todos os exemplos de superposição de traços em nível superficial devem ser analisados como um resultado da implementação fonética.

Isso fica claro ao se considerar a seguinte matriz bidimensional, apresentada em Clements (1985, p. 225).

(9)

	p	i	n
silábico	-	+	-
sonorante	-	+	+
continuo	-	+	-
alto	-	+	-
posterior	-	-	-
sonoro	-	+	+

Nessa matriz, cada fonema se define em função do conjunto de valores de traços que ocorre em sua coluna.

Nessa concepção, como se pode observar, não faz sentido a noção de superposição, já que os traços não são entidades que possam espalhar-se ou retrair-se ao longo de uma série; mas, categorias a que as entidades estão ligadas. Não faz sentido, por exemplo, querer saber se /p/ e /i/, nessa matriz, compartilham o mesmo traço [-posterior], ou se são dois casos diferentes dele.

Recentemente, tem sido sugerido que a representação dos traços se deva atribuir algum tipo de organização hierárquica, necessária em dois sentidos: no que diz respeito à ordenação seqüencial dos traços em unidades de níveis mais altos, como proposta pela fonologia auto-segmental e pela fonologia métrica; no que trata do agrupamento simultâneo de traços em conjuntos funcionalmente independentes, mostrados tanto pela linha auto-segmental como pela fonologia da dependência.

Inúmeros autores, entre eles Thráinsson, 1978; Mohanan, 1983; Mascaró, 1983, têm mostrado que o estudo da interação entre os vários conjuntos de traços fornece uma das principais evidências para a natureza dos agrupamentos simultâneos de traços.

Se observarmos que alguns conjuntos de traços se comportam coerentemente como uma unidade quanto a alguns tipos de regras de assimilação ou ressequenciamento, temos boa razão para supor que eles constituem uma unidade na representação fonológica, independentemente da operação real das próprias regras. Aqui, há uma útil analogia à sintaxe: muitos dos resultados mais

duradouros da análise sintática tornaram-se possíveis pelo reconhecimento de que os grupos de palavras que funcionam como unidades simples formam constituintes hierárquicos na análise da estrutura frasal. (Clements, 1985, p. 226)¹⁷

Uma forma natural de expressar essas relações é através das representações *multi-tiered*¹⁸ em que os traços individuais e os conjuntos de traços estão localizados em tiers separados. Nessa concepção, as regras podem afetar os segmentos em um tier sem afetar os outros segmentos dos outros tiers.

No momento em que os conjuntos inteiros de traços são agrupados em tiers individuais, fica fácil entender que eles se comportam como uma unidade funcional com vistas às regras, tanto de apagamento, como de assimilação e outras.

A representação *multi-tiered*, como proposta por Goldsmith (1976), fornece uma solução para o problema conceitual levantado pela assincronia do traço no formalismo da matriz.

Se olharmos os traços não como entradas de matriz, mas como unidades independentes ou segmentos em si mesmos, definidos pelos conjuntos específicos de gestos e efeitos acústicos, então é bastante natural supor que eles podem apresentar o comportamento de entidades reais, e serem engajados em processos como extensão, contração, apagamento e inserção. (Clements, 1985, p. 227)¹⁹

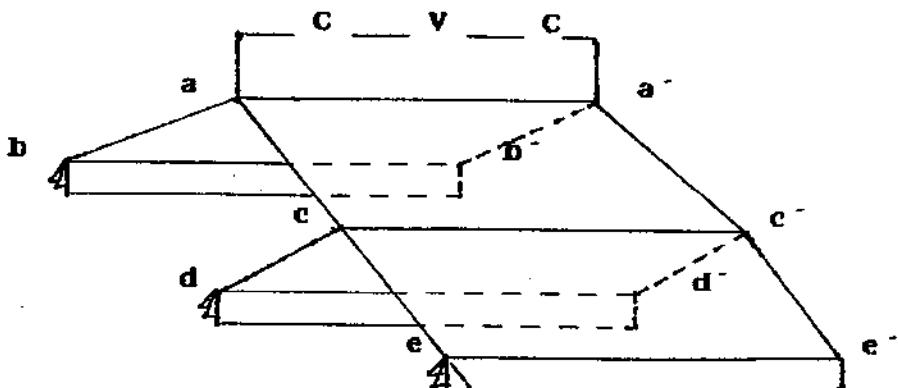
Em sua teoria sobre a geometria dos traços, Clements desenvolve uma abordagem de representação

hierárquica de traços coocorrentes, baseando-se nas evidências fornecidas pela hierarquia sequencial de traços, e considerando o exame de processos reveladores da independência de certos traços em relação a outros.

Para desenvolver essa teoria, Clements parte do modelo apresentado por Mascaró (1983) e Mohanan (1982), que concebe os traços individuais como organizados em nódulos superordenados de forma hierárquica, denominados *nódulos de classe*, que, por sua vez, são dominados por um nódulo de classe de nível ainda mais alto, o *nódulo raiz*, ligado diretamente ao tier CV. De acordo com essa visão, o conteúdo fonético de um segmento está distribuído em dois tipos diferentes de tiers: o tier dos traços, e o tier de classe, que inclui o tier da raiz.

Na proposta preliminar de Clements (1985, p. 229), os tiers de classe são: o da raiz, o laringal, o supralaringal, o de ponto e o de modo, organizados assim:²⁰

(10)



aa' = tier da raiz, bb' = tier laringal,
cc' = tier supralaringal,
dd' = tier de modo, ee' = tier de ponto

Esse modelo, na opinião de Clements (1985; 1989), corresponde à estrutura dos aparelhos da produção da fala, cuja natureza componencial envolve os conjuntos de traços, designando a atividade da língua, dos lábios, do véu palatino, da laringe e assim por diante, que estão, eles próprios, organizados em uma hierarquia de conjuntos maiores. Do ponto de vista da produção, isto sugere que os gestos articulatórios elementares, como definidos pelos traços, estão agrupados em gestos complexos, e estes, por sua vez, em gestos ainda maiores. A produção da fala exige a precisa coordenação desses vários componentes para que possa executar os estágios articulatórios de seqüências que se superpõem.

Por exemplo, pode-se manter constante uma certa configuração do trato oral, digo, apropriada para produzir a vogal [a], variando o tipo de configuração laringal, ou a posição do véu palatino, ou pode-se manter constante a configuração laringal, variando a geometria interna do trato oral. (Clements, 1985, p.229)

O modelo acima mostra que os graus de variação de dependência entre os traços fonéticos podem ser expressos por um agrupamento hierárquico tal que as categorias nas partes mais altas tendem a ser mais independentes do que as situadas na parte mais baixa.

Clements (1985, p. 230) afirma que um modelo de traços fonológicos deve encontrar justificativas no estudo dos processos fonológicos e fonéticos, e para sustentar essa

afirmação utiliza o princípio de que as categorias em qualquer nível devem encontrar evidências em seus próprios níveis. Assim, cada nível procura seus próprios princípios de análise, pois as categorias apropriadas para um podem mostrar-se inadequadas para outro.

As evidências no plano fonético procedem da observação de que a fala envolve a coordenação dos gestos laringais e supralaringais superpondo-se parcialmente. Ou seja, na fala pode-se manter a configuração laringal constante, enquanto varia a geometria do trato vocal, ou pode-se manter o gesto supralaringal constante, enquanto varia o estado da laringe. Esta observação é captada através da divisão dos traços, no modelo, em laringais e supralaringais.

Uma evidência fonológica para a estrutura hierárquica pode ser encontrada no estudo dos processos de assimilação, descritos como espraiamento de um elemento de um *tier* para uma nova posição em um *tier* adjacente. Vista assim, a assimilação pode ser esquematizada da seguinte maneira:

(11)



No *output*, o A, traço que se espraiou, está

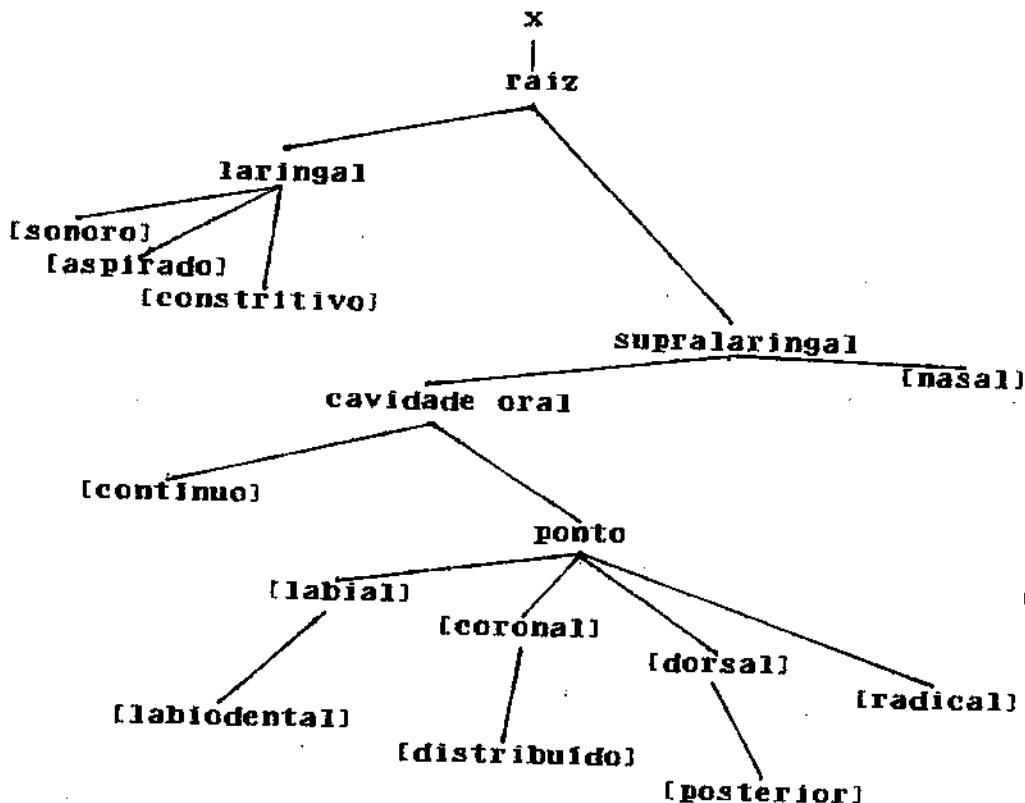
associado a duas posições, e B foi eliminado, pois elementos desassociados são apagados por convenção.

A evidência para o espraiamento nas regras de assimilação parece ser muito forte e pode ser sustentada na visão *multi-tiered*.

Este modelo pode assumir a estrutura formal de um diagrama arbóreo que representa a organização hierárquica.

A concepção organizacional dos traços em uma estrutura arbórea hierárquica foi elaborada em vários textos, entre outros Clements, 1985; McCarthy, 1988; Ladefoged & Halle, 1988. Embora os detalhes dessas propostas apresentem variações, há uma concordância quanto à idéia de que as estruturas arbóreas contêm um nódulo *raiz* que domina um nódulo de *ponto* e um nódulo *laringal*, e um conjunto de traços terminais que se ampliam com os traços articuladores, como [labial], [coronal], [dorsal], conforme mostra a figura (12), apresentada em Clements (1989, p. 2):

(12)



Vale ressaltar que os traços fonológicos constituem os nódulos terminais da estrutura hierárquica, e, em geral, correspondem aos traços do SPE, com algumas alterações (cf. McCarthy, 1988, p. 89).

A alegação básica das representações arbóreas é que qualquer constituinte na árvore, abaixo da raiz até os nódulos terminais, pode comportar-se como uma unidade independente nas regras fonológicas. O nódulo da raiz tem um status especial, expressando a unidade fundamental dos segmentos fonológicos. Este nódulo expressa a afirmação de que todos os traços de determinada consoante ou vogal podem funcionar como uma unidade simples.

Esta afirmação é justificada por uma quantidade considerável de evidências. Por exemplo, muitas línguas têm processos de encurtamento, inserção, apagamento ou mesmo permutação completa de consoantes ou vogais. Sem o nóculo da raiz, não seríamos capazes de expressar a unidade individual da consoante ou da vogal sem outras convenções e estipulações desnecessárias. (Clements, 1989, p. 3)²²

Outra alegação que pode ser feita a partir da representação árvore é que nem todos os traços ocorrem livremente, já que cada traço terminal implica presença de todos os nósulos que o dominam. Assim, por exemplo, o traço [+distribuído] só pode ocorrer na representação de um segmento se o nóculo [+coronal] estiver presente, expressando, assim, o fato de que um som só pode ser caracterizado quanto à distributividade se ele for também coronal. Nas relações de domínio na própria árvore, esta dependência fica clara sem necessitar de formulações adicionais.

O que se conclui a partir desses critérios é que a evidência mais favorável à estrutura arbórea das representações do traço vem do estudo das regras fonológicas.

(...) isto é, as formulações das regularidades observadas na fala dos falantes de uma determinada língua, algumas das quais são estáticas por natureza e outras são processuais. De particular interesse para o teórico são as que podem ser chamadas de regras elementares, isto é, regras que não são compostas de outras, regras independentes. Essas formam os elementos básicos a partir dos quais as regras mais complexas podem ser

construídas. As regras elementares podem distinguir-se das compostas, que representam a fusão de duas ou mais regras elementares. As próprias regras compostas são de interesse para o teórico, mas podem representar padrões idiossincráticos da fusão histórica, e podem ser mais difíceis²³ para internalizar. (Clements, 1989, p. 3)

Entre os tipos comuns das regras elementares, encontram-se as regras de *assimilação, dissimilação, apagamento, metátese e fusão*. A cada uma delas corresponde um tipo de regra elementar, definido por uma única operação formal nas representações. Assim como os traços fonológicos são universais, as regras fonológicas, no mesmo sentido, também o são. Elas se encontram disponíveis em todas as línguas para serem utilizadas, muito embora algumas sejam mais comuns do que outras. Elas, afirma Clements (1989, p. 4), não precisam ser listadas como tais na teoria gramatical, já que são definidas intencionalmente pelo conjunto das representações bem-formadas e pelo conjunto das operações arbóreas elementares. Esse tipo de restrição tem como vantagem limitar o poder inerente aos modelos da teoria *standard*, desenvolvidos na ausência de uma teoria substantiva dos tipos de regras.

Restringir as operações fundamentais a um conjunto pequeno de tipos de regras primitivas tem sido um dos objetivos da fonologia auto-segmental, embora também fosse do SPE, que especula a possibilidade de definir um conjunto pequeno de processos fonológicos "plausíveis", mostrando que a maioria dos processos fonológicos de língua-específica

pertencem a este conjunto.

Todavia, esse objetivo, que não pode ser amplamente alcançado através do formalismo da teoria standard, parece tornar-se uma realidade na versão auto-segmental, em que os tipos de regras elementares, como a assimilação, são caracterizados em termos de operações simples e unitárias nas estruturas arbóreas.

A partir deste modelo tem-se uma nova integração entre a lingüística e as considerações fonéticas.

O modelo tem embasamento em evidência fonológica, resultante do exame dos complexos de traços que, normalmente, aparecem nas regras dos sistemas lingüísticos. Assim, cada um dos módulos da estrutura arbórea se justifica com base na sua relativa independência na descrição das formulações dos padrões fonológicos e dos processos, como assimilação e outros.

Com base nestas idéias é que o autor deste trabalho passará a desenvolver a análise referente ao processo de assimilação que envolve a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/.

6.4 Análise da palatalização

Antes de proceder à análise da palatalização das oclusivas dentais desenvolvida pelo autor deste trabalho, com base na fonologia não-linear, será apresentado, de forma

sumária, o que se tem feito, até o presente momento, em relação a este mesmo assunto com respeito ao Português falado no Brasil.

6.4.1 VISÃO LINEAR

Os estudos sobre a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no Brasil têm seguido os padrões estabelecidos pelo SPE, valendo-se do formalismo da análise linear ou tomando um caráter meramente descritivo.

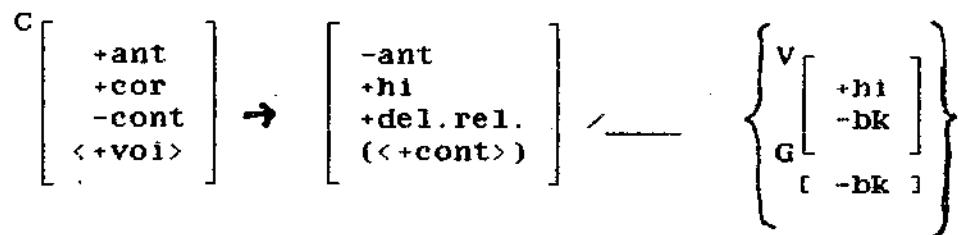
Entre estes estudos, encontra-se o de Lopez (1979), que, a partir do dialeto Carioca, considera a palatalização das oclusivas dentais não-contínuas antes das vogais frontais [i] e [I] e do glide [y] um dos seus traços mais fortes.

Esta é aplicada em todas as posições da palavra, antes do /i/ subjacente acentuado e não-acentuado, e antes das vogais médias frontais subjacentes não-acentuadas convertidas em [I] ou [y], e, assim, deve ser ordenada depois do acento e do levantamento. (Lopez, 1979, p. 131) ²⁴

Como exemplos, a autora cita: (noite) [noit̪ɪ], (noitinha) [noit̪ɪn̪a].

Considerando que a oclusiva dental surda torna-se uma africada álveo-palatal; e que a sonora torna-se ou uma africada ou uma contínua, neste último caso /ʒ/, a regra de palatalização é assim expressa:²⁵

(13)



onde os parênteses em $\langle +cont \rangle$ indicam o caráter opcional.

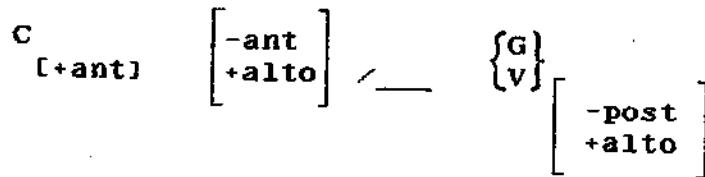
Para dar a esta regra uma aparência mais assimilatória, Lopez inclui os traços redundantes, ignorando, simultaneamente, a transformação opcional da sonora /d/ em continua, e reúne as séries álveo-palatal e dorso-palatal em apenas uma:²⁶

(14)



Com esta regra, Lopez afirma ter mantido a exatidão fonética, mostrando que as álveo-palatais são coronais. Para a autora, a mudança de coronalidade não aumentaria a natureza assimilatória da palatalização, isto porque a assimilação tanto de Anterior como de Coronal entre vogais e consoantes é assimilação espacial, já que os traços têm diferentes significados para as duas classes de segmentos; todas as vogais são [-ant], [-cor], no modelo SPE.

O traço da vogal correspondente a Ant e Cor para as consoantes é Post, [-post] correspondendo a [-ant], [+cor]. O aspecto diretamente assimilatório da regra de palatalização é portanto:



(Lopez, 1979, p. 132-3)²⁷

Outro estudo acerca da palatalização da oclusiva dental antes de /i/ é o de Bisol (1986), baseado no dialeto Gaúcho. Neste, o aspecto a ser ressaltado é a restrição da sibilante.

A partir de resultados estatísticos, a autora afirma que a sibilante anterior, coronal (/s,z/) apresenta uma forte tendência inibidora da palatalização de /t,d/, propiciando o aparecimento de formas como: *in[st̪i]tuto ~ int̪[st̪i]tuto; pare[d̪is] ~ pare[dis]*, foneticamente explicáveis.

"Duas consoantes de características similares [t,s] e [d,z], ambas com F_2 na mesma altura do espectrograma (Potter et alii, 1986:137); ambas emitidas com o corpo da língua baixo, apenas a parte da frente levantada, o que as faz [-alti], na teoria dos traços, exercem uma atração mutua que fortalece as características que têm em comum." (Bisol, 1986, p. 164-5)

Como resultado, mantém-se a coronal [t,d] diante de vogal seguida de [s,z], dando margem ao surgimento da africada não-palatal [ts,dz], por apagamento da vogal

intermediária, como forma mais frequente que a palatalização esperada. Isso a que a autora se refere como *restrição da sibilante* sustenta a hipótese de que a preservação da oclusiva coronal no contexto da palatalização é resultante da ação conjunta de traços comuns aos segmentos fortes [t,d,s,z] que circundam a vogal fraca intermediária. Note-se que o fato se dá somente em sílabas não acentuadas (Bisol, 1986, p. 165).

Considerando o papel da sibilante, a partir da descrição dos fatos, Bisol levanta duas hipóteses: a primeira delas é que a sibilante estaria indicando o começo de perda da regra; e a segunda é que a sibilante seria a última restrição a ser vencida, no caminho de a regra adquirir o status de categórica.

Esta hipótese possibilita a interpretação da palatalização das oclusivas dentais como um processo análogo rumo à simplicidade, obstruído, às vezes, por encontrar um obstáculo. Neste caso, a generalização seria a palatalização da coronal em contato com /i/, e o obstáculo seria a sibilante subsequente à vogal.

"O processo análogo que deveria ser uma simplificação não chega ao fim, complica-se a gramática, e o resultado é o encurtamento da regra, que se manifesta através da presença do segmento primitivo onde se esperava o derivado, isto é, no subconjunto identificado pela restrição contextual, criando-se flutuações em circunstâncias fonologicamente definidas." (Bisol, 1986, p. 169)

Como resultado, no contexto em que a sibilante se faz presente, ocorrem dois processos assimilatórios conflitantes: um deles é desencadeado pela vogal /i/, palatalizando a oclusiva; o outro, desencadeado pela sibilante, preserva a oclusiva coronal, como consequência da similaridade fonética (Bisol, 1986, p. 170).

As duas análises (Lopez, 1979; Bisol, 1986) acerca da palatalização das oclusivas dentais têm em comum o fato de ambas utilizarem como modelo de representação uma regra pautada na formalização linear, em que não se estabelece uma hierarquização dos traços coocorrentes.

Entre os aspectos diferenciadores entre as duas regras apresentadas, o mais saliente diz respeito ao caráter generalizante da regra formalizada por Lopez, enquanto a regra formalizada por Bisol tem sua origem em aspectos restritivos, refletindo, assim, a realidade linguística em que ela se baseia.

Uma nova visão deste mesmo processo será apresentada na seção seguinte.

6.4.2 Palatalização: uma abordagem não-linear

A proposta a ser formalizada tem como evidência básica o dialeto Baiano da cidade de Alagoinhas, comunidade em que é muito comum a ocorrência do processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes da vogal

/i/ ou do glide [y], como mostram os exemplos:

(15)

[t̪im̪i]	(time)	[m̪eti̪ra]	(mentira)	[m̪oh̪t̪i]	(morte)
[d̪ivi̪za]	(divisa)	[d̪igu]	(digo)	[p̪od̪i]	(pode)
[dinoy̪t̪i]	(de noite)	[t̪ia]	(tia)	[ɔ̪dyu]	(ódio)

A proposta a ser desenvolvida se pautará nos princípios e/ou convenções estabelecidos pelas teorias não-lineares, entre elas, a Teoria Auto-segmental e a Geometria dos Traços, desenvolvidas inicialmente por Goldsmith (1976) e Clements (1985), respectivamente.

Na representação da regra fonológica a ser proposta, procurar-se-á oferecer uma visão da estrutura segmental interna que capta a relação intrínseca entre as coronais e a palatalização, seguindo o modelo apresentado em Mester & Itô (1989, p. 286:88), que se passa a sumariar.

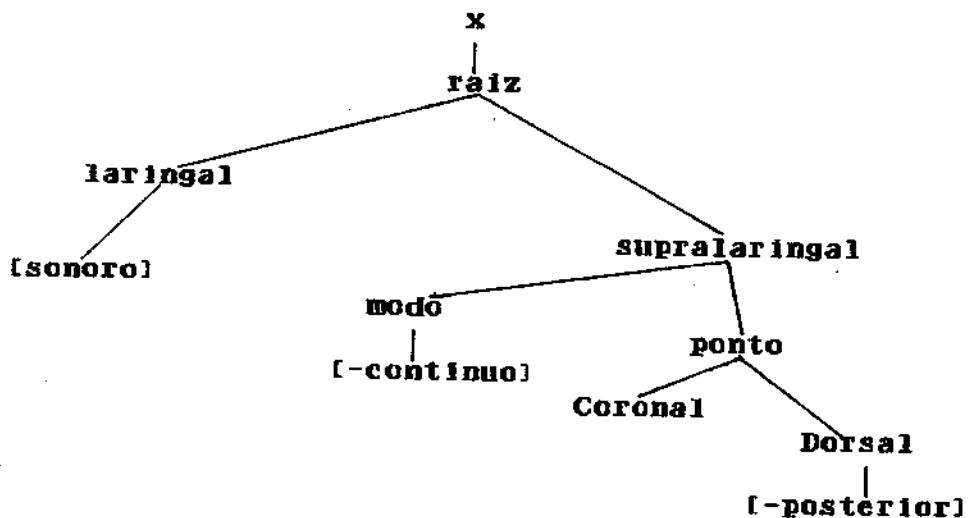
6.4.2.1 Proposta de Mester & Itô

Sabe-se que os segmentos têm uma estrutura interna que vai além de um simples conjunto de traços, e nesse sentido várias propostas têm sido feitas. Na abordagem da Geometria dos Traços (Clements, 1985), os traços em que a palatalização está envolvida estão localizados no nódulo Dorsal, o que implica que a palatalização seja executada pelo dorso da língua.

Sendo assim, uma coronal palatalizada [t̪] ou [d̪]

terá a seguinte estrutura arbórea, com dois articuladores, Coronal e Dorsal, em que a palatalização é uma especificação dos traços dorsais da consoante afetada:²⁸

(16)



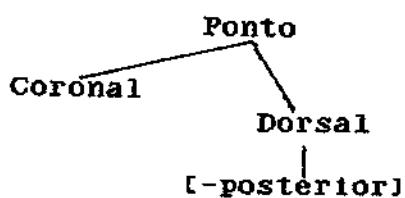
Nesta visão, a palatalização é concebida como resultante de um nódulo Dorsal mais o traço [-posterior], equivalendo a 17:²⁹

(17)



associado ao nódulo de ponto do segmento, ainda que a Dorsal o traço [+posterior] também se ligue, apresentando como resultado um segmento complexo com dois articuladores:

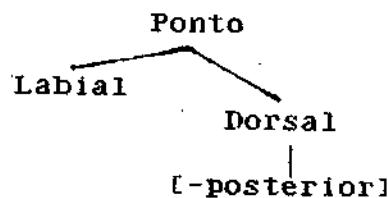
(18)



No entanto, se o objetivo for expressar que na palatalização se dá a interação de uma articulação primária (coronal) com uma secundária³⁰, essa abordagem é falha.

De acordo com Mester & Ito (1989, p. 286), (18) não expressa a relação estreita entre a palatalização e a coronalidade. A partir de uma análise de várias línguas, Maddieson (1984, p. 38) observou que as coronais são mais suscetíveis à palatalização do que outras consoantes. Esta relação também é atestada por Keating (1988, p. 78), para quem, à luz da Geometria dos Traços, não há dificuldade para esta representação. Tal afinidade, entretanto, não se torna evidente pelo modelo acima, já que a coronal palatalizada apresenta o mesmo grau de complexidade que uma labial, como expresso em (19):

(19)

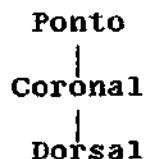


Por conseguinte, esta análise não tem o poder de mostrar que a palatalização das labiais, nas línguas em que ocorre, seja diferente da palatalização da oclusiva dental.

Uma forma adequada de considerar a conexão coronal-palatal, típica da palatalização da oclusiva dental, pode ser expressa pela ancoração dos traços de palatalização no módulo Coronal. Tal solução encontra justificativa na

teoria da ordenação do tier dependente, desenvolvida por Mester (1986; 1988), cuja idéia é que um traço ou nódulo possa ocupar certas posições diferentes na geometria do traço. Assim, pode-se assumir que Dorsal (agindo como [-ant]) é dependente de Coronal, porém, na ausência de um nódulo Coronal ele é automaticamente ligado ao nódulo Ponto. A palatalização da coronal, então, significa associar-se Dorsal ao nódulo Coronal, resultando:

(20)



que, por sua vez, diferencia-se da palatalização das não-coronais, como no caso da labial:

(21)



A partir das representações acima, é possível, segundo Mester & Itô (1989, p. 286), captar a assimetria entre a palatalização das coronais e das não-coronais.

Feito isto, cabe agora caracterizar o portador da palatalização como [-ant], dependente, por sua vez, de [coronall], segundo a localização da constrição no articulador passivo. Para McCarthy (1988), os segmentos que são coronais são produzidos com a lâmina ou ponta da língua,

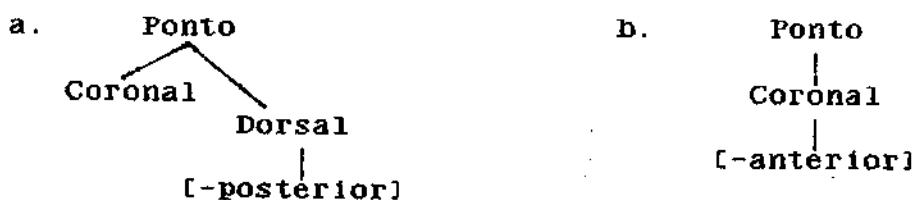
e os segmentos que são anteriores são produzidos com qualquer articulador, desde que possível fisicamente, apresentando uma constrição primária na parte anterior da região palato-alveolar. Assim, [-cor, +ant] caracteriza as labiais, e [+cor, -ant] caracteriza as palato-alveolares.

Outro aspecto acerca do traço [anterior] que vale a pena ressaltar é o fato de ser, em alguns casos, considerado problemático, isto porque não pode ser definido nem em termos acústicos nem em termos articulatórios. Além disso, [anterior] parece funcionar apenas em seu papel definicional de caracterizar as distinções de ponto; por si só, ele não caracteriza uma classe de segmentos do processo fonológico, conforme observam Kenstowicz & Kisselberth (1979, p. 230-48).

Admitindo que [anterior], não definido para outro ponto de articulação, ancore no nódulo [coronal], aparentemente se chega a entender a palatalização como regra que opera com a coronalidade. Contudo, considerando que [-anterior] é, por definição, incapaz de expressar a palatalização das não-coronais, esta proposta prevê, incorretamente, que o portador da palatalização não ancore nos segmentos não-coronais. Isto, entretanto, é facilmente corrigido. Basta acrescentar que o portador da palatalização ainda não-associado a segmentos pode sofrer uma metamorfose radical, de modo que [-anterior] reapareça, como [-posterior], podendo associar-se às consoantes não-coronais.

nais. A este tipo de processo, dá-se o nome de reanálise (Sagey apud Mester & Ito, 1989, p.287). Assim, o que é fonologicamente uma coronal palatalizada, isto é, um segmento complexo, em (22a), é reanalizado em (22b) como alveo-palatal, ou seja, um segmento simples com [-anterior] dependente de Coronal.

(22)



Por conseguinte (22b), a proposta defendida, mostra que a palatalização da oclusiva dental é um processo que ocorre na área da coronalidade, convertendo /t,d/ [+anterior] em [t,d] [-anterior], ambos, porém, coronais.

A reflexão que, como se viu, pode auxiliar nessa compreensão, diz respeito ao fato de as coronais palatalizadas serem fonologicamente não-complexas, diferindo, portanto, das labiais e das velares palatalizadas. Tal consideração encontra respaldo se for considerada a máxima *Palatalização é Coronalização* (cf. Mester & Ito, 1989, p. 287). A ideia desenvolvida é que o gesto articulatório acrescentado consiste no levantamento da lámina da língua. De forma geral, a coronalização consiste no acréscimo de um componente coronal, ou, se esse componente já existe, em seu apagamento ou aplicação no vazio, convertendo, por sua

vez, [+anterior] em [-anterior].

6.4.2.2 A palatalização da oclusiva dental em Português

A proposta de Mester & Itô, que não se coaduna com o modelo de traços do SPE, é que o traço que caracteriza as vogais frontais esteja no nódulo Coronal, e não no nódulo Dorsal. Tal posição encontra argumentos convincentes em Clements (1976, p. 97-8), segundo o qual uma forma de captar o fato de que certas vogais e consoantes formam uma classe natural é ligá-las a uma categoria individual de traços. Assim, com base nos processos assimilatórios, as vogais posteriores e as consoantes posteriores pertencem à classe natural de segmentos [+posterior]; as vogais arredondadas e as consoantes labiais, à classe natural de segmentos [+labial]; as vogais frontais e as consoantes coronais pertencem a uma categoria de traço individual, onde o [+coronal] é o mais plausível.

No SPE, sem nenhuma discussão, as vogais frontais são excluídas da classe dos sons coronais. Contudo,

(...) se a vogal neutra é vista como [ə] (como é tradicional), então as vogais frontais, ou pelo menos, as vogais frontais não-baixas, recaem automaticamente na definição de som coronal. Na verdade, a única forma de excluir as desta categoria seria estipular que a própria vogal ³¹ neutra é frontal..." (Clements, 1976, p. 97)

A única forma de caracterizar, consistentemente, a

palatalização como assimilação, segundo Clements (1976, p. 97), é admitir que os traços que caracterizam as vogais frontais estejam no nódulo coronal.

Considerando que [i, y, e] são vogais frontais, cabe distinguir entre [i, y] e [e], já que é antes das primeiras, portanto, as frontais altas, que se dá a palatalização estudada, não antes da última.

Clements (1989, p. 21) explora a idéia de que a altura da vogal tem a mesma estrutura formal da altura do tom. Sob esta perspectiva, as vogais são divididas em duas alturas primárias (altas e baixas), cujo traço, posto em termos de [-aberto] está ligado ao *nódulo de abertura*, que, como outros traços relacionados à sonoridade, caracteriza o nódulo supralaringal.

*Esta divisão cria um sistema de duas alturas como /i,a/ ou /i,u,a/. O registro mais alto (ou mais baixo) pode ser mais subdividido, dando sistemas com duas ou três alturas vocálicas, como /i,u,e,o,a/. Mais subdivisões criariam quatro ou cinco alturas para as vogais. (Clements, 1989, p. 21)*³²

O nódulo de abertura domina tantas aberturas (1, 2, 3) quantas forem necessárias para expressar as distinções de altura em uma língua. Assim, em um sistema de quatro graus de altura como o português, o que distingue a vogal frontal /i/ de /e/ é que a primeira é caracterizada sempre pelo traço [-aberto], enquanto a última, pelos traços [+aberto], [-aberto].

As regras de redundância relativas à altura da vogal são similares às exigidas pelos traços de sonoridade ([vocóide], [aproximante], [sonorante]) (cf. Clements, 1989, p. 14-7), deixando bastante claro que a conceção hierárquica de abertura da vogal pode ser integrada à teoria da sonoridade de forma bastante natural. Assim, os traços de sonoridade ficam: [aberto], [vocóide], [aproximante], [sonorante]. Desses, o traço [aberto] é tão hierárquico quanto o [tom alto], e é capaz de subdivisões ilimitadas, restringidas apenas pelas limitações na habilidade humana para descrever as alturas vocálicas.

Cada divisão de [aberto] cria um novo passo na escala de sonoridade (...) Isto nos dá um conjunto expandido das escalas de sonoridade, diferindo de acordo com o número de ocorrências de [aberto]³³ no módulo de abertura. (Clements, 1989, p. 24)

A escala de sonoridade em uma língua com um sistema vocálico de quatro alturas é caracterizada assim:³⁴

(23)

O	N	L	I	E		A	
			-	-	-	+	Aberto 1
			-	-	+	+	Aberto 2
			-	+	+	+	Aberto 3
-	-	-	+	+	+	+	Vocóide
-	-	+	+	+	+	+	Aproximante
-	+	+	+	+	+	+	Sonorante

7 6 5 4 3 2 1 Escala de sonoridade

O = obstruinte, N = nasal, L = líquida, I = vocóide alto,
 E = vocóide médio fechado, A = vocóide baixo.

O que se observa a partir deste exemplo é que os valores [aberto] são atribuídos apenas aos vocóides. Deduz-se, pois, que tais valores não funcionam como distintivos de consoantes, e que as consoantes não formam classes naturais com os vocóides [-aberto].

Para Clements (1989, p. 25), uma forte alegação para o fato de a maioria das consoantes não carregarem os valores fonológicos dos traços de abertura resulta da observação de que elas, normalmente, não bloqueiam as regras de assimilação da altura da vogal. Visto que as consoantes não têm o nódulo de abertura, elas não são caracterizadas por [aberto], e são, portanto, transparentes às regras de assimilação da altura vocalica.

Com o nódulo de abertura dominando uma ou mais

ocorrências do traço [aberto], podem ser feitas algumas previsões acerca dos possíveis tipos de regras fonológicas. Uma dessas previsões diz respeito às regras de assimilação de ponto, em que a posterioridade e arredondamento podem se espalhar, enquanto a abertura da vogal permanece a mesma.

Em relação à regra de palatalização, interessa observar que dos traços que caracterizam a vogal frontal diante da qual ocorre a palatalização, apenas se espalha o traço localizado no nódulo de ponto da vogal [+coronal], enquanto aquele que caracteriza a altura, [-aberto], localizado no nódulo de abertura, não está envolvido, uma vez que a palatalização é um processo de assimilação que envolve o ponto de articulação, mas não traços ligados ao nódulo de abertura (cf. 25).

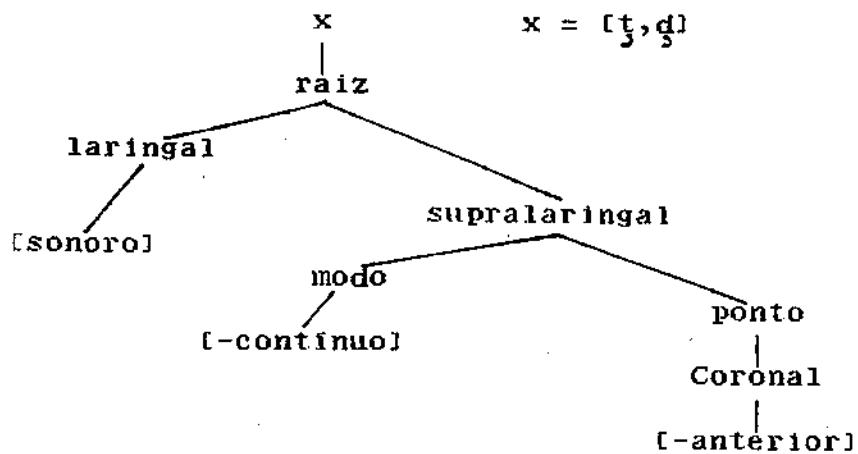
Sob esta perspectiva, a palatalização das coronais é corretamente caracterizada como uma mudança na articulação primária, embora o contexto de aplicação exija referência à vogal como se vê em (25), enquanto a palatalização das não-coronais é o acréscimo de uma articulação coronal secundária.

Consequentemente, a proposta apresentada incorpora formalmente a intrínseca relação entre a palatalização e a coronalidade.

A representação arbórea para a palatalização das coronais /t/ e /d/, apresentada no início desta seção,

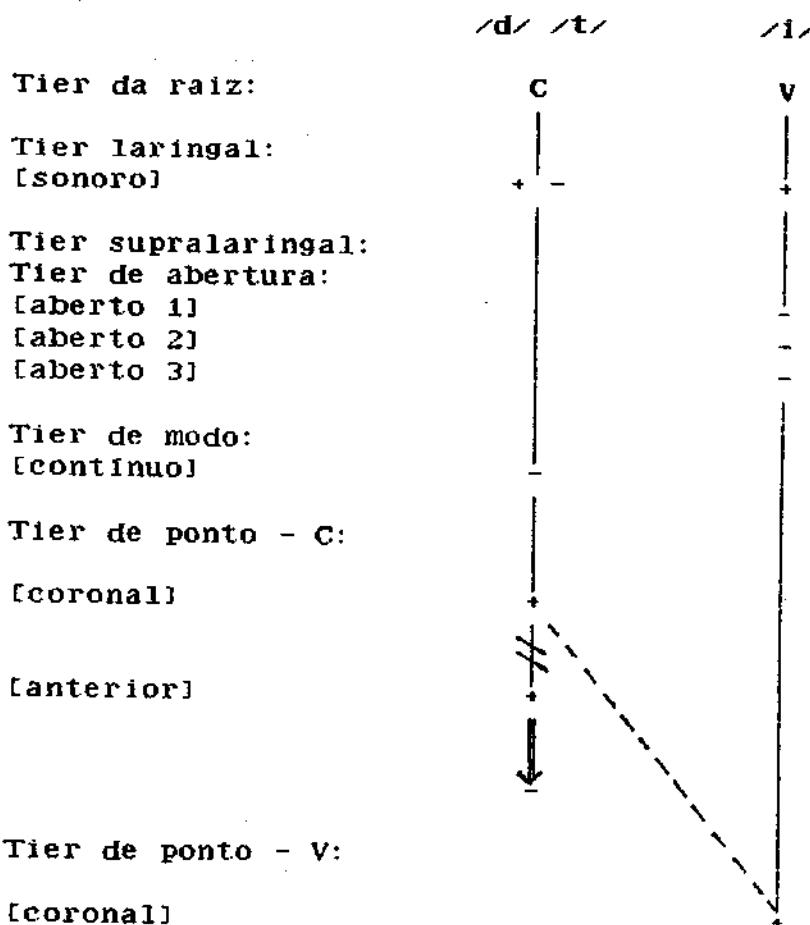
assume agora a seguinte geometria:

(24)



Vista sob esta perspectiva, a regra fonológica de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes de /i/ deve-se a um processo de assimilação regressiva³⁵, resultante do espraiamento de um traço [+coronal], e a consequente conversão de [-anterior] das consoantes coronais /t/, /d/ em [-anterior], ocasionando o aparecimento das coronais palatalizadas [t̪], [d̪], como se representa em (25):

(25)

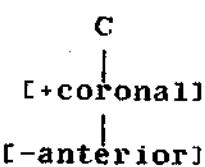


[d] [t]

Como se pode observar, o traco (secundário) coronal da vogal /i/, ao espraiar-se para a consoante, encontra o slot ocupado e aplica no vazio, porém tem o efeito de converter [+anterior] em [-anterior], visto que toda vogal é inherentemente [-anterior]. O resultado, pois, é:

(26)

[d] [t]



Considerando que, nos dados analisados, o fenômeno

no lingüístico acima representado, embora bastante geral, apresenta opcionalidade, na seção seguinte procurar-se-á estabelecer a sua relação com a despalatalização.

6.5 Relação entre a palatalização e a despalatalização

No dialeto estudado, é muito comum serem encontradas, convivendo lado a lado, formas como:

(27)

[xedi]	~	[xedi]	(rede)
[pɔsti]	~	[pɔsti]	(poste)
[moh̪idida]	~	[moh̪idida]	(mordida)
[mẽ̪tira]	~	[mẽ̪tira]	(mentira)
[dir̪etu]	~	[dir̪etu]	(direto)
[t̪izolu]	~	[t̪izolu]	(tijolo)
[t̪ia]	~	[tia]	(tia)
[dia]	~	[dia]	(dia)

Tais ocorrências, como demonstrado nos capítulos III e IV, variavelmente, dependem de uma série de fatores contextuais, tanto de ordem extralingüística como de ordem lingüística. Enquanto alguns contextos favorecem o aparecimento de uma ou outra realização em nível de superfície, outros inibem-na; muitas vezes, entretanto, no mesmo contexto, é possível a ocorrência das duas realizações.

Embora a palatalização, comprovadamente através

dos dados, represente a norma na comunidade estudada, por ter ocorrido mais vezes que a despalatalização, pode-se afirmar, diante dos fatos, que se está frente a uma perda de regra.

Schane (1971, p. 505-7) observou vários casos similares, em que os efeitos de determinada regra assimilatória foram invertidos nos mesmos contextos.

Considerada abstratamente na teoria *standard*, a despalatalização, para Leben & Robinson (1977, p. 16-7), é uma inversão completa da palatalização ocorrida anteriormente, e pode ser descrita como uma perda de regra.

A partir dos exemplos em (27), verifica-se que, independentemente da posição em que se situa o segmento a ser palatalizado/despatalizado, quer inicial, medial ou final, a perda de regra pode ser efetuada.

A luz da fonologia atual, a despalatalização pode ser vista como desligamento de traço, ocorrendo de forma variável.

Assim concebida, a despalatalização pode assumir a seguinte representação:

(28)

[d] [t]

Tier da raiz:

C

V

Tier laringal:
[sonoro]

+ -

+

Tier supralaringal:
Tier de abertura:
[aberto 1]
[aberto 2]
[aberto 3]

|

|

Tier de modo:
[continuo]

|

|

Tier de ponto - C:

|

|

[coronal]

|

|

[anterior]

|

|

Tier de ponto - V:

|

|

[coronal]

|

|

[d] [t]

Fica claro a partir dessa representação que o espraiamento do traço [+coronal] da vogal pode ser variavelmente desassociado, implicando, por sua vez, também desligamento do traço [-anterior], voltando o segmento à sua forma original. Despalatalização, pois, é mero efeito de desligamento de traços.

6.6 Conclusão

Com base nas teorias fonológicas apresentadas, suportes que foram para a representação da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, algumas

constatações merecem ser salientadas.

Sob a perspectiva da Fonologia Auto-segmental e da Geometria dos Traços, verificou-se que a palatalização é um processo de assimilação, resultante do espalhamento do traço [+coronal] e sua consequente aplicação no vazio, convertendo, porém, o traço [+anterior] da oclusiva dental em [-anterior].

Por outro lado, constatou-se que a despalatalização, na verdade, não constitui uma nova regra, mas sim perda de regra, o que, à luz da fonologia moderna, se representa por desassociação de traços.

NOTAS

¹ Por falta de um termo mais preciso na língua portuguesa, preferiu-se manter a forma inglesa.

² "Our object, ultimately, will be to produce a notion of "suprasegmentals" which makes specific predictions about the behavior of these elements. We shall try to show real differences between features per se and supra- or (auto-) segmentals, such as the automatic spreading of autosegmentals over the longest domain possible(...). Features by themselves do not spread; they merely identify a segment for what it is. The domain of association of an "autosegment", on the other hand, does spread, quite automatically." (Goldsmith, 1976a, p. 12)

³ "Two things, I would submit, which are entirely different but which have been continually confused in recent linguistic tradition. Calling tone "suprasegmental," firstly, immediately distinguishes it from the "segmental" - that is, it correctly views pitch as different from and not part of the phonological segmentation as in (1) - the segmentation into phonemes, roughly speaking. But this first

observation has wrongly led to the assumption that "suprasegmentals" could not be segmental in their own right - the second, more fundamental sense of "segmental", which is overlooked by the term "suprasegmental." If "suprasegmental" of pitch, for example, does itself form a sequence of tonal segments, then "suprasegmental" is a misleading label. A more accurate picture, we are suggesting, is parallel sequences of segments, none of which "depend" or "ride on" the others. Each is independent in its own right: hence the name autosegmental level." (Goldsmith, 1976a, p. 20-1)

⁴ Neste trabalho, SPE e teoria standard serão utilizados como sinônimos.

⁵ "That is, at the most superficial, observable level, the linguistic signal is split up into a large number of separate information channels. Viewed from the production side, this consists of the specific commands to the larynx, the velum, the tongue and so on. At an "abstract" level, this information no doubt comes about from splitting up a more unified representation." (Goldsmith, 1976a, p.16)

⁶ "A Score for the Orchestration of 'Pin'
 Lips: ...Close up....open.....
 Tongue: ...High and front.....touch the palate
 Velum: ..Raise.....Lower....."
 (Goldsmith, 1976, p. 17)

⁷ Cf. nota n. 4.

⁸ Idem nota n. 1.

⁹ Exemplo adaptado de Hulst (1984, p. 5).

¹⁰ "However, since wide scope is the special case rather than the norm I will assume that the third has a theoretical status and that features are bounded in the traditional way, unless there is evidence to the contrary." (Hulst, 1984, p.6)

¹¹ Exemplo extraído de Hulst (1984, p.6).

¹² "Well-formedness Condition

- (1) All vowels are associated with at least one tone;
- All tones are associated with at least one vowel.
- (2) Association lines do not cross."(Goldsmith, 1976, p.27)

¹³ Exemplo retirado de Clements & Ford (1979, p.182).

¹⁴ Idem nota n. 13.

15 Idem nota n. 13.

16 "It is clear that many of the phonological categories can be represented in a natural way in terms of a 'phonological matrix', in which the rows are associated with features such as 'nasality' and 'tensness' and columns are called 'phonological segments'." (Chomsky & Halle, 1968, p. 164)

17 "If we find that certain sets of features consistently behave as a unit with respect to certain types of rules of assimilation or resequencing, we have good reason to suppose that they constitute a unit in phonological representation, independently of the actual operation of the rules themselves. There is a useful analogy here to syntax: many of the most enduring results of syntactic analysis have been made possible by the recognition that word-groups functioning as single units with respects to syntactic rules form hierarchical constituents in phrase structure analysis." (Clements, 1985, p. 226)

18 Idem nota n. 1.

19 "If we regard features not as matrix entries but as independent units or segments in their own right, defined by specific sets of gestures and acoustic effects, then it is quite natural to suppose that they may display the behavior of real entities, and engage in such processes as extension, contraction, deletion, and insertion." (Clements, 1985, p. 227)

20 Modelo extraido de Clements (1985, p. 229).

21 "For example, one can maintain a certain oral tract configuration constant, say the once appropriate for producing the vowel [a], while varying the type of laryngeal configuration, or the position of the velum, or one can hold the laryngeal configuration constant while varying the internal geometry of the oral tract." (Clements, 1985, p. 229)

22 "This claim is justified by a considerable amount of evidence. For example, many languages have processes lengthening, inserting, deleting or even permuting entire consonants or vowel. Without the root node, we would not be able to express the unity of the individual consonant or vowel without otherwise unnecessary conventions and stipulations." (Clements, 1989, p. 3)

23 "(...) that is, statements of regularities observed in the speech of speakers of a given language, some of which are static in nature and some of which are processual. Of particular interest to the theoretician are what might be termed *elementary rules*, that is rules which are not

composites of other, independent rules. These form the basic elements out of which more complex rules may be built up. Elementary rules can be distinguished from composite rules which represent the conflation of two or more elementary rules. Composites rules themselves are of interest to the theoretician, but may represent idiosyncratic patterns of historical conflation, and may be more difficult to internalize." (Clements, 1989, p. 3)

24 "This applies in all positions of the word, before stressed and unstressed underlying /i/ and unstressed underlying front mid vowels converted to [i] or [j], and must be ordered after stress and raising." (Lopez, 1979, p. 131)

25 Regra formalizada em Lopez, 1979, p. 131.

26 Idem nota n. 25, op. cit. p. 132.

27 "The vowel feature corresponding to Ant and Cor for consonants is BK, [-BK] corresponding to [-ant], [+cor]. The directly assimilatory of the palatalization rule is thus:

$$C \quad \begin{matrix} [+ant] \\ \rightarrow \end{matrix} \quad \begin{bmatrix} -ant \\ +hi \end{bmatrix} \quad \begin{matrix} \{G\} \\ \{V\} \end{matrix} \quad \begin{bmatrix} -bk \\ +hi \end{bmatrix}$$

(Lopez, 1979, p. 132-3)

28 Representação arbórea extraída de Mester & Itô (1989, p. 286).

29 Para representar de forma mais simples, doravante será utilizado apenas o nóculo de ponto, que é onde se dá a palatalização.

30 Segundo Sloat, Taylor & Hoard (1978, p. 45/86), uma articulação secundária é toda articulação sobreposta à articulação primária. Para estes autores, a palatalização, como uma das articulações secundárias, envolve a sobreposição dos traços [-post, +alto] sobre a articulação consonantal.

31 "... if the neutral vowel is taken to be [ə] (as is traditional), then front vowels, or at least nonlow front vowels, fall automatically, under the definition of coronal sound. In fact, the only way to exclude them from this category would be to stipulate that the neutral vowel itself is front(...)." (Clements, 1976, p. 97).

32 "This division creates a two-height system such as /i,a/ or /i,u,a/. The upper (or lower) register can be further subdivided, giving systems with two or three vowel heights, such as /i,u,e,o,a/. Further subdivisions will

create four or five vowel heights." (Clements, 1989, p. 21)

33 "Each subdivision of [open] creates a new step on the sonority scale. (...) This give us an expanded set of sonority scales, differing according to the number of occurrences of [open] under the aperture node." (Clements, 1989, p. 24)

34 Exemplo retirado de Clements (1989, p. 24).

35 Como demonstrado pelos dados, a palatalização das oclusivas dentais resulta não só de assimilação regressiva, mas também progressiva e bidirecional. Escolheu-se representar a regressiva por ser a mais comum nos dados analisados, muito embora as outras duas também possam ser representadas nos moldes da fonologia não-linear.

CONCLUSAO

O estudo realizado permitiu que se chegasse a conclusões, que, de modo geral, sintetizam aquelas já apresentadas no final de cada um dos capítulos que trataram, por um lado, da análise e discussão dos dados à luz do modelo de análise variacionista e da pesquisa atitudinal; e, por outro lado, do fenômeno lingüístico em pauta, sob a perspectiva da teoria fonológica não-linear.

Observou-se, a partir da análise realizada, que existe uniformidade no comportamento dos padrões lingüísticos que caracterizam a comunidade em estudo, no que diz respeito à palatalização.

Tal constatação, por sua vez, possibilitou confirmar a hipótese de que a variação existente é condicionada. Isso, evidentemente, permitiu que se levantassem as circunstâncias lingüísticas e sociais que favorecem o emprego de formas variáveis.

Verificou-se, por um lado, que o uso da palatalização, vista como regra geral, manifesta-se acentuadamente entre as classes sociais alta e média, na

faixa etária entre 15 e 47 anos, independentemente do sexo, e ainda nos estilos considerados mais formais.

Por outro lado, o uso da despalatalização, vista como a forma nova que ameaça a estabilidade da regra, encontra respaldo na classe social baixa, na faixa etária acima de 47 anos, independentemente do sexo, e com índices expressivos nos estilos considerados mais informais. Deve-se ainda ressaltar que essa forma é também favorecida pelo processo de hipercorreção, detectado entre os falantes da classe social média, ao utilizarem esses últimos estilos.

Dos fatores lingüísticos que mais favoreceram a ocorrência da forma despalatalizada, revelaram-se significativos: a sibilante coronal, a palatal e a posição tônica. A sibilante, por partilhar com a oclusiva dental o traço [-alto]; a palatal, por um processo dissimilatório, favorecido pelos efeitos do OCP; e a posição tônica, por refletir uma mudança *untargeted*.

Pode-se concluir também que a palatalização, por ser mais utilizada nos estilos formais, e por aqueles detentores de maior poder aquisitivo e grau de escolaridade mais elevado, constitui a forma de prestígio; enquanto a despalatalização, que empresta à regra o caráter de variável, por ser mais freqüente nos estilos informais, e na classe baixa, representa a forma estigmatizada.

Com vista à pesquisa atitudinal, constatou-se que

ambos os processos ocorrem inconscientemente, o que confirma a hipótese levantada; e que a consciência linguística dos falantes, quanto a formas diferenciadas de falar, está ligada a aspectos supra-segmentais que caracterizam o falar regional.

Quanto aos aspectos tratados à luz da fonologia não-linear, Fonologia Auto-segmental e Geometria dos Traços, constatou-se que a palatalização deve ser vista como o espraiamento do traço [+coronal] da vogal e consequente mudança do traço [+anterior] da consoante para [-anterior]. Tal fato, como se verificou, pode ser alcançado através da fonologia moderna, que permite a representação da regra verticalmente, indicando que os traços que dão conta dos diferentes graus de altura (abertura) da vogal estão situados em nódulos separados.

Em relação à despalatalização, ficou comprovado que se está diante de um processo de perda de regra, representado, por sua vez, pela desassociação do traço responsável pela palatalização da oclusiva dental.

Do que foi exposto, deduz-se que não só foram atingidos os objetivos propostos, como também foram confirmadas as hipóteses levantadas.

Por fim, deve-se acrescentar que o conhecimento desta realidade linguística, aqui analisada, fornece alguma contribuição tanto para o estudo descritivo/explorativo das

gramáticas particulares, como também da teoria lingüística em geral.

Espera-se que os resultados a que se chegou ofereçam pistas para futuras averiguações em qualquer uma das áreas trabalhadas, trazendo, dessa maneira, maior enriquecimento para o campo dos estudos lingüísticos , tanto em nível regional como nacional.

Além disso, espera-se que o conhecimento da realidade lingüística analisada propicie o desenvolvimento, principalmente em nível regional, de uma concepção menos discriminatória diante de fenômenos lingüísticos variáveis, que são estigmatizados pelos detentores de formas de prestígio, que, na estratificação social, constituem as camadas privilegiadas.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- 1) ABERCOMBIE, David. *Elements of general phonetics*. Edinburgh : University Press, 1967.
- 2) AGHEYSI, R., FISHMAN, J. A. *Language attitude studies: a brief survey of methodological approaches*. Anthropological Linguistics, n. 12, p. 131-57, 1970.
- 3) ALLPORT, G. W. The historical background of modern social psychology. In LINDZEY, G. (ed.) *Handbook of social psychology*. Cambridge : Mass., Addison-Wesley, p. 13-56, 1974.
- 4) d'ANGLEJAN, A., TUCKER, G.R. Sociolinguistic correlates of speech styles in Quebec. In SHUY, R.W., FASOLD, R.W. (eds.). *Language attitudes: Current trends and prospects*. Washington : University Press, p. 1-27, 1973.
- 5) ANISFIELD, M. BOGO, N., LAMBERT, W. E. *Evaluational reactions to accent speech*. Journal of Abnormal and Social Psychology, n. 65, p. 223-31, 1962.
- 6) BISOL, Leda. *Harmonização vocalica: uma restrição variável*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- 7) _____ . *A palatalização e sua restrição variável*, 1985, 63 p. mimeo.
- 8) _____ . *Estudos*, n. 5, p. 151-162, 1986.
- 9) BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Tradução por Alma Flor Ada de Zubizarreta. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933. Tradução de: *Language*, 1964.
- 10) BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge : Cambridge University Press, 1985.

- 11) CALLOU, Dinah Maria Isensel. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.
- 12) CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 11. ed. Petrópolis : Vozes, 1982.
- 13) CAMPBELL, Lyle. *Phonological features : problemas and proposals*. Language, v. 1, n. 50, p. 52-65, 1974.
- 14) CARRANZA, Miguel A. Attitudinal research on Hispanic language varieties. In RYAN, Ellen Bouchard, GILES, A Howard (eds.). *Attitudes towards language variation*. London : Edward Arnold, p. 63-83, 1982.
- 15) CATFORD, J. C. *Fundamental problems in phonetics*. Edinburgh: University Press, 1977.
- 16) CEDERGREN, Henrietta J. The spread of language change: verifying inferences of linguistic diffusion. In: LOWENBERG, Peter H. (ed.). *Language spread and language policy: Issues, implications, and case studies*. Washington, D.C. : Georgetown University Press, 45-60, 1987.
- 17) CEDERGREN, H. J. , SANKOFF, D. *Variable rules: performance as a statistical reflection of competence*. Language v.50, n. 2, p. 333-55, 1974.
- 18) CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 145-61, 1980.
- 19) CHESHIRE, Jenny. The relationship between language and sex in English. In TRUDGILL, Peter (ed.). *Applied sociolinguistics*. London : Academic Press, Inc. p.33-49, 1984.
- 20) CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Tradução por José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra : Arménio Amado, 1975. Tradução de: *Aspects of the theory of syntax*, 1965.
- 21) CHOMSKY, Noam, HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York : Harper & Row, 1968.
- 22) CLEMENTS, G.N. *Palatalization: linking or assimilation*. Papers from the twelfth regional meeting. CLS, p. 96-109, 1976.
- 23) _____ . *The geometry of phonological features*. Phonology Yearbook, n. 2, p. 225-52, 1985.

- 24) _____ *On the representation of vowel height.* Não publicado, 1989.
- 25) CLEMENTS, G. N., FORD, Kevin C. *Kikuyu tone shift and its synchronic consequences.* Linquistic Inquiry, v. 10, n. 2, p. 179-210, 1979.
- 26) COHEN, A.D. *Mexican American evaluational judgements about language varieties.* International Journal of the Sociology of Language, n. 3, p. 33-51, 1974.
- 27) CONKLIN, N. *Toward a feminist analysis of linguistic behaviour.* University of Michigan Papers in Women Studies, v. 1, n. 1, p. 51-73, 1974.
- 28) COOPER, R. L. *Introduction attitudes II.* International Journal of the Sociology of Language, n. 6, p. 5-9, 1975.
- 29) COOPER, R. L., FISHMAN, J. A. *The study of Language attitudes.* International Journal of the Sociology of Language, n. 3, p. 5-19, 1974.
- 30) EDWARDS, J. R. *Language attitudes and their implications among English speakers.* In: RYAN, Ellen Bouchard & GILES, Howard (eds). *Attitudes towards language variation.* London : Edward Arnold, p. 20-33, 1982.
- 31) ENCREVE, Pierre. *Presentation : linguistique et sociolinguistique.* Langue Française n. 34, p. 3-16, 1977.
- 32) EWEN, Colin J. *The internal structure of complex segments.* In: HULST, Harry van der, SMITH, Norval. (eds.). *The structure of phonological representations.* (Parte II). Dordrecht: Foris, p. 27-68, 1982.
- 33) FISHBEIN, M. & AJZEN, I. *Belief, attitude, intention, and behaviour.* Reading: Addison-Wesley, 1975.
- 34) FISHMAN, J. A. *Sociolinguistics: A brief introduction.* Rowley: Newbury House, 1971.
- 35) FISHMAN at al. *Bilingualism in the Barrio.* Bloomington: Indiana University Language Sciences Series, 1971
- 36) FOLEY, James. *Foundations of theoretical phonology.* Cambridge : Cambridge University Press. 1977.
- 37) GARDNER, Robert C. *Learning another language : a true social psychological experiment.* Journal of Language and Social Psychology, n. 2, p. 219-40, 1983.

- 38) GAUCHAT, L. *L'unité phonétique dans le patois d'une commune*. Halle: Max Niemeyer, 1905.
- 39) GILES, Howard. *Evaluative reactions to accents*. *Educational Review*, v. 22, n. 3, p. 211-27, 1970.
- 40) GILES, H., BOURHIS, R. Y., DAVIES, A. Prestige speech styles: the imposed norm and inherent value hypothesis. In: McCORMACK, W., WURM, S. (org.). *Language in anthropology IV: Language in many ways*. The Hague: Mouton, p. 589-96, 1979.
- 41) GILES, H. et al. *The imposed norm hypothesis: a validation*. *Quarterly Journal of Speech* n. 60, p. 405-10, 1974.
- 42) GILES, H. & HEWSTONE, Miles. *Cognitive structures, speech, and social situations: two integrative models*. *Language Sciences*, v. 4, n. 2, p. 187-219, 1982.
- 43) GILES, H. et al. Research on language attitudes. In: AMMON, Herausgegeben von Ulrich; DITTMAR, Norbert, MATTHEIER, Klaus J. (eds.). *Sociolinguistics*. New York/Berlin: Walter de Gruyter, v. 1, p. 585-97, 1987.
- 44) GILES, H., POWESLAND, P.F. *Speech style and social evaluation*. London : Academic Press, 1975.
- 45) GOLDSMITH, John A. *Autosegmental Phonology*. Tese de Doutorado, MIT, 1976.
- 46) . *The aims of autosegmental phonology*. In: DINNSEN, Daniel A. *Current approaches to phonological theory*. Bloomington, Indiana University Press, p. 202-23, 1979.
- 47) GRAMMONT, Maurice. *Traité de phonétique*. 3^e ed. Paris: Delagrave, 1946.
- 48) GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Doctoral dissertation, University of Pennsylvania, 1981.
- 49) . *Saliency and the direction of syntactic change*. Cornell University, 1986. mimeo.
- 50) . *Language and social class*. In: NEWMEYER, Frederick J. (ed). *Linguistics: The Cambridge Survey*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 4, p. 37-53, 1988.

- 51) GUY, Gregory R. et al. *An intonational change in progress in Australian English*. Language in Society, n. 15, p. 25-51, 1986.
- 52) HALLE, Morris, VERGNAUD, Jean Roger. On the framework of autosegmental phonology. In: HULST, Harry van der, SMITH, Norval(eds.). *The structure of phonological representation* (Part I). Dordrecht : Foris, p. 65-82, 1982.
- 53) HAYES, Bruce. *Assimilation as spreading in Toba Batak*. Linguistic Inquiry, v. 17, n. 3, p. 467-99, 1986.
- 54) HELFRICH, Hede. Age markers in speech. In: SCHERER, Klaus R., GILES, Howard (eds.). *Social markers in speech*. Cambridge : Cambridge University Press/Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris, p. 63-96, 1979.
- 55) HOCKETT, Charles. *Curso de linguistica moderna*. Tradução por Emma Gregores e Jorge Alberto Suarez, Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires. 1971. Tradução de: A Course in modern linguistics, 1958.
- 56) HORVATH, B. *Variation in Australian English : a sociolinguistic study of English of Sydney*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- 57) HUMBOLDT, Wilhelm von. *Linguistic variability & intellectual development*. Tradução por George C. Buck e Frithjof A. Raven Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971. Tradução de: Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts, 1836.
- 58) HULST, Harry van der. *Syllable structure and stress in Dutch*. Dordrecht : Foris, 1984.
- 59) HULST, Harry van der, SMITH, Norval. An overview of autosegmental phonology. In: HULST, Harry van der, SMITH, Norval(eds.). *The structure of phonological representation*. (Parte I). Dordrecht: Foris, p. 1-46, 1982.
- 60) INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Sinopse preliminar do censo demográfico*, v. 1, Tomo 1, n. 14, 1981.

- 61) IORDAN, Iorgu. *Introdução à Linguística romântica.* Tradução por Júlia Dias Ferreira. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962. Tradução de: *Einführung in die geschichte und methoden der romanischen sprachwissenschaften.*
- 62) JESPERSEN, Otto. *Huwanidad, nacion, individuo.* Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina, p. 34-5, 1947.
- 63) KEATING, Patricia A. *Palatals as complex segments: X-ray evidence.* UCLA. Working Papers in Phonetics, n. 69, p. 77-91, 1988.
- 64) KENSTOWICZ, Michael. *Gemination and spirantization in Tigrinya.* Studies in the linguistic sciences 12.1, Department of Linguistics, University of Illinois, Urbana, 1982.
- 65) KENSTOWICZ, Michael, KISSEBERTH, C. *Generative phonology.* New York : Academic Press, 1979.
- 66) KROCH, Anthony S. *Toward a theory of social dialect variation.* Language & Society n. 7, p.17:36, 1978.
- 67) LABOV, William. *The social stratification of English in New York City.* Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- 68) _____ . *Contraction, deletion, and inherent variability of The English copula.* Language, v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.
- 69) _____ . *Sociolinguistic patterns.* Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972.
- 70) _____ . *The social origins of sound change.* In: LABOV, W.(ed.). *Locating language in time and space.* Philadelphia University of Pennsylvania, p. 251-64, 1980.
- 71) _____ . *What can be learned about change in progress from synchronic description?* In: SANKOFF, David, CEDERGREN, H. (eds.). *Variation omnibus.* Carbondale and Edmonton, Linguistic Research, Inc, p. 177-199, 1981.
- 72) _____ . *Field methods of the project on linguistic change and variation.* In: BAUGH, J., SHERZER, J.(eds.). *Language in use.* Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall Inc. p. 28-53, 1984.

- 73) LABOV et al. *A study of the non-standard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York City.* Final report, Cooperative Research Project 3288, 2 vols. Philadelphia, 1968.
- 74) LADEFOGED, P., HALLE, M. *Some major features of the International Phonetic Alphabet.* Language, v. 2, n. 64, p. 577-83, 1968.
- 75) LAMBERT, W. E. *The social psychology of bilingualism.* Journal of Social Issues, n. 23, p. 91-109, 1967.
- 76) LAMBERT, W. E. et al. *Evaluational reactions to spoken languages.* Journal of Abnormal and Social Psychology, n. 60, p. 44-51, 1960.
- 77) LAVANDERA, Beatriz R. *Variación Y significado.* Buenos Aires : Hachette S. A., 1984.
- 78) LEBEN, William. *Suprasegmental phonology.* Tese de Doutorado, MIT, 1973.
- 79) LEBEN, William R. & ROBINSON, Orrin W. *Upside-down phonology.* Language, v. 53, n. 1, p. 1-20, 1977.
- 80) LEMLE, Miriam, NARO, A.J. *Competências básicas do português.* Rio de Janeiro : Mobra, 1977.
- 81) LEWIS, E. G. *Attitude to language among bilingual children and adults in Wales.* International Journal of the Sociology of Language n. 4, p.103-21, 1975.
- 82) LOPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect).* Tese de Doutorado, UCLA, 1979.
- 83) MADDIESON, Ian. *Patterns of sound.* Cambridge: Cambridge, University Press, 1984.
- 84) MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa.* São Paulo, Atlas S.A., 1986.
- 85) MARTINET, André. *Elementos de linguística geral.* Tradução por Jorge Moraes-Barbosa, Lisboa : Sá da Costa, 1964. Tradução de: Eléments de linguistique générale, 1960
- 86) MASCARÓ, J. *Phonological levels and assimilatory processes.* Universitat Autònoma de Barcelona, 1983.
- 87) McCARTHY, John J. *Feature geometry and dependency: a review.* Phonetica, v. 43, n. 45, p. 84-108, 1988.

- 88) McGUIRE, W. J. *The nature of attitudes and attitude change.* In: LINDZEY, G., ARONSON, E.(eds.). *Handbook of social psychology.* Reading: Addison-Wesley, v. 3, 1969.
- 89) MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale.* Paris: Librairie Ancienne Honore Champion, 1948.
- 90) MESTER, R. Armin. *Studies in tier structure.* New York: Garland, 1986.
- 91) _____ . Dependent tier ordering and the OCP. In: HULST, Harry van der , SMITH, Norval, (eds.). *Features, segmental structure and harmony processes.* Dordrecht : Foris, 1988.
- 92) MESTER, R. Armin. , ITO, Junko. *Feature predictability and underspecification: palatal prosody in Japanese mimesis.* *Language*, v. 65, n. 2, p. 258-93, 1989.
- 93) MILROY, L. *Language and social networks.* Blackwell: Oxford, 1980.
- 94) MOHANAN. K. *The structure of the melody.* MIT and National University of Singapore, 1983.
- 95) MOLLICA, Maria Cecilia de Magalhães. *Quessmo e Dequeismo no Português do Brasil.* Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- 96) NARO, A. J. *The social structural dimensions of a syntactic change.* *Language*, v. 57, n.1, p.63-98, 1981.
- 97) NARO, A. J., LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sanford et al. (eds.). *Papers from the parassession on diachronic syntax.* CLS, p. 221-41, 1976.
- 98) OLIVEIRA, Marco Antonio de. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. In: VEADO, Rosa Maria Assis(org.). *Ensaio de Linguística.* Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte: UFMG, n. 7, p. 71-89, 1982.
- 99) OSGOOD, C.H. May , TANNENBAUM, P. H. *The principle of congruity in the prediction of attitude change.* *Psychological Review*, n. 62, p. 42-55, 1955.
- 100) OSGOOD, Charles, TANNENBAUM, P. H., SUCI, G. *The measurement of meaning.* Urbana : University of Illinois Press, 1957.

- 101) OSKAMP, S. *Attitudes and opinions*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1977.
- 102) PAUL, Herman. *Princípios fundamentais da história da língua*. 2.ed. Tradução por Maria Luisa Scheimann. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966. Tradução de: Prinzipien der sprachgeschichte, 1880.
- 103) POPLACK, Shana. Variation theory and language contact: concepts, methods and data. A aparecer In: PRESTON, D. (ed.). *American dialect research: an anthology celebrating the 100th anniversary of the American Dialect Society*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 2-33, 1990.
- 104) RICKFORD, John R. *The needs for new approaches to social class analysis in sociolinguistics*. Language & Communication, v. 6, n. 3, p. 215-21, 1986.
- 105) ROMAINE, Suzanne. *Stylistic variation and evaluative reactions to speech: problems in the investigation of linguistic attitudes in Scotland*. Language and Speech, v. 23, n. 3, p. 213-232, 1980.
- 106) ROUSSEAU, Pascale, SANKOFF, David. Advances in variable rule methodology. In : SANKOFF, David. (ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, p. 57-68, 1978.
- 107) ROUSSELOT, L'abbé. *Les modifications phonétiques du langage*. Paris : H. Welter, 1891.
- 108) RYAN, Ellen Bouchard. Why do low-prestige language varieties persist? In: GILES, H., St. CLAIR, R.N.(eds.). *Language and social psychology*. Oxford: Basil Blackwell and Baltimore: University Park Press, p.145-57, 1979.
- 109) RYAN, Ellen Bouchard, GILES, Howard, SEBASTIAN, Richard J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: RYAN, Ellen Bouchard, GILES, Howard (eds.). *Attitudes towards language variation*. London : Edward Arnold p.119, 1982.
- 110) SANKOFF, David. *VARBRUL programs*. 1986, 33 p. mimeo.
- 111) _____ . *Sociolinguistics and syntactic variation*. In: NEWMAYER, Frederick J (ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 140-61, 1988.

- 112) SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral*. 5. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1973. Tradução de: *Cours de linguistique générale*, 1916.
- 113) SCHANE, Sanford. *The phoneme revisited*. Language, v. 2, n. 47, p. 503-521, 1971.
- 114) SCHEIN, B. Spirantization in Tigrinya. In: BORER, H., AOUN, J. (eds.). *Working papers in Linguistic 3*. Department of Linguistic and Philosophy, MIT, Cambridge, 1981.
- 115) SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em Português*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- 116) SELKIRK, Elisabeth O. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, The MIT Press, 1984.
- 117) SHUY, R., FASOLD, Ralph W. (eds.). *Language attitudes: current trends and prospects*. Washington D. C.: Georgetown University Press, 1973.
- 118) SILVA, Miriam Barbosa da. *As pretónicas no falar baiano*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- 119) SLOAT, C., TAYLOR, S. H., HOARD, J. E. *Introduction to phonology*. Londres : Prentice-Hall, Inc., 1978.
- 120) SROUR, Robert Henry. *Classes, regimes, ideologias*. São Paulo, Atica , p. 146-156, 1987.
- 121) STERIADE, Donca , SCHEIN, B. *On geminates*. Linguistic Inquiry, v. 17, n. 4, p. 691-744, 1986.
- 122) STURTEVANT, E. *An introduction to linguistic science*. Newhaven: Yale University Press, 1947.
- 123) SWEET, Henry. *The history of language*. London: J.M. Dent, 1900.
- 124) TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo : Atica, 1985.
- 125) _____. *Tempos Linguísticos*. São Paulo, Atica, 1990.
- 126) THRAINSON, H. *On the phonology of Icelandic preaspiration*. Nordic Journal of Linguistics, n. 1, p. 3-54, 1978.

- 127) TROUBETZKOY, N. S. *Principles de phonologie*. Tradução por J. Cantineau. Paris: Klincksieck, 1976. Tradução de: *Grundzüge der Phonologie*.
- 128) TRUDGILL, Peter. *The social differentiation of English in Norwich*. London: Cambridge University Press, 1974.
- 129) TUCKER, G. R., LAMBERT, W.E. *White and Negro listeners-reactions to various American-Dialects*. Social Forces, n. 47, p. 68-83, 1969.
- 130) VENDRYES, J. *El lenguaje*. Tradução por Manuel de Montoliu e José M. Casas. Barcelona: Editorial Cervantes, 1943. Tradução de: *Le langage*
- 131) VOTRE, Sebastião J. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978.
- 132) WELLS, R. S. *The pitch phonemes of English*. Language, v. 1, n. 21, p. 27-39, 1945.
- 133) WOLFRAM, Walt. *A sociolinguistic description of Detroit + negro speech*. Washington D. C. Center for applied linguistics. 1969.
- 134) WOLFRAM, Walt, FASOLD, Ralph W. *The study of social dialects in american English*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc. 1974.
- 135) WOLFSON, N. *Speech events and natural speech: some implications for sociolinguistic methodology*. Language in Society, n. 5, p. 189-209, 1976.

ANEXO I

QUESTIONARIO

1 - Nome:

2 - Endereço:

3 - Local de nascimento:

4 - Idade:

5 - Local de nascimento do pai:

6 - Local de nascimento da mãe:

7 - Sempre residiu em Alagoinhas?

() sim

() não

8 - Grau de escolaridade:

9 - Renda mensal do chefe da família:

10 - Qual a profissão que exerce?

11 - Caso venha a ser selecionado, você se dispõe a conceder
uma entrevista para nossa pesquisa?

() sim

() não

12 - Se sim, qual o melhor horário e local para você?

Horário: _____

Local: _____

ANEXO 2

ESTILO: LISTA DE PALAVRAS

amaldiçoar
atirar
batismo
bem-te-vi
bigode
cana-de-acúcar
cativo
chocolate
cidade
correntes
cortina
disco
depois de amanhã
dentista
dentes
dinheiro
dividir
desde
desobediente

desdizer
desdita
direito
direto
dia
divórcio
despertador
descalço
doce de leite
elefante
estante
esmalte
edifício
engraçadinho
futebol
feitiço
garotinho
grade
gatinho
gatilho
gargantilha
gordinha
hôstia
identidade
incêndio
indicador
índio

intestino
jardim
jardineiro
lagartixa
leite
lua-de-mel
mãe-de-santo
maldição
maldita
medicina
médico
mentira
médio
morde
mordida
multidão
multiplicar
noite
norte
nortista
paredes
pensativa
pente
perde
pintinho
plástico
poste

presidente
pudim
quentíssima
rádio
rede
remédio
rodilha
sete
short
serrote
teatro
tesoura
tia
tigela
tijolo
time
tinta
tio
tirar
tomate
triste
ventilador
verde

ANEXO 3

ESTILO: LEITURA DE FRASES

01.

No dentista, a cortina, usada para dividir o ambiente, dava para o jardim, onde o jardineiro, pensando no dinheiro, cortava com uma tesoura a grama verde que cobria o poste cheio de correntes junto à parede de tijolo.

02.

Os dentes do elefante rasgaram o intestino do garotinho gordinho que estava no edifício, e a multidão, pensativa e triste, nem sequer chamou um médico ou mesmo um estudante de medicina.

03.

Desde o dia sete que a quentíssima noite faz o nortista tirar a gargantilha, botar um short e sair descalço direto para o mar.

04.

Atrás da grade, a mãe-de-santo fazia um feitiço com uma

lagartixa, um tomate, um pente e uma lata de tinta para o time de futebol não tirar o índio do jogo.

05.

Ao ouvir o despertador, ele foi até a estante, pegou o esmalte e começou a pintar o quadro de um homem de bigode a atirar contra uma cidade na hora de um incêndio.

06.

O pintinho comeu o chocolate do pudim, ele quase perde a vida.

07.

O menino desobediente, depois de falar uma porção de mentiras, começou a desdizer o que foi dito na hora do batismo.

08.

Na lua-de-mel, o noivo pegou uma arma e puxou o gatilho, e como uma maldição atirou na noiva, mas a maldita não morreu.

09.

Depois de amanhã, eles mostraram o padre que vai amaldiçoar aquele que pedir divórcio.

10.

Ele colocou o disco direito, como indicador de que tudo

estava bem.

11.

No norte, em uma peça de teatro, o rapaz, ao comer o doce de leite, começou a mastigar, como se fosse multiplicar o doce.

12.

O presidente recebeu a hóstia na rede junto ao ventilador.

13.

Ao tomar o remédio, o rapaz morde a língua e perde a identidade.

14.

Para aumentar a desdita, a rodilha embaraçou no serrote e quebrou a tijela que era de plástico.

15.

Os dentes do menino quebraram a corrente.

16.

O bem-te-vi cativo fugiu para a plantação de cana-de-açúcar e pousou em cima do rádio do menino engraçadinho.

ANEXO 4

ESTILO: QUESTÕES ABERTAS*

- 1 - Você já teve oportunidade de viajar para outros lugares a passeio?
Para onde?
O que mais lhe agradou e o que menos agradou nestes lugares?
- 2 - O que pensa a respeito de Alagoinhas?
- 3 - Quais as principais festas populares que existem aqui?
Como são essas festas?
- 4 - O que você faz durante os dias da semana?
- 5 - Qual sua distração predileta?
- 6 - Como você define o ódio, a saudade, o medo e o amor?
Já teve oportunidade de vivenciar cada um deles?
- 7 - Qual a coisa mais agradável e a menos agradável que lhe aconteceu?

8 - Você já passou por alguma situação em que estivesse correndo sério risco de vida?

Como ocorreu?

9 - O que você pensa do futuro?

Você acredita em destino?

Como pode explicar?

10 - Fale alguma coisa sobre a sua profissão.

11 - Como é o seu relacionamento com as pessoas com quem convive?

* Além dessas onze questões, que foram feitas a todos os informantes, outras foram acrescentadas, dependendo de aspectos individuais (trabalho, escola, etc.) ligados a cada um deles. Por representar um número muito grande de questões, houve-se por bem não inseri-las no trabalho. Também neste estilo foram formuladas as questões referentes à atitude lingüística.

RESUMO

Este trabalho constitui um estudo da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, sob a perspectiva do modelo de análise variaçãoista, com representação possível à luz da fonologia não-linear. O corpus utilizado é o dialeto falado na comunidade de Alagoinhas (Bahia). Inicialmente, descreve-se e explica-se o conjunto das variáveis extralingüísticas e lingüísticas, constatando-se que o fenômeno lingüístico em pauta reflete um estágio de variação ameaçado em sua estabilidade pelos contextos que, ao restringi-lo, favorecem a penetração de uma forma nova: a despalatalização. Ao serem analisadas as atitudes lingüísticas dos falantes, constata-se que ambas as formas ocorrem inconscientemente. A luz da fonologia não-linear, tanto a palatalização como a despalatalização são representadas verticalmente: enquanto a primeira é vista como espraiamento de traco, a última implica sua desassociação. Este trabalho, pois, é uma contribuição para o estudo descritivo e explicativo de gramáticas particulares e para a teoria lingüística em geral.

ABSTRACT

This thesis is a study of the palatalization of the dental stops /t/ and /d/ under the focus of the variationist analysis model, with a possible representation in the light of non-linear phonology. The corpus of the study is the dialect spoken by the Alagoinhas (Bahia) community. A first stage is dedicated to the description and explanation of the extra-linguistic and linguistic variables, where we observe that the linguistic phenomenon analysed reflects a variation stage threatened in its stability by the contexts, which, by restricting it, foster the penetration of a new form: the depalatalization. The study of speakers' linguistic attitudes shows that both forms develop unconsciously. In the light of the non-linear phonology, the palatalization and depalatalization are vertically represented; while the first is considered a spreading feature, the second implies its disassociation. Thus this thesis is a contribution to the explicative and descriptive study of particular grammars and to linguistic theory in general..

RESUME

Cette thèse est une étude de la palatalisation des occlusives dentales /t/ et /d/ sous l'angle du modèle d'analyse variationnelle, la représentation en étant possible à la lumière de la phonologie non-linéaire. Le corpus employé est le dialecte parlé au sein de la communauté d'Alagoinhas (Bahia). Une première étape est consacrée à la description et à l'explication de l'ensemble des variables extra-linguistiques et linguistiques, où il est constaté que le phénomène linguistique en question reflète une étape de variation menacée dans sa stabilité par les contextes qui, en le restreignant, encouragent la pénétration d'une nouvelle forme: la dépalatalisation. L'analyse des attitudes linguistiques des parleurs révèle que les deux formes se déroulent de façon inconsciente. Sous l'optique de la phonologie non-linéaire, aussi bien la palatalisation que la dépalatalisation sont représentées verticalement: tandis que la première est considérée un allongement de trait, la deuxième implique sa désassociation. Ce travail est donc un apport à l'étude descriptive et explicative de grammaires particulières et à la théorie linguistique en général.